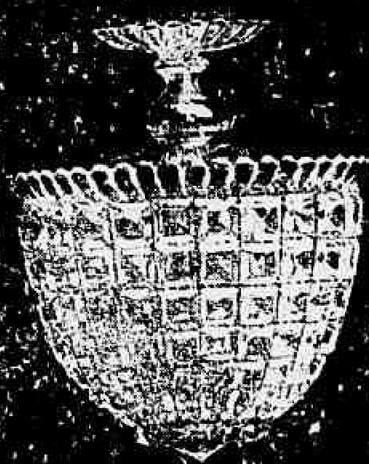


A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

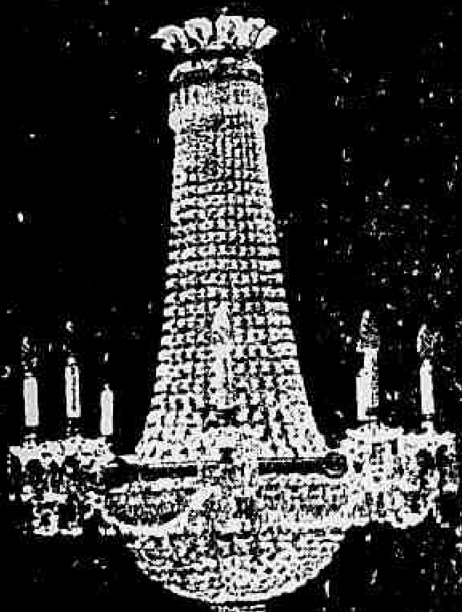
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.



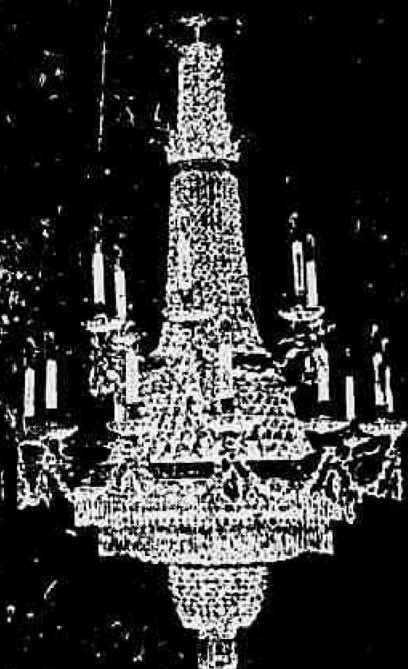




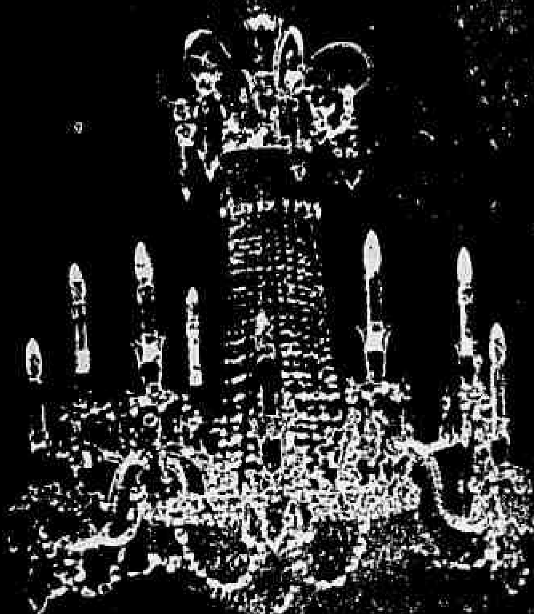
Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.



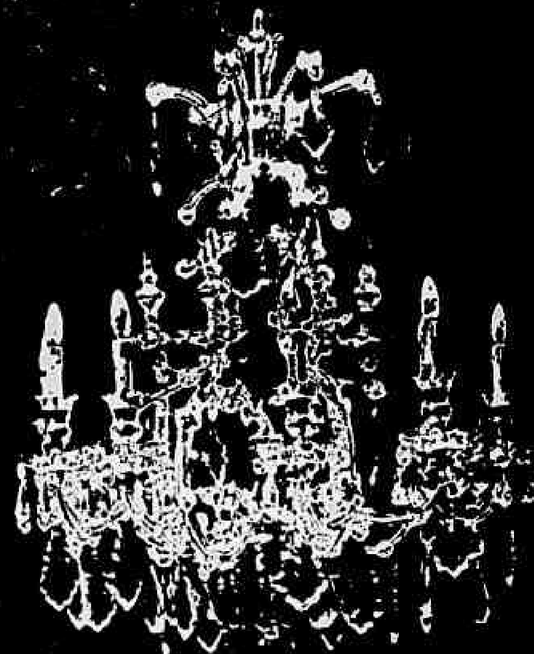




ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA







LUSTRES
**MASUET**
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958
S. PAULO





O REI É MORTO! VIVA A RAINHA!

# CREPE E FLORES SÔBRE O TRONO INGLÊS

**MORRE GEORGE VI, SOBERANO DA INGLATERRA, E ASCENDE AO TRONO A PRINCESA ELIZABETH. ★ LUTO E JÚBILO, SEGUNDO A VELHA EXPRESSÃO: "O REI É MORTO. VIVA O REI!" ★ TRAÇOS DA VIDA DO REI EXTINTO**

GEORGE VI da Grã-Bretanha já não viu a madrugada de 6 de fevereiro. Seus olhos, que o sofrimento vinha lentamente velando depois que a moléstia lhe minou o organismo, cerraram-se às 10,30 da noite. Eram precisamente sete e meia da manhã no Rio de Janeiro quando começou o velório no Castelo de Windsor, a mansão real de Londres.

O segundo filho do finado Rei George V e da Rainha Mary nasceu em Sandringham a 14 de dezembro de 1895. Criou-se com uma geração de jovens que saiu diretamente da escola para a guerra. O irrompimento da guerra em 1914 encontrou-o já como oficial da Marinha. Apresentou-se na tôrre de vante do "Collingwood", na Batalha da Jutlândia.

Depois da guerra de 1914-1918 ainda cursou a Universidade de Cambridge e em 1920 foi feito Duque de York. Em 26 de abril de 1923 casou-se com Lady Elizabeth Bowes-Lyon, a filha mais jovem de uma antiga casa escocesa, a do 14º Conde de Strathmore e Kinghorne.

Após o casamento, o Duque e a Duquesa aproveitaram tôdas as oportunidades de visitar diversas partes do Império Britânico, inclusive Kenya,

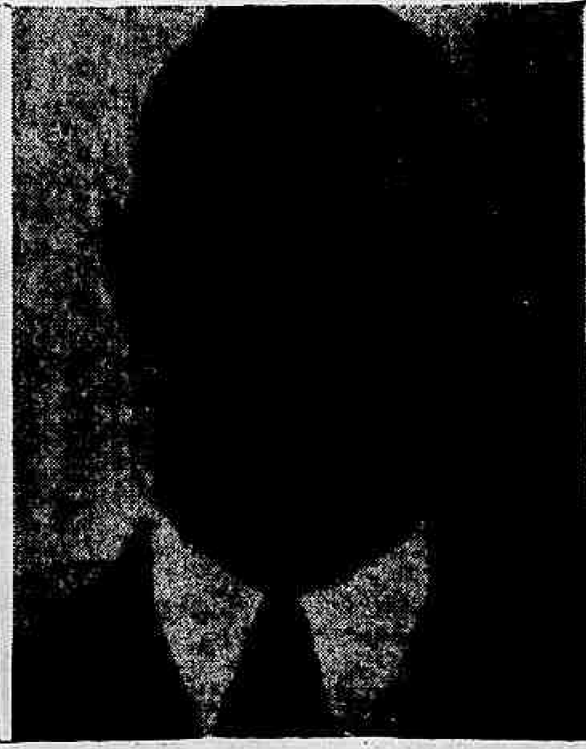
## UM PRÍNCIPE CRESCE PARA O TRONO



**Albert Frederick Arthur George, em 1896. Filho segundo, um dia seria Rei**



**Adolescente, durante a I Guerra, George tomou parte na batalha de Jutlândia**



**Pouco antes de seu consórcio com Lady Elizabeth Bowes-Lyon, celebrado em 923**



**Foto feita em 1936, quando George, com 41 anos, iria suceder seu irmão no trono**

# CREPE E FLORES SÔBRE O TRONO INGLÊS



O príncipe era muito popular e sua simpática figura lhe dava grande cotação entre as mulheres



Os Duques de Kent (título que usavam êle e sua mulher antes da proclamação), à saída de um templo



Eduardo VIII, antigo Príncipe de Gales, cuja abdicação abriu para George o caminho do trono

Uganda e Sudão, em 1924, e Austrália e Nova Zelândia, em 1927.

Como Duque de York interessou-se particularmente pela indústria e pelos famosos campos à beira-mar, aos quais levou em conjunto, numa sociedade não-oficial, igual número de rapazes das fábricas e das melhores escolas, compartilhando êle mesmo dos jogos.

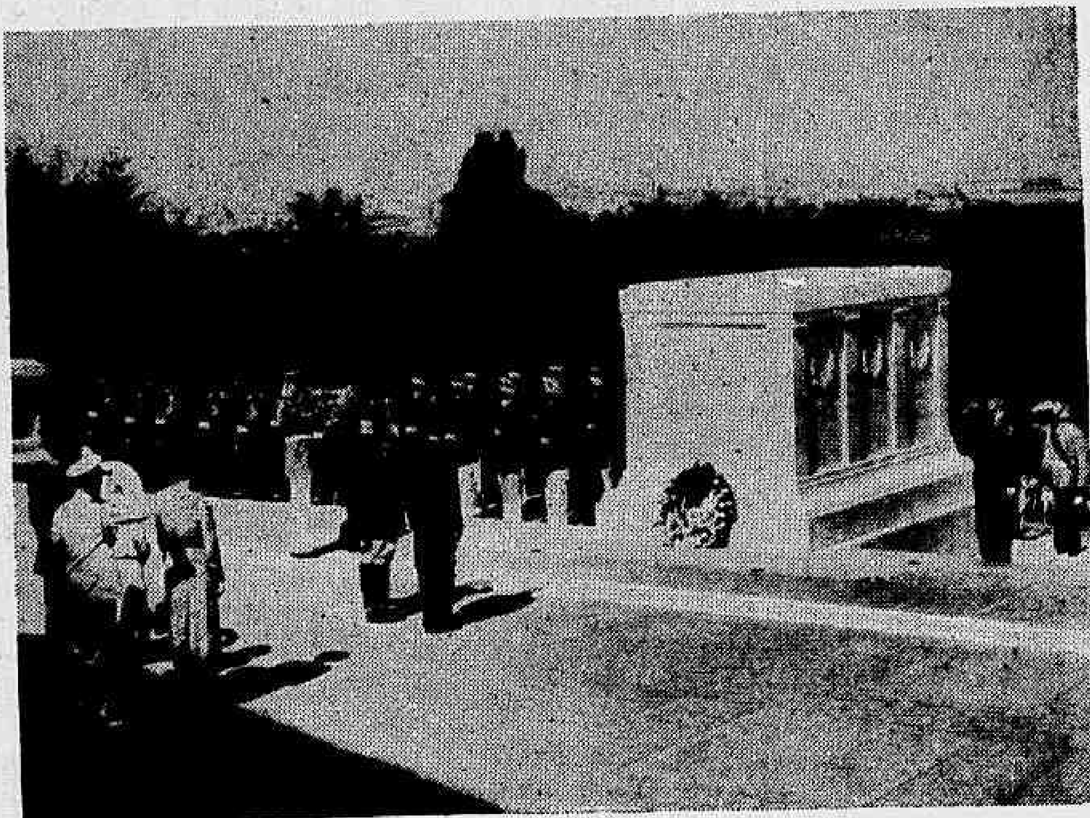
A Princesa Elizabeth, a herdeira presuntiva do Trono, nasceu a 21 de abril de 1926, e a segunda filha, a Princesa Margaret, a 21 de agôsto de 1930.

Ao abdicar o Rei Edward VIII, o Príncipe George o sucedeu no trono em 11 de dezembro de 1936 e foi coroado Rei da Grã-Bretanha, Irlanda e dos Domínios Britânicos através os Mares, na Abadia de Westminster, a 12 de maio de 1937.

O Rei George VI e a Rainha Elizabeth visitaram o Canadá e a América poucos meses antes de estourar a Segunda Guerra Mundial e a 3 de setembro de 1939 o Rei irradiou sua solene mensagem do Palácio de Buckingham, tomando seu lugar, de acôrdo com a tradição de seus ancestrais, à frente de seu povo para enfrentar o inimigo. Uniformizou-se imediatamente, como Almirante da Esquadra, e não mais foi visto em público em trajes civis até que a vitória foi conseguida. Como Rei, foi o Comandante Supremo das Fôrças Armadas.

Durante a grande investida da Luftwaffe em 1940-41 o Rei e a Rainha permaneceram a maior parte do tempo em Londres e andaram abertamente entre seu povo nos dias dos maiores bombardeios aéreos, partilhando seus sofrimentos. Nove vêzes, durante a guerra, o Palácio de Buckingham foi bombardeado.

Na primeira oportunidade que se apresentou depois da guerra o Rei recomeçou suas visitas a diversas partes da Comunidade e tôda a família real fêz uma visita oficial à União Sul-Africana em 1946, no fim da qual foi anunciado o noivado de sua filha primogênita, a Princesa Elizabeth,



No Cemitério de Arlington (Estados Unidos da América) o Rei hoje falecido deixa uma coroa no túmulo do Soldado Desconhecido e perfila-se em continência



Em companhia do Marechal Montgomery e de outros oficiais do Exército, em pleno campo inglês, o Rei George VI preside uma cerimônia comemorativa



O Rei da Inglaterra em visita às tropas americanas na África do Norte em plena Segunda Grande Guerra. Ao seu lado, um oficial norte-americano



**O príncnpe que não esperava ser rei, durante a solenidade da coroação, no ano de 1336, feita com todo o esplendor das velhas cerimônias medievais**



**A família real da Inglaterra, por ocasião do batizado do príncipe Richard, no "Castelo de Windsor". Sentadas, as duas ex-rainhas e a atual, Elizabeth**

com o Príncipe Philip da Grécia, e feita a apresentação da Princesa Elizabeth na qualidade de herdeira presuntiva ao trono.

Em 1948, o Rei e a Rainha celebraram as bodas de prata, durante um ofício na Catedral de São Paulo, e em março do ano seguinte o Rei foi obrigado a submeter-se a uma operação para aliviar a contração da artéria de sua perna direita.

O Rei George VI mereceu, por sua perseverante dedicação no trabalho, sua tranquila dignidade e gestos generosos ,a estima e a afeição profunda não só de seus súditos na Comunidade e no Império, mas também dos povos de muitas outras nações.

Apesar de ser um monarca estritamente constitucional sua influência sábia e benfazeja fez-se sentir nos negócios de Estado, seguindo sempre o curso do govêrno em todos os seus complexos detalhes, com a capacidade e a compreensão que caracterizam um homem consciencioso.

George VI sucumbiu a um mal cuja natureza muito veladamente era referida na imprensa internacional, mas que justamente se supõe ter sido um câncer maligno. Ainda recentemente, a fim de aliviar seus dolorosos padecimentos e na tentativa desesperada de lhe salvar a vida, os médicos haviam procedido à extração de um dos pulmões.



**O Rei George VI com o Oitavo Exército na Itália, na solenidade em que concedeu o grau de cavaleiro a Sir Oliver Leesse, general do reino unido**

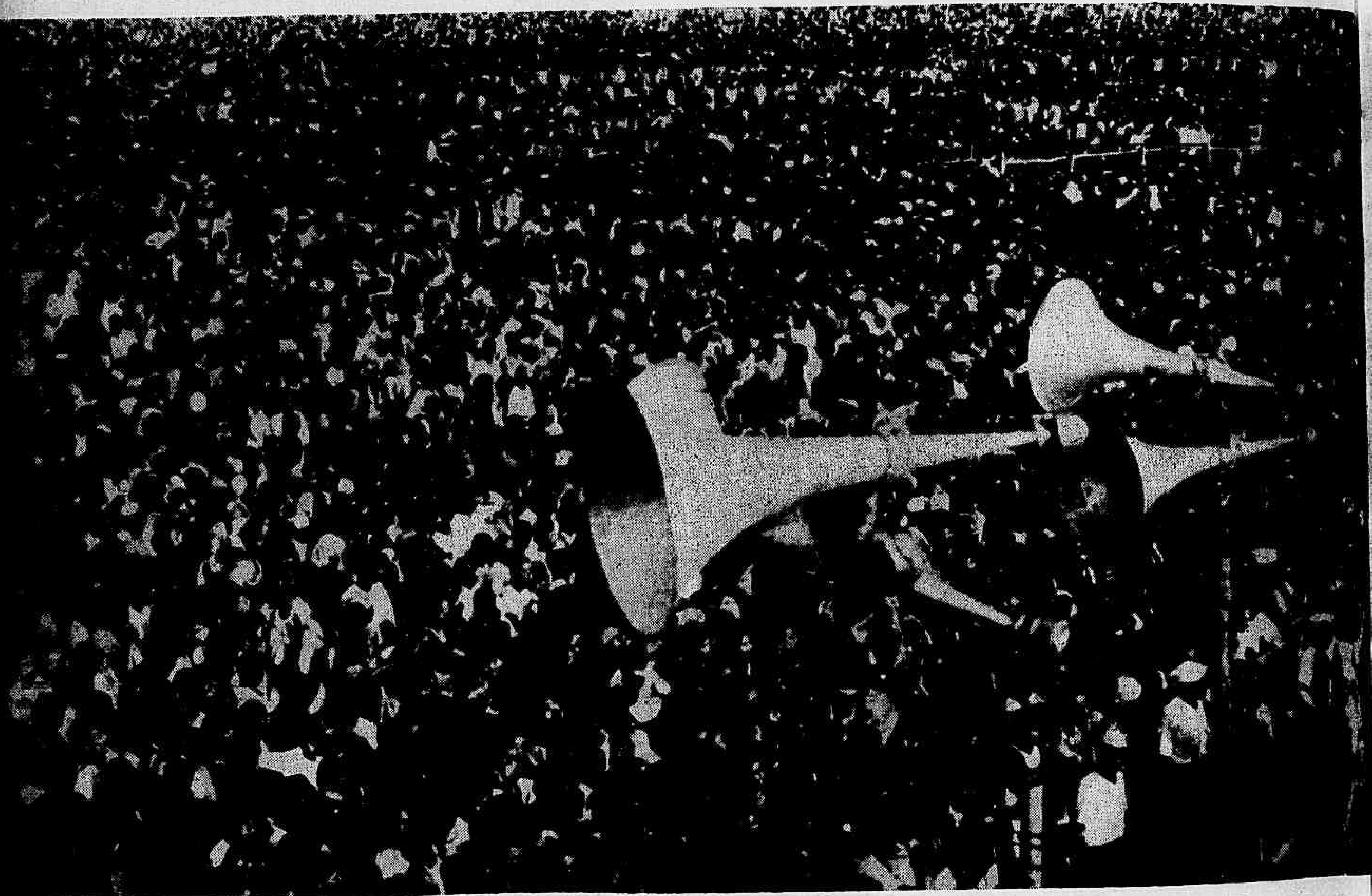


**O Rei George e o Presidente Franklin Roosevelt, quando o monarca e sua espôsa, viajando do Canadá, chegavam à "Union Station", em Washington**



**Uma tradição da nobreza britânica: — O Rei e a Rainha assistem às corridas, no hipódromo de Epsom, sob o olhar curioso das pessoas presentes**

# GIGANTESCA EXPERIÊNCIA ELEITORAL NA ÍNDIA



MEIO MILHÃO de pessoas foi convocado para os serviços eleitorais. O flagrante acima foi tomado em um curso de instrução eleitoral

## ELEIÇÕES NACIONAIS MAS EM DIAS DIFERENTES ★ O CANDIDATO PAGA SUA INSCRIÇÃO PARA DISPUTAR UMA CADEIRA NO PARLAMENTO ★ ÁRVORES E ANIMAIS COMO DISTINTIVOS PARTIDÁRIOS



UMA MULHER hindu exibe sua identidade perante uma mesa eleitoral, em Bengala, minuto antes de depositar seu voto

AS massas populares da Índia marcharam para as urnas na maior eleição democrática que o mundo jamais viu. Por tôda a região do vasto país, desde os enevoados cimos do Himalaia até as costas batidas pela ressaca, no Sul, desde a ocidentalizada Bombaim até a populosa bacia do Ganges, o povo foi chamado a exercer, pela primeira vez, o direito de voto.

O govêrno realizou um esfôrço monstruoso a fim de assegurar que nela tomasse parte qualquer cidadão em condições: 224 mil postos eleitorais, fiscalizados por mais de 500.000 funcionários foram postos à disposição de 175 milhões de eleitores.

Uma data única para o pleito seria impossível de ser determinada, por motivo de ordem administrativa. Os distritos mais distantes realizaram o pleito em primeiro lugar. Depois, as áreas maiores, mais adiantadas e politicamente mais importantes: Madrasta, Bombaim, Bengala Ocidental e Uttar Pradosh votaram e de sua decisão dependerá o futuro da Assembléia do Govêrno de Pandit Nehru.

O Premier indiano percorreu o país em "tournée" veloz, pelo ar, por "jeep", por trem e por via fluvial, fazendo comícios, respondendo a críticas e pedindo votos. Declarou, quase de maneira direta, que a oposição nunca poderá governar a Índia. Sua desunião e sua adolescência política impedem a formação de coalizões ou mesmo a formação de uma frente de ação anti-congressista. Existem, na Índia, cêrca de 40 partidos de esquerda, que se diferenciam apenas por detalhes doutrinários. Existe uma multidão de candidatos independentes. Cada pessoa que tenha dinheiro suficiente para pagar a inscrição pode aspirar a uma das 4412 cadeiras do Parlamento ou das várias assembléias estaduais.

(Cont. na pág. 51



NO COMÍCIO de propaganda que realizou em Calcutá, o «premier» Nehru foi ouvido por uma multidão calculada em setecentos e cinquenta mil pessoas



PALANQUE ERGUIDO em Calcutá, do qual Nehru se dirige à massa popular. O distintivo que se vê é o do Partido do Congresso

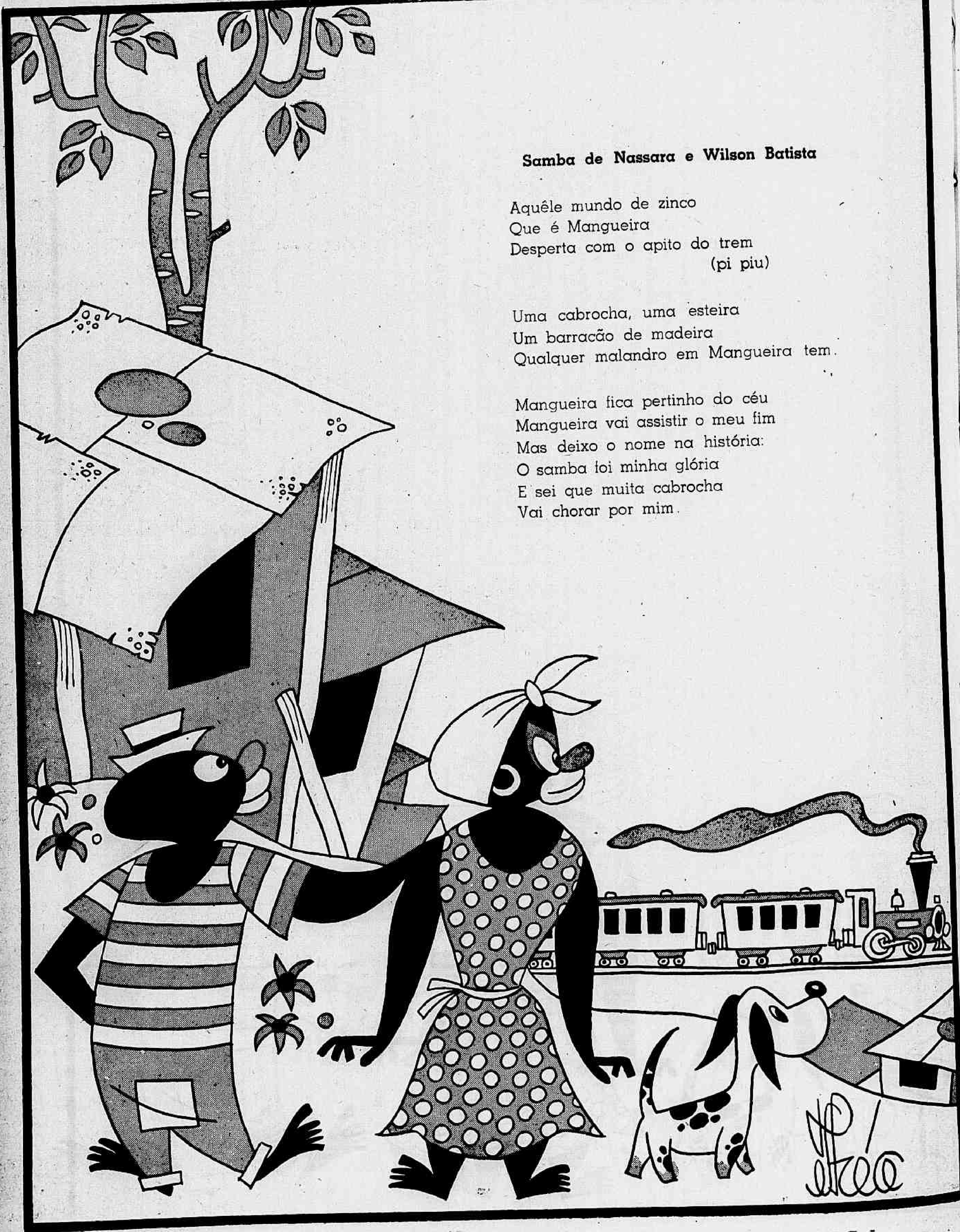


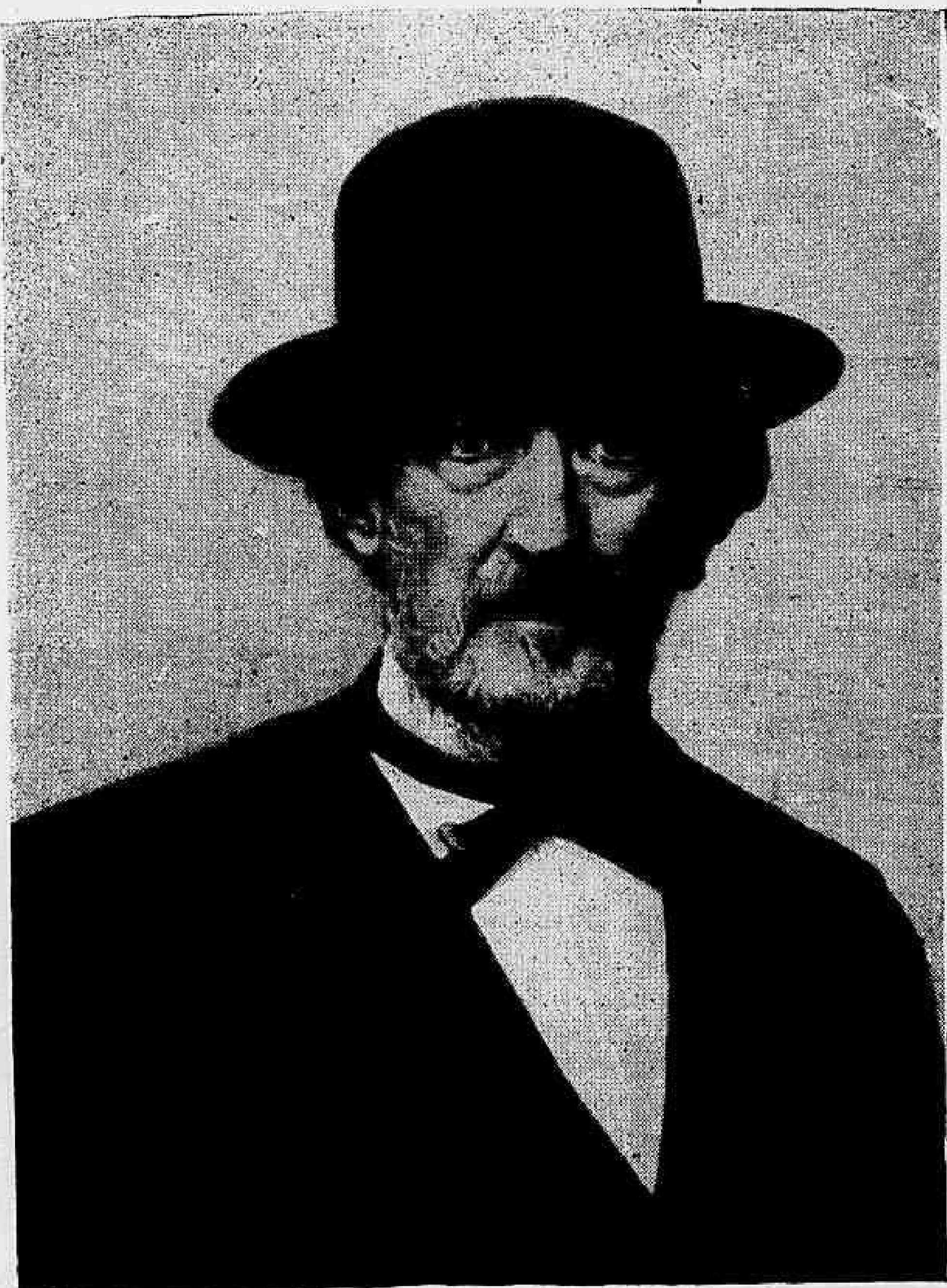
«VOTE NO PARTIDO do Congresso — Vote em Nehru», diz o cartaz de propaganda, um dos milhares que se viam nas ruas de Bengala



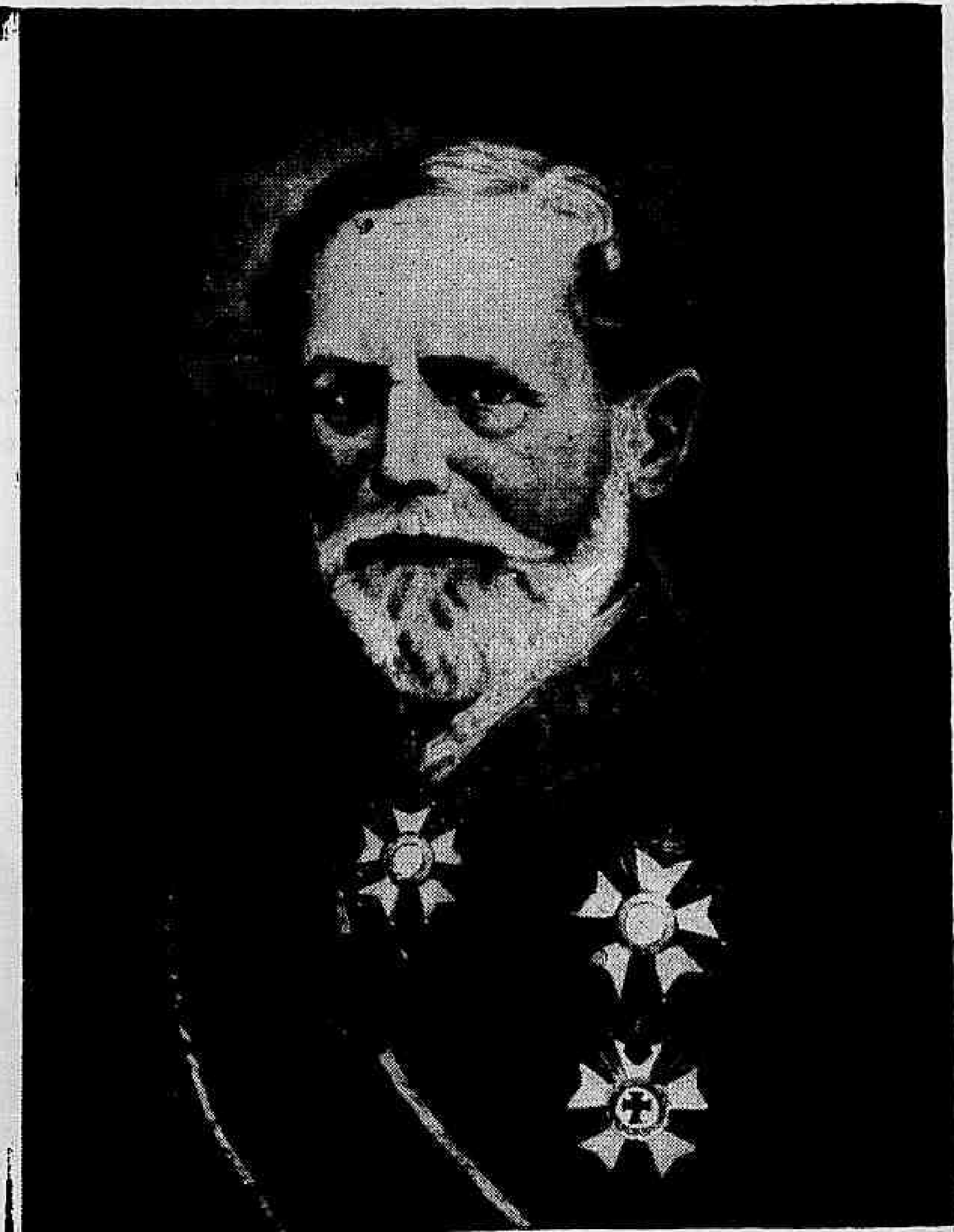
A IDENTIFICAÇÃO dactiloscópica empregada na Índia tem a particularidade de usar as impressões da terceira falange do dedo indicador

# MUNDO *de* ZINCO





MITRE



PÔRTO ALEGRE

# Caseros, 1852

SEMPRE haverá duas Argentinas e uma delas se viu abatida em Caseros, na batalha cujo centenário se festejou a 3 do corrente mês: a Argentina de Rosas, que veio a produzir novo rebento com Perón.

A outra Argentina combatia ombro a ombro com os brasileiros e uruguaios, fraternal nas armas como nos ideais, encarnada nas figuras de Urquiza e de Mitre.

A Argentina bárbara se fixa na máscara de Facundo e obedece às fôrças mais primitivas de sua formação, dominada pelo complexo da expansão imperial.

A outra Argentina se exprime com Sarmiento, rude intérprete da saga platina e pintor genial do seu contrário Facundo, voltada para as conquistas do progresso e da civilização.

Caseros foi o cemitério da Argentina bárbara, pouco importando que ainda se pretenda revolver os sonhos ali há cem anos enterrados. Menos que uma vitória militar, a batalha de 3 de fevereiro foi um triunfo político. Na manhã de fogo de Caseros nasceu uma Argentina para a pórfia pacífica nos quadros da cooperação panamericana, desdobrada numa galeria de nomes gloriosos: Mitre, Sarmiento, Pelegrino, Rocca, Saenz Peña.

Houvessem as armas rosistas esmagado o exército de Urquiza, outros seriam os destinos da América do Sul. Uruguai, Paraguai e Rio Grande teriam desaparecido dentro de fronteiras argentinas, a Bolívia veria sua independência ameaçada, os ponchos e as lanças do Vice-Reinado reconstituido desfeririam seu vôo de morte através do continente.

Cem anos volvidos sôbre a batalha de Caseros atendemos portanto ao dever de lembrá-la, porque somos sangue do sangue que ali se derramou e usufrutuários da paz que êle cimentou.

São todos mortos, os heróis antigos: soldados de Caxias e marinheiros de Grenfell. Mas, na atmosfera dessas presenças invisíveis, as modernas gerações recordam o valor da divisão brasileira, que sustentou a pior posição sob o fogo de Caseros, a mando do Brigadeiro Marques de Souza, futuro Conde de Pôrto-Alegre.

São todos mortos - e vivos como jamais. Porque dormem, imortais, sob a lousa que traz uma inscrição centenária: Caseros, 1852.

ALCEU MARINHO REGO

# Sumário


REPORTAGENS

Crepe e flores sôbre o trono inglês ...... 3/5
Gigantesca experiência eleitoral na Índia 6/8
Um pioneiro da arte abstrata (Carlos da Cunha) .................................... 12/15
Eu vi a guerra de perto (Fernanda Reis) .. 16/19
Côco — ritmo do Nordeste (José Siqueira) 28/31
Êle compôs "Lili Marlene" .............. 32/33

LITERATURA

Caseros, 1852 (Alceu Marinho Rego) ..... 9
Diário de amor de Suzana (Moysés Duek). 26/27
Luciana (Thereza de Almeida) .......... 34/35
O Barão "Tabaco" (Geo William) ........ 39

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) .... 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em revista ..................... 10/11
Personagem da Semana .................. 11
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ... 44
Puxe pelo cérebro ..................... 50
Palavras Cruzadas ..................... 51
Tudo isto aconteceu ................... 52/53
A REVISTA há 50 anos .................. 58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob .............. 24/25
Amor à primeira vista ................. 38

CINEMA

Quatro gerações aplaudiram "A Dama das Camélias" ............................ 34
Assassinato entre estrêlas (Cine-novela) .. 48/49

HUMORISMO

Mundo de Zinco (Théo) ................. 8

FEMININAS

Em cima da hora (Carnaval) ............ 36/37
Sugestões elegantes (Figurino) ......... 40/41
Cinco sugestões para você (Figurino) .... 42/43


ILUSTRAÇÕES

Gybson de Freitas — Amilde Pedrosa — Rafael

FOTOS

APLA — Stuckert — Nódgi — Avulsas

NA CAPA:




Esther Williams
(Foto M.G.M.)



# A SEMANA

## Um problema inesperado



ESTA foi mesmo fora de qualquer cogitação. Como todos sabemos, o ano de 1952 começou feroz, contra a economia do povo consumidor. Dentre os vários aumentos sôbre aumentos, estava a carne fresca em nossos açougues. Já era cara e passou a caríssima. Um quilinho de alcatra para bife a 28 cruzeiros, como era vendida em vários açougues de Copacabana, é, positivamente, uma calamidade. E sempre vem com um contra-pêso de sebo ou pelancas... Filé, nem se fala, pois passou a ser objeto de vitrina de joalharia da rua do Ouvidor. Carne com osso, a 24 cruzeiros, também era coisa lícita. A pobre dona de casa adquiria um quilo. Depois de tratada, retiradas as partes indevováveis e os ossos, repesava e suspirava: 450 gramas. Para oito pessoas! Um inferno. Mas, que fazer? Os fornecedores, com a liberação da carne, estavam contentíssimos e já faziam seus cálculos sôbre o super-lucro no fim do exercício. Mas sobreveio uma dessas pelas quais ninguém espera: o retraimento da clientela. O fenômeno começou a ser pressentido em Niterói.. As donas de casa da capital fluminense fizeram fincapé: não se compra mais carne. Está pronto. E foram abastecer-se de outras coisas: verduras, frutas, peixes, caranguejos, siris, produtos enlatados. Os açougues começaram a ficar às moscas. Firmas que consumiam 500 quilos, pediram duzentos. De Niterói passou para o Rio, e aqui também se manifestou a greve branca. Um vespertino fêz uma visita a mais de quinze "talhos", e, em todos os seus marchantes estavam marchando para o aniquilamento. A baixa de venda, em alguns, chegava a 60%! E a carne está baixando... Já há quem venda alcatra a 20!

## O amigo fiel



*QUANDO a gente começa a freqüentar a escola primária, seja em idade infantil, seja na dos adultos a alfabetizar, sempre se houve o mestre dizer: "O cão é o amigo fiel do homem". E os exemplos chovem. Há casos em que, explicados êstes por professôras emotivas, há até lágrimas da catedrática e de alunos mais sensíveis. Mas, segundo lemos numa reportagem de vespertino desta capital a 28 de janeiro p.p. será que ainda continuamos a reconhecer no cão o "amigo mais fiel do homem"? Eis o triste e deshumano episódio que muito contradiz os nossos sentimentos de piedade cristã: Pela manhã do dia 27 de janeiro, apareceu um cãozinho de pêlo alvo, mas muito mal tratado, a deitar sangue em alguns lugares do corpo sujo, procurando asilo à entrada do edifício 22, da rua Pires de Carvalho, nas Laranjeiras. A primeira pessoa que o viu, gritou: "Cão danado!" Foi a conta. Meninos, moleques, desocupados, em algazarra começaram a martirizar o pobre cão sem dono, a pedradas, pontapés, enquanto o infeliz animal tentava, trêmulo e aflito, defender-se dos golpes dos seus espancadores. A rua inteira se alvoroçou e já havia quem estivesse a procurar metralhadoras para fuzilar o cão... Estava uma multidão empenhada na caça ao infeliz cãozinho, quando surgiu uma alma bondosa e digna de biografia: Antônia Maria Fernandes, doméstica, de feições angélicas. Voltando-se para os apedrejadores, disse-lhes: "Deixem o cãozinho. Se querem atirar pedras, joguem-nas em mim. Êste cão não está raivoso. Está com mêdo". E o pobre cão lhe dirigiu um olhar agradecido e lacrimoso, sendo acariciado por sua salvadora. Mas já haviam chamado a carrocinha, e esta o levou para o sacrifício final...*

## Carnaval sem préstitos

NINGUÉM desconhece que o Carnaval do Rio se destaca dos demais brasileiros, pelo desfile das chamadas grandes Sociedades, que fazem desfilar, na noite do último dia, os seus empolgantes préstitos, com carros alegóricos de belo efeito. O Carnaval de rua, pròpriamente dito, está decante. Desapareceu o corso de automóveis com aquelas memoráveis batalhas de serpentinas e confete; o uso da máscara é hoje insignificante; os blocos a cantar e a dançar pelas ruas, praças e avenidas já é quase invisível. Há um novo sistema de Carnaval: o dos bondes. Os carros da "Light" são tomados de assalto. Ficam entupidos, com gente a pular, a cantar, a bater por todos os lados, a arrebentar cortinas, balaustres, etc., pelo prazer satânico de quebrar o que não lhes pertence. E' tal a fúria dêsses "foliões", que as emprêsas de anúncios recolhem todos os cartazes de seus contratos de publicidade, e a própria "Light" retira as lâmpadas de seus carros. São quatro dias de absoluta irresponsabilidade ambulante. Os condutores não podem cobrar as passagens, pois que, desde sábado, os veículos estão por conta dos que se habituaram a ir de um ponto a outro das linhas, sem pagar, entregues ao instinto da anarquia e da irreflexão. Pois êste ano, segundo declarações à imprensa, seis grandes sociedades carnavalescas decidiram não desfilar com os seus cortejos. Apenas uma, os velhos Democráticos, pelo fato de possuirem barracão próprio, sairá na noite do último dia. E' uma notícia que entristece, pois é nesse ponto que o nosso Carnaval mais se recomenda e satisfaz. Se não há desfile de préstitos, o Carnaval do Rio se vulgariza e caminha para o aniquilamento completo. Nem o "frevo" o salvará...



# EM REVISTA

## Insolação



O dia 30 de janeiro na capital federal se caracterizou por várias subidas. Subiu muita gente para Petrópolis, subiram os preços de vários gêneros, subiu o salário de motoristas e de trocadores de ônibus, e, por fim, subiu o termômetro. Como vemos, nem sempre as subidas são nefastas. Os que sobem para gozar nas serras e florestas altas de mil metros, os encantos reconfortantes das temperaturas amenas, quando os que ficam no vale estão a morrer torrados, devem sentir-se como num céu côr de ouro sôbre azul. Os que receberam a agradável noticia de que os seus vencimentos subiram, também devem ficar contentes. E, por mais paradoxal que seja, a subida de preços das utilidades, passagens em barcas, trem e bondes, também traz alegrias; mas aos que recebem os aumentos... Dêsse balanço de fim de mês o que maior aflição causou foi a subida termométrica. O calor do Rio, que já é conhecido em tôdas as partes do planéta, e chegará à lua e a Marte, quando mantivermos intercâmbio com o astral, começou terrivel em 1952. No primeiro dia de sua visita, tentando matar cinco pessoas do Andaraí ao Jacazèzinho. Isso segundo consta do noticiário da imprensa. Os casos que não chegaram ao dominio da Assistência Pùblica, devem ter sido muito mais vultosos. Mas, felizmente, os socorros imediatos evitaram que o calor ambiente completasse o serviço, e as vitimas da insolação já recuperaram a tranqüilidade e voltaram ao que eram antes. Uma campanha se faz urgente no Rio, nesta época de soalheira intensa: a de orientar-se o povo para evitar a insolação: não beber alcool; não comer feijoadas, gorduras; usar roupas leves, evitar o excesso de gelados, o sol, os excessos fisicos.

## Limpeza urbana




VAMOS repetir aqui uma *calinice;* mas o leitor há de concordar conosco. Há duas limpezas urbanas: a do lixo e a do individuo amoral. A primeira é missão da Prefeitura, enquanto a outra, da policia de costumes. Ambas são da maior necessidade numa capital como esta. Os processos de combate é que são diferentes. Enquanto o lixo pode ser incinerado, não se vai pedir o mesmo sistema para o lixo humano, embora êste nem mereça isso. Mas o comissário Padilha está procurando limpar a cidade dessa outra espécie de lixo. Dizem que tem cometido arbitrariedades, excessos, violências. Não nos compete afirmar nem negar; mas de uma coisa estamos certos — os rufiões e exploradores de mulheres marcadas pelo mais cruel destino, estão sendo escorraçados de maneira exemplar. Segundo uma reportagem de "A Noite", o comissário Padilha pôs em prática um meio pitoresco de identificar os individuos asquerosos das zonas baixas da capital federal. Calcula a degenerescência dos meliantes pela proporção da bôca das calças. Se, vestida, não deixa passar um limão pela abertura, é o delinqüente procurado. Levam-no para a delegacia e ali, antes do mais, tosam-lhe a cabeleira a máquina zero! E' a famosa história dos tempos do "Rapa-Côco". Feito isto, processo em cima dos malandros e cadeia com êles. Muito útil seria que tais individuos fôssem pegar no pesado aí em alguma instituição oficial, de preferência no interior. Mete-lhe nas mãos uma enxada, um arado, uma forja, qualquer coisa que substituisse as unhas brunidas e róseas e a cabeleira tingida de louro... Trabalhar, no duro, com essa gente, e, se não entram na linha, que os mandem atravessar o aceano... a nado!

## Como pode o peixe vivo...




*A politica, entre nós, tem caprichos e tradições bastante curiosas. Basta uma pessoa ser elevada a certos cargos de mais subida responsabilidade pública, desde o municipio ao govêrno federal, para ficar privada de certas liberdades perfeitamente reconhecidas ao comum dos mortais. Por exemplo: andar, despreocupadamente nas ruas; freqüentar um cinema; ir ao banho de mar; tomar um bonde; fazer a barba no barbeiro; dançar numa festa particular ou pública; pescar, caçar, jogar gamão com o farmacêutico mais próximo e sinuca em qualquer bilhar de esquina. Ora, o governador de Minas, o simpático Juscelino Kubitschek, filho da encantadora cidade de Diamantina, — a mais alta do Brasil —, é louco por uma dança. E dizem que, em excursão pelo interior do seu Estado, leva sempre a alegria de seu espirito afável a quantos se acerca de sua pessoa. Uma das maneiras mais próprias de uma criatura irradiar alegrias é dançar marchinhas e quadrilha. Nada de "blues" e coisas sonolentas. O samba-canção é dormideira e arranca suspiros em lugar de boas gargalhadas. O governador de Minas é um cidadão naturalmente alegre, jovial, irradiando simpatia. Por isso mesmo os politicos caem em cima dêle e o censuram. Recentemente, indo a Diamantina, dançou e cantou uma marchinha, "que diz assim":*

"Como pode o peixe vivo
Viver fora d'água fria,
Como posso eu viver
Sem a tua companhia..."

*Foi a conta. O "escândalo" estourou até na Câmara Federal dos senhores deputados. Mas, será que os nossos homens públicos têm que ser condenados no ascetismo bisonho apenas porque são governadores, deputados ou presidentes?*

# A PERSONAGEM DA SEMANA


Juan Manuel Fangio

DOMINGO, 3 de fevereiro de 1952. Os entusiastas do autobolismo esperavam, ansiosamente, a realização do VII Circuito da Quinta da Boa-Vista, Grande Prêmio João Carlos Vital. O dia estava chuvoso; mas, apesar disso, a afluência foi considerável. Doze volantes, dentre êstes verdadeiros campeões como Gonzalez, Fangio (argentinos), Teffé, Landi (brasileiros) se alinharam para a largada. As esperanças dos brasileiros estavam concentradas em Francisco Landi, devendo-se estabelecer duelo empolgante entre êles e os argentinos. E os amantes do esporte da velocidade viram suas esperanças chegarem a aproximar-se da vitória decisiva, quando Landi chegou a manter-se na dianteira. Gonzalez — o vencedor da Gávea de 1952 — retirou-se da prova, ficando a competição principal entre Landi e Fangio. Embora com um carro de potência inferior ao do seu rival platino, Landi o ameaçava constantemente, arrancando aplausos da multidão que bordava a pista em tôda a sua tortuosa e longa extensão. Infelizmente duas vitimas pagaram com a vida o prazer de participar dessa festa esportiva: o motociclista Zanolini e o espectador Raul Vieira Rangel, atingido pela roda da máquina de Bianco, quando esta se chocou com o carro de Pinheiro Pires. Dos doze concorrentes, apenas sete conseguiram completar o circuito. Após a mais renhida luta de que se tem memória na Quinta da Boa-Vista, coube a Juan Manuel Fangio, já consagrado vencedor da prova «Interlagos», em janeiro último, a glória de levantar o primeiro lugar na VII Corrida da Boa-Vista, perfazendo o circuito em 1h.42m.17s. e 3/10, colocando-se em segundo lugar, o corredor brasileiro Francisco Landi, com 1h.42m.21s. e 5/10. Ambos dirigiam máquinas «Ferrari», e atrairam as atenções dos espectadores, num duelo que ficará lembrado na memória dos desportistas cariocas. E' animador o surto do esportismo automobilistico que se nota ùltimamente entre nós, atraindo para as pistas do Rio e de S. Paulo, verdadeiros campeões do volante, dentre os quais se destaca o herói da semana: Juan Manuel Fangio.


**QUER SER ESCRITOR?**

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

**Desânimo**
**Abatimento**



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

**Trate-se**

**Use *Regulador* Gesteira**

***Regulador* Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

**Comece hoje mesmo**
**a usar *Regulador* Gesteira**

# UM PIONEIRO DA ARTE ABSTRATA



Recanto do ateliers de Freundlich, em Paris, onde morava desde 1939

# A EXPOSIÇÃO PÓSTUMA DE OTTO FREUNDLICH, ORGANIZADA POR SUA VIÚVA ★ PARIS RECORDA E ADMIRA O EXPOENTE DA "ARTE DEGENERADA" ★ UM TEMPERAMENTO SOLITARIO E UM TRABALHADOR SERENO.

Por CARLOS DA CUNHA

Desenho a pena, pertencente à Coleção Peggy Guggenheim

*PARIS, (Pelo "Bandeirante" da Panair)*

VISITA o atelier de Otto Freundlich que sua viúva, Mme. Freundlich Kosnic-Kloss, franqueou ao público por ocasião da exposição da obra póstima do grande artista.

Vítima da crueldade nazista, perseguido, prêso e depois deportado, Otto Freundlich morreu no exílio em 1943. Sua morte trágica foi o término de uma existência inteira consagrada a um ideal de Bondade e de Beleza.

Deixou uma série de obras de valor em todos os setores das artes plásticas, tan'o na pintura e na escultura como no mosaico, no baixo-relêvo e no afrêsco. Sua atividade fêz-se notar ainda nos domínios da crítica tendo escrito um ensaio, "Recordações de um pintor alemão em Paris" onde, estudando o problema do espiritual na arte, faz a apologia do movimento surrealista, fina flor do pensamento francês d'entre as duas guerras.

Otto Freundilch, alemão de origem, abandonou pouco antes de 1939 a sua pátria para viver na França e impregnar-se, como tantos outros, da mentalidade desta terra privilegiada que atrái como um íman as almas de elite de todo o mundo. E' daqui que sua obra se amplia e percorre tôda a Europa para voltar, após longa trajetória, a seu ponto de partida, aos museus de Colônia e Hamburgo, onde se conservam atualmente algumas de suas melhores telas. Perdida, porém, a maior parte de seus trabalhos na Alemanha. Quando Hitler, em plena campanha de descrédito contra as novas tendências estéticas, organizou em Berlim a famosa exposição da "Arte Degenerada", Freundlich teve a honra de ver figurar sôbre a capa do catálogo a reprodução de uma de suas esculturas. Os nazistas, desde então passaram a cobrí-lo de sarcasmos, destruindo, ao mesmo tempo, as suas obras.

Mas deixemos sorrir os imbecís que odeiam instintivamente aquilo que não compreendem e consideremos de mais perto se a arte não-figurativa, preconizada por Freundlich, merece a definição de "degenerada".

"Pintura concreta e não abstrata" — diz Von Doesburg em seu manifesto — "pois nada é mais concre'o, mais real do que uma linha, uma côr, uma superfície. Uma mulher, uma árvore ou uma vaca, uma vez



Otto Freundlic — um temperamento solitário, uma vocação afirmativa

# UM PIONEIRO DA ARTE ABSTRATA

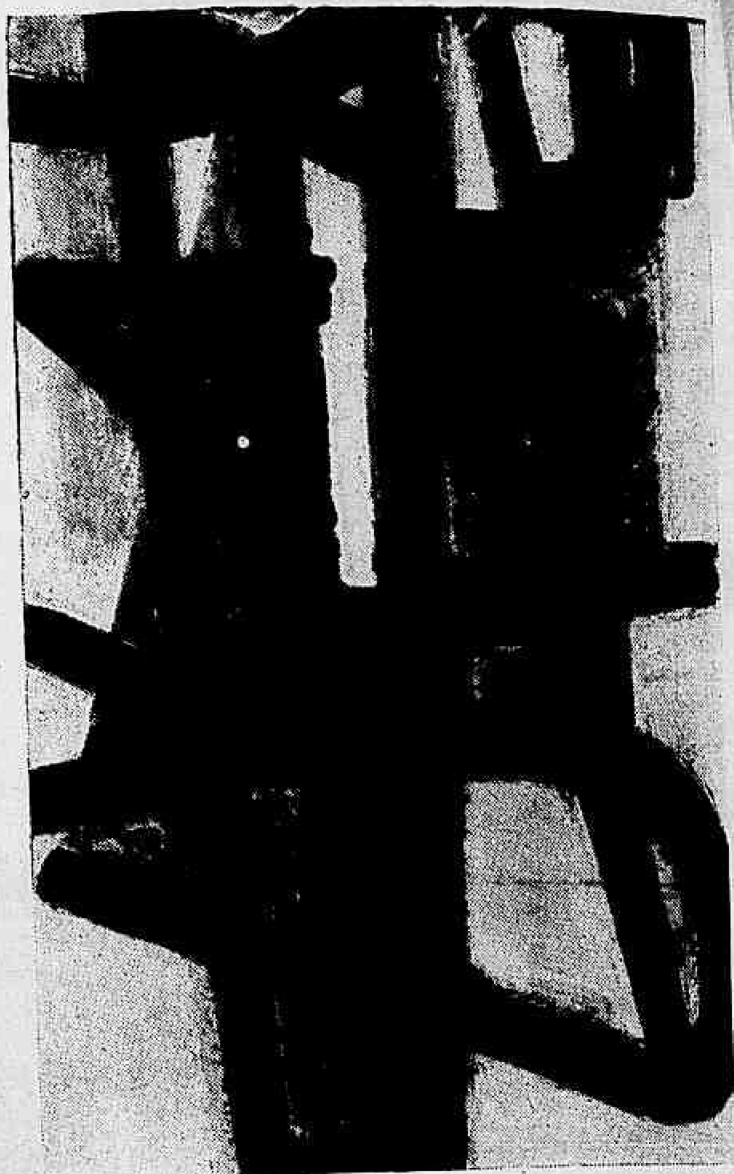
representados sôbre uma tela, são elementos concretos? Não, — uma mulher, uma árvore ou uma vaca são concretos no estado natural mas como pintura são mais abstratos, mais ilusórios, mais vagos, mais especulativos do que um plano ou uma linha".

Há quarenta anos atrás, um grupo de jovens artistas, Kandinsky, Picasso, Freundlich, Delaunay, Miró, Mondrian, declarava guerra contra a rotina do academismo, contra a preguiça de certos hábitos sensoriais. Ensinar a gente a olhar e a ver as coisas com a espontaneidade de uma criança, — tal era o seu lema.

Êsse movimento artístico teve, depois, seus altos e baixos, por vêzes seus eclipses. Hoje em dia, o realismo socialista, defendido pelos comunistas, procura suplantá-lo. Mas a reação atual das fôrças criadoras mais recentes, organizando o "Salon des Réalités Nouvelles" que é, desde 1946, o salão oficial da arte abstrata e que ùltimamente reuniu em Paris 700 obras de dezesseis países, prova indubitàvelmente que não estamos diante de uma moda passageira. Com o recuo necessário de tempo de que hoje dispomos, podemos afirmar que uma revolução artística se produziu no século XX e que nada na história da arte poderá jamais superá-la. Pela primeira vez, depois de dois mil anos, fôrças novas, insaviáveis em seu ímpeto criador, romperam o freio da tradição greco-latina, esgotada, incapaz de renovar-se na fastidiosa monotonia das repetições. Outras fontes de inspiração abriram-se às maravilhas da percepção espontânea: a arte negra, a arte prehistórica, a pintura infantil, a arte românica.



Óleo de Freundlich, uma bela composição de arte abstrata



«Soulages», tela que parece espelhar a alma atormentada do artista

Também a fatura técnica foi renovada por meio da colagem, papel de paredes, fósforos, fôlhas sêcas; materiais estranhos como plexiglass, terra, cascas de ovos, serragem, vidro e carvão moídos começaram a ser empregados tal como nas épocas em que a técnica pictural mantinha estreitas relações com a magia.

Será um retôrno ao primitivismo?

Sem dúvida, a procura do espontâneo na arte moderna poderá parecer equívoca já que semelhante procura é produto de uma cultura velhíssima, consciente da situação insolúvel em que se acha. Isso, porém, é precisamente o que faz a originalidade, o encanto, a verdade desta produção artística: o jôgo enigmático entre o simples e o complexo.

A vida é o que é e nada mais certo do que o equívoco da sua dialética. Ela sorri através das lágrimas, uma alegria desperta da tristeza, um amor floresce duma desilusão...

A ingenuidade da arte do nosso tempo deixa entrever assim o seu fundo filosófico. Seus alicerces repousam sôbre o di-

lema na própria base do conhecimento entre a introspecção e o empirismo, entre o mundo interior e o mundo exterior, entre o "eu" e o "não-eu".

Nesta altura, não é mais possível falar em "degenerecência" e a senilidade cultural transforma-se num movimento perene da história humana, movimento contínuo em tôdas as fases de sua renovação.

A arte abstrata participa assim dum universalismo que é constituido pelo homem e pela livre expressão de sua mensagem.

Citamos acima os nomes de alguns veteranos da arte abstrata. Certamente, cada revolução artística possui os seus valores reais e as suas bem ou mal intencionadas mediocridades. Seguimos com atenção o esfôrço da nova geração de abstracionistas que parecem sofrer quase todos a influência da poderosa personalidade de Klée. Para julgá-los, entretanto, falta-nos ainda perspectiva e somos obrigados a guardar, a seu respeito, uma atitude de prudente espera. Quanto ao "Salon des Réalités Nouvelles", trata-se de uma exposição que dá provas de uma diversidade equivalente às múltiplas nuances que abundam na arte do primeiro quarto do século: fauvismo, dadaismo, cubismo, construtivismo, expressionismo, purismo, etc. As correntes diferem ao sabor da preponderância ou do cruzamento de um ou de outro fator da realidade humana: o subjetivo do mundo interior e o objetivo do mundo exterior. Ora é a observação de si mesmo (a psicologia na arte abstrata); ora é o mundo exterior analisado pelo "eu" pensante (intelectualismo cubista). O pensador do século XX perguntará: E' possível ser objetivo sem tomar conhecimento do subjetivo? — e em seguida empenhar-se-á na ação recíproca dos contrários.

Despertamos de nossas reflexões na "feerie" do atelier de Otto Freundlich que resplandece de tôdas as côres. Sentimo-nos prêso neste arco-íris maravilhoso e transportado para além da terra e de suas formas. Estamos em plena abstração. A pintura dêste artista, impalpável, irradiante, traduz-se apenas pelo simples jôgo dos planos e das côres, sem nenhuma sugestão de volume.

Olhando seus quadros, suas esculturas monumentais, seus mosaicos sàbiamente dispostos, ficamos admirados de que êle seja menos conhecido que seu ilustre amigo Kandinsky. A crítica deveria reparar semelhante injustiça para com Freundlich, temperamento solitário, trabalhador sereno e modesto que a surdez tornava um pouco estranho ao seu ambiente e avêsso à publicidade.

Deixamos o atelier pensando nos artistas que perseveram apesar da incompreensão e da miséria.

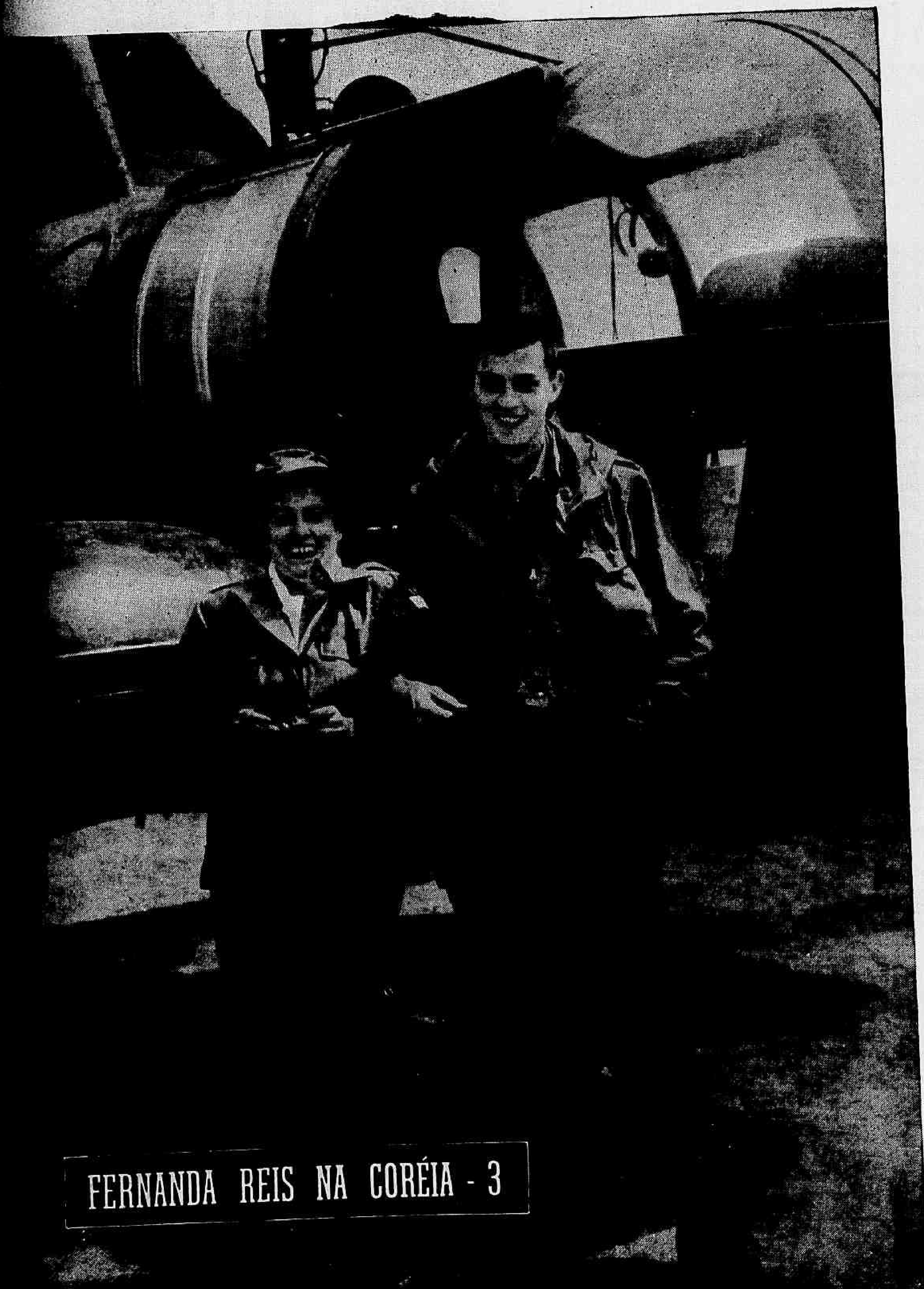
Acompanha-nos até a porta o sorriso amigo de Mme. Freundlich que encontra na própria bondade recursos inesgotáveis contra os golpes do destino.



**Composição em pedra, de Freundlich, mostrando um arrôjo singular**

# EU VI A GUERRA DE PERTO

APITAO A BORDO, VARIAS VÊZES CONDECORADO: — UMA MULHER. ★ A PRIMEIRA PERGUNTA NA CO- EIA: — "VOCÊ VEM DO BRASIL?". ★ A SIRENA DE ALARMA INTERROMPE O PRIMEIRO SONO. ★ SOLDADOS CEGOS E UMA FILEIRA DE MULETAS. ★ AS PRIMEIRAS E TRÁGICAS VISÕES DOS CAMPOS DE BATALHA.



FERNANDA REIS NA CORÉIA - 3

**A MORTE RODOU** êsse helicóptero durante tôda a viagem para Seoul. Mas conseguimos chegar sãos e salvos




**MAC ARTHUR**, destituído do comando, embarca em Tóquio para os Estados Unidos: o general-galã é um septuagenário

DEPOIS de no dia anterior ter passado pelo "General Headquarters Far East Command" a buscar minha guia de marcha, pelo "Headquarters Tokio General Dispensary", apanhar meu certificado de saúde, e pelo "Tokpac Air Liaison Station" para receber meu bilhete de ida para a Coréia (onde assinei uma espécie de testamento e escrevi o nome da pessoa que deveria de ser avisada em caso da minha morte, invalidez ou desaparecimento) chegou o momento de partir.

Madrugada alta, com o sol a doirar os cimos dos montes, subi finalmente para o grande quadrimotor militar e preparei-me para seguir o meu destino: CORÉIA.

Envergando o meu uniforme, ao qual juntara um incomôdo capacete de aço, sentei-me num dos bancos laterais, apertei o cinto e coloquei, ao redor do c[illegible]po, o pára-quedas protetor. Comigo viajavam quarenta homens, oficiais e [illegible]dados e, entre êles, uma oficial feminina com a patente de capitão e com [illegible]rias condecorações e medalhas. Tinha na minha frente, certamente, uma he[illegible]na da guerra apesar de me parecer bem jovem. Achei agradável constatar qu[illegible] uniforme não a masculinizava. O sargento que fazia parte da tripulação d[illegible] nos instruções como agir em caso de ataque, como nos servirmos do pára-q[illegible]das e indicou-nos onde estava a "casa de jantar" de bordo. Logo que hou[illegible] ordem de nos pormos à vontade, larguei o pára-quedas, soltei-me do cinto e [illegible] até lá. E, no amontoado de caixas fechadas e individuais, escolhi uma, [illegible] estavam embrulhadas em papel celofane, três espécies de sanduiches, azeito[illegible]



**SEOUL EM RUÍNAS**, depois de abandonoda pelos comunistas. A liberdade cobra seu preço em sangue e sacrifício

# EU VI A

doce e fruta. Além disto ainda havia latas contendo suco de tomate e de la-
ranja. O café também estava pronto. Comecei nessa altura a cortar relações
com o leite condensado.

Após esta refeição, acendi um cigarro, folheei revistas e mapas, fui à cabine
do comando trocar idéias com os pilotos e rádiotelegrafista e, depois de tornar
a passar com dificuldade por sôbre o monte de armas e bagagens de tôda a es-
pécie, voltei para o meu lugar, sentindo um orgulho calmo em fazer parte dês-
te grupo tão heterogêneo e valente. Ser correspondente de guerra dá uma sensa-
ção estranha, rara. Corremos os mesmos riscos de todos os combatentes, em-
bora isso não seja obrigatório, e embora metidos no mesmo "baralho" sente-se
que somos gente diferente, gente que não é bem compreendida no seu desejo de
auxiliar, de esclarecer, gente à parte, enfim.

Debrucei-he sôbre o vidro grosso da minha janela. Voamos ainda por cima
do Pacífico. Avistei uma ilha com seu vulcão — Tsushima — em atividade e
de cuja cratera saiam grossos rolos de fumo negro. O caminho que as lávas
incandescentes haviam traçado era bem visível, apesar da altura. A terra fi-
cara sulcada profundamente. E só, bem na pontinha da ilha existia uma po-
voação de pescadores, cujas casas juntinhas pareciam proteger-se mùtuamente
contra o terrível flagelo. Estavamos próximos da Coréia. Após várias horas de
vôo avistamos o pôrto de mar dêsse país, Pusan. Não o sobrevoamos. Fomos
diretos ao aeroporto de Taegu. Saltei do avião, batendo com os pés entorpeci-
dos por tantas horas de vôo contínuo, e, andando por entre o armamento de
que estava repleto o aeroporto, apanhei o ônibus para a cidade que, segundo
me informaram, ficava bem distante. Meu saco pesava imenso. Abro o meu
cantil e bebo sofregamente. Já aprendi como é agradável passar as costas da
mão pelos lábios depois de beber água fresca... Olhei as caras cansadas dos
combatentes que regressavam de Seoul e cujos uniformes, pintalgados de verde-
claro-escuro e castanho para imitar folhagem e terra, lhes emprestavam um ar
estranho de pessoas precòcemente envelhecidas, exaustas e desiludidas. Meu oti-
mismo ficou um pouco abalado...

Depois de muitas dificuldades cheguei à "Presse Center", instalada no quar-
tel da Fôrça Aérea. Foi, aparentemente, revolucionária, a minha presença ali.
Passado um meio silêncio incomodativo várias mãos se estenderam para as mi-
nhas e libertaram-me da bagagem. Apresentei-me ràpidamente, mostrei meu
cartão de correspondente credenciada pelo Supremo Comando Aliado para me
locomover por tôda a Coréia do Sul até ao "front" e declarei o nome do jor-
nal que me enviara.

— V. vem do Brasil? Que agradável! — exclamaram.

Fiquei sem saber se era o nome do país ou a minha presença que merecera
esta exclamação. Mas, estava demasiado fatigada para o esclarecer. Os colegas
providenciaram um banho, um "quarto" feito às pressas num gabinete de tra-
balho e uma maca, transformada em "cama".

Após duas horas de repouso arranjei-me para ir com êles à cantina dos avia-
dores tomar um cálice de "sherry" e a seguir jantar com perto de duzentos
aviadores de tôdas as patentes e de várias idades. Confesso que gostei muito
de ser a única mulher ali...

Acabado de jantar levaram-me ao cinema privativo da Fôrça Aérea e mais
tarde recolhi-me ao meu "quarto". Horas passadas ouvi bater na porta a in-
formarem-me:

— Desculpe, Miss, é "só" um ataque aéreo. Não tem importância, mas é bom
agarrar seus papéis e verificar se a pulseira com o seu nome está bem fechada
e sair do edifício.

Saltei, mais do que depressa, deprimida pelo som da sirena de alarma, mas
sem poder furtar-me a um encolher de ombros, divertida com a calma da pes-
soa que me chamara.

A LIBERTAÇÃO de Seoul ... à cidade os seus habi-... e iniciam o penoso es-... de reconstruir seus lares



...STRUIÇÃO: Trecho ferro-... em Seoul, duramente atin-... pelas conseqüências da luta ... se travou pela libertação da cidade

# GUERRA DE PERTO

Oficiais, soldados e jornalistas ficaram envoltos em escuridão. O mugido lamentoso da sirene era muito desagradável, não só pelo som, como pelo aviso do perigo tremendo que êle continha. De repente um luar maravilhoso e impróprio apareceu. Tudo e todos estavam à mercê dêle. Uma longa hora decorreu a ouvir zumbir os aviões aliados que patrulhavam o céu, incansàvelmente. E nesta altura escutei o primeiro tiro, dos muitos que ouviria na Coréia, bem perto do nosso grupo de correspondentes. Fiquei com a bôca completamente sêca... Informaram-nos de que uma sentinela atirara por cima da cabeça de alguém que acendera um cigarro. Só para avisar... A sirene silenciou e voltou a soar para nos dizer desta vez que o perigo havia passado.

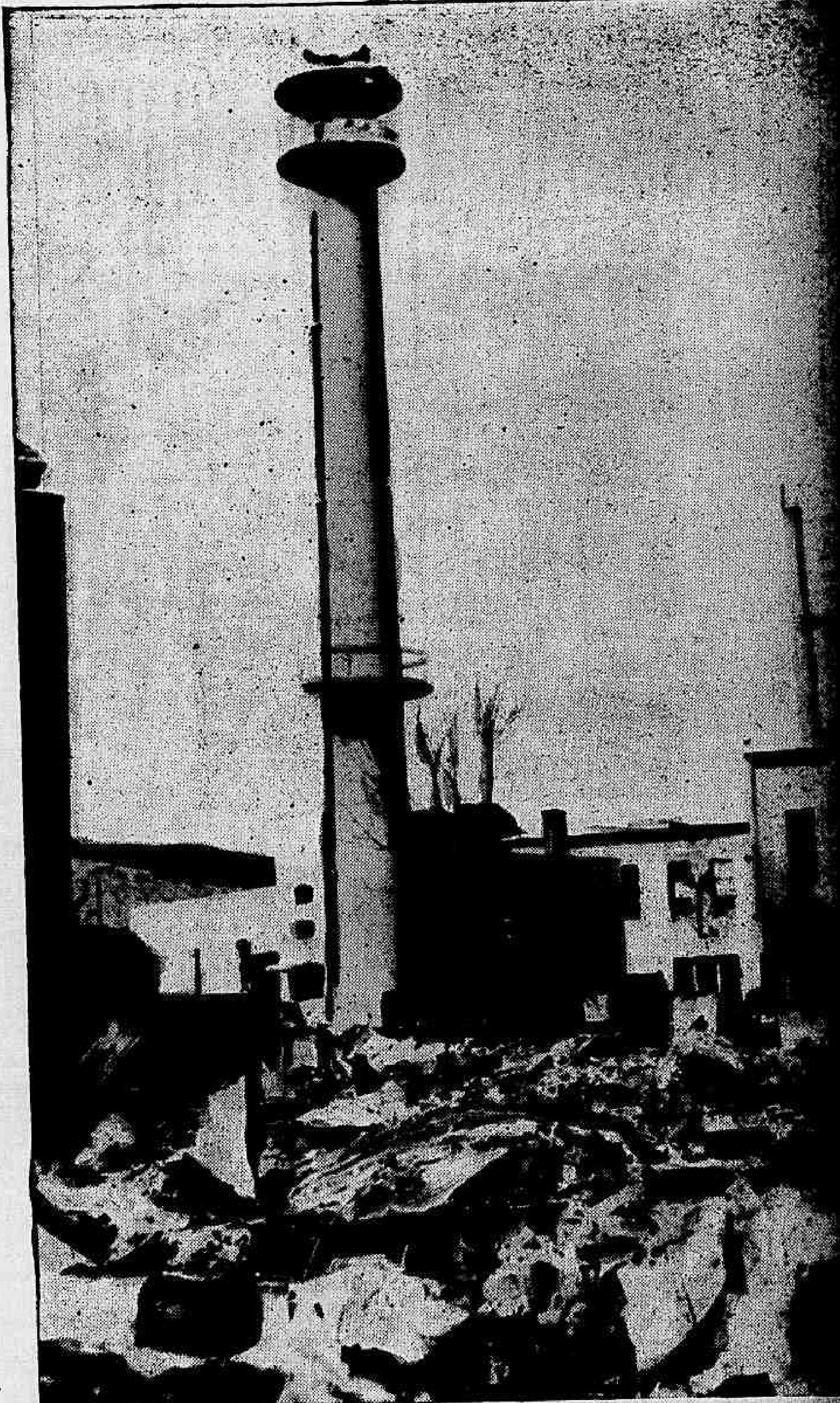
Na manhã seguinte, acompanhada de George Barrett, do "New York Times", fui visitar o grande hospital militar de Taegu. Feridos tão jovens e de fisionomias tão tristes! Êste é um dos hospitais maiores e melhores da Coréia e possui um aspecto quasi alegre. Entrei na capela. Fui feliz, pois era a hora da missa. A assistência comoveu-me muito pela enorme aglomeração de convalescentes que a compunham, alguns com visível sacrifício. Soldados cegos e uma fileira de muletas incomodaram muito meu coração. Estava vendo o resultado da guerra. Acabada a missa subi para o "jeep" e atravessei, correndo, as ruas solitárias de Taegu a caminho do aeroporto. A cidade é triste. Lamaçais e rios barrentos. Pontes destruidas. Mulheres, velhos e crianças, prematuramente vividas, são o "bakground" desta apática Taegu. Deixei-a com o coração sombrio e a alma côr de cinza.

"A PRESS CENTER" DE SEOUL

Chegue à capital da Coréia ao entardecer. Mal a vi nesse dia. Ao sair do avião encaminhei-me logo para a famosa "Press Center" por onde tem passado a fina flor do jornalismo mundial. Resume-se a uma sala enorme, cheia de camas de campanha, atulhada com a bagagem dos correspondentes: máquinas de escrever portáteis, máquinas fotográficas, etc., o bar, a cozinha, a sala de jantar e, aos fundos, a "casa de banho": umas latas de gasolina velhas com água quente e fria e os nossos capacetes de aço fazendo de lavatórios... Onze colegas estavam na sala quando entrei, envoltos na fumarada dos seus cachimbos e cigarros, empunhando, uns, o inseparável copo de "wisky" e, outros, maços de cartas de jogar. Era quase a hora de recolher. Esta "Press Center" aninhada nos destroços dos hangares destruidos pela metralha inimiga, com os "caças", quando pousados, rodeando-a como animais domésticos, teve, desde então, para mim, um atrativo singular. E' a casa mais bem situada dos arredores... Por ali passa tudo: "tanks", "jeeps", caminhões, canhões e... aviões inimigos!

Foi sensacional a minha entrada, com a cara coberta de pó, tôda eu, aliás, arrastando sem cerimônia o meu inseparável saco, quepi para o alto da cabeça, saudando-os a todos com um "alô", o qual, segundo me disseram depois, havia soado bem fraquinho. E' que tinha "lido" nos olhos dêles esta pergunta cheia de pânico: "onde irá ela dormir?!". Eu era, naquele momento, a única correspondente feminina tão perto das linhas de batalha. Sentei-me e logo muitos copos de "tônico" me foram oferecidos como se, com o calor do seu conteúdo, me quizessem fazer esquecer o ambiente gelado que encontrara ao entrar... Depois de jantar conversamos um pouco e quando ia a interrogar um colega onde eu poderia estender-me, pelo menos, um grupo encaminhou-se para mim e mostrou-me o "quarto" que eles haviam improvisado. A um canto da sala uma corda fôra estendida e nela dependurados dois cobertores. Ao abri-los verifiquei que existia uma cama de campanha, onde estava estendida a minha cama-saco que êles haviam tirado da minha bagagem, um cobertor enro-

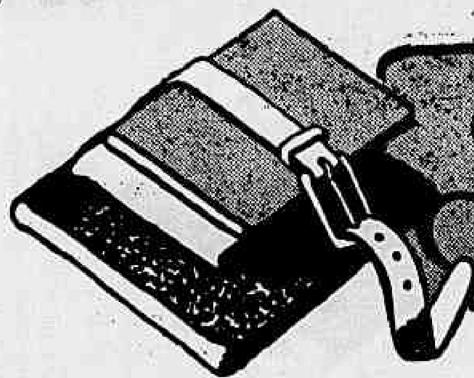
(Cont. na pág. 50)



DESTRUIÇAO: num local quase completamente arrasado apenas esta tôrre permaneceu de pé como um símbolo da determinação sul-coreana



DESTRUIÇAO: quase não ficou pedra sôbre pedra na área próxima ao edifício em que tinha sede a Embaixada Norte-Americana em Seoul




# JOSÉ O TROVADOR



THOMAS MANN

*A editôra Globo apresenta-nos agora o volume que constitui o remate à tetralogia bíblica de Thomas Mann, considerada, pelas suas proporções e pelo grandioso da concepção, uma das mais importantes realizações da literatura contemporânea. Quem teve oportunidade de ler os três volumes anteriores da série (José e Seus Irmãos, o Jovem José e José no Egito), certamente achará neste o mesmo encanto da narrativa, o mesmo vigor da descrição, a mesma profundeza de pensamento dos outros.*

*Nestas páginas, o romancista, sem se afastar, nas linhas gerais, dos episódios narrados no Antigo Testamento, leva o leitor, depois de um prelúdio que maravilha pela ironia e pela argúcia da humildade do cárcere de José, ao fundo da côrte de Faraó. Está aqui retratada a glorificação do filho de Jacob. Graças à sua inteligência, ao seu discernimento e ao seu encanto pessoal, José é glorificado desde a sua entrada no cárcere, pois, em vez de prêso comum, é logo feito vice-diretor e administrador do presídio. Se é profunda a sua queda, de mordomo de uma grande casa a prisioneiro — esta situação não demora a mudar, não passando afinal de mais um degrau para a sua ascenção suprema — à de vice-governador do Egito.*

*Em tôda esta obra de Thomas Mann, o histórico, o real, o imaginoso, o psicológico, o fantástico, o tradicional, o divino, o humano, constituem elementos poderosos que o autor harmoniza de maneira soberba, formando com êles uma trama de encantamento perene.*

# LETRAS MINEIRAS

*FOI bastante concorrida a sessão solene da Academia Mineira de Letras realizada sábado último, em memória do saudoso escritor Noraldino Lima.*

*Estavam presentes elementos representativos dos nosso meios culturais e sociais.*

*Aberta a sessão pelo escritor Mário Casasanta, presidente da Academia que convidou para a mesa os representantes oficiais, declarando aberta a sessão, deixando franca a palavra.*

*Usou da palavra o acadêmico Aníbal Matos que, fôra companheiro de Noraldino Lima, desde o tempo de lutas jornalísticas no velho "Diário de Minas", produzindo aplaudida oração sôbre o saudoso colega, numa revelação de seus belos atributos de homem de bem e de intelectual que, no jornalismo, na poesia e na oratória, deu lustre singular às letras do país.*

*O escritor Mário Casasanta, produziu uma bela oração sôbre a personalidade do homenageado, ressaltando as suas grandes qualidades morais e intelectuais. Foi a saudação de Mário Casasanta uma brilhante peça oratória....*

*Vários acadêmicos fizeram-se ouvir naquela noite memorável de sábado último, numa demonstração de saudade do acadêmico Noraldino Lima.*

*Encerrando a sessão, o presidente Mário Casasanta, agradeceu o comparecimento de quantos, indo àquela Academia, procuraram prestigiar a homenagem que a Academia Mineira de Letras prestava à memória de um dos mais ilustres de seus acadêmicos.*

*ACABA de aparecer nas livrarias da cidade, o novo livro de Sebastião Noronha, sob o título de "NOTURNOS", edição do autor que vem consolidar o nome do poeta de "Sombras, Claridades e Ritmo de Emoção e do Pensamento", como um dos nossos bons poetas.*

*A coletânea de poemas religiosos ,que Da Costa Santos organizou para as Edições Mantiqueira, sob o título de "Nosso Senhor e Nossa Senhora na poesia brasileira", tem constituído nesta capital, um recorde de venda., dada a sua utilidade, para os ginásios, grupos e sobretudo pela rigorosa seleção com que foi feita a escolha poético dos poemas que a compõem tornando-se assim, mais um florilégio de poesias cristãs.*

# NOTÍCIAS DE

*O escritor* e crítico paulista Lourival Gomes Machado, ex-diretor artístico do Museu de Arte Moderna de São Paulo, foi alvo de significativa homenagem, durante um jantar que lhe foi oferecido por um grupo de amigos e admiradores. Êsse jantar constituiu um acontecimento artístico-social na capital bandeirante.

★

★ Lançado pela Editôra Saraiva, acaba de sair o último romance de José Geraldo Vieira. A obra intitula-se: "O Albatroz"; e o seu autor já tem em preparo outro livro que terá o título de "Terreno Baldio".

★

★ "Ciranda de Pedra" — eis o nome do próximo livro de Lígia Fagundes Teles. Como sabemos, trata-se da estréia de Lígia no romance — uma vez que a jovem escritora é bastante conhecida como um dos nossos melhores contistas da nova geração.

★

★ O poeta Reynaldo Bairão acaba de publicar o seu anunciado "Poema Soturno de Minas Gerais". O referido livro, todo ilustrado por Darcy Penteado, já começou a ser distribuído na capital paulista.

★

★ Estêve em São Paulo, por alguns dias, o jovem poeta Pedro Luís Masi, procedente do Distrito Federal. Fred Pinheiro, do conhecido grupo da revista "Orfeu", também visitou o planalto, aqui permanecendo mais de sete dias.

★

★ Antoni di Monti, escritor paulista, que durante muitos anos residiu no Rio de Janeiro, está morando novamente em São Paulo. Antoni di Monti publicou recentemente "Lábios Trêmulos", romance que gira em tôrno das "boites".

★

★ O Carlos Burlamáqui Kopke foi indicado para organizar a Antologia de Poetas Modernos do Brasil, a ser lançada muito em breve pelo Clube de Poesia de São Paulo. A referida coletânea abrangerá o período 1922-1947.

★

★ A poetisa Maria José de Carvalho e Dora Ferreira da Silva, conhecida tradutôra de Rainer Maria Rilke, voajaram para a Bahia. As duas escritôras permanecerão em Salvador durante quinze ou vinte dias.

★

★ A Livraria Martins Editôra promete para logo o lançamento do estudo sôbre Descartes, de Paul Valéry. A tradução, de resto magnífico, estêve a cargo da romancista e ensaísta Maria de Lourdes Teixeira.

# FORA
## "POEMA SOTURNO DE MINAS GERAIS"

**O caso não é novo, o do choque emocional que Minas Gerais dá aos poetas paulistas. Herança do bandeirismo. De certa forma, podemos dizer que Minas, em poesia, foi uma descoberta dos modernistas de 22 do grupo paulista de 22 e, principalmente, de Mário de Andrade. Nós de Minas podemos sentir muito bem êsse fenômeno. Por isso, estamos dizendo que o aparecimento nestes dias, do poema de Reynaldo Bairão, se confirma o enternecimento, a sacudidela profunda que Minas lhe deu, não constitui surprêsa.**

**Ainda estou recordando o nosso último encontro com o poeta. Quando êle nos falou de sua próxima viagem a Minas, fiquei um momento em silêncio e, depois, lhe disse, já antevendo o que iria acontecer: — Vá, você vai gostar de Minas... Advinhavamos que daí sairiam poemas. Particularmente, no caso de Reynaldo Bairão: aquelas paisagens soturnas — o mesmo adjetivo que êle encontrou para o poema — aquela grandeza geográfica, aquela imposição cósmica da natureza, que nos soterra um pouco, ao lado do toque de tragédia colonial que sobrepaira pelas velhas cidades, tudo isso misturado às notas líricas que se espalham por tôda a parte e que estão, por exemplo, nas rosas de Belo Horizonte, nas colinas floridas de Barbacena, no lago artificial da Pampulha onde a arquitetura de Niemayer junta a modernidade audaciosa, é um repertório que parece feito de propósito para comover um poeta como Reynaldo. Principalmente se conhecemos que Minas junta à sua vida gigantesca a permanente memória da morte, pranto dos inconfidentes, façanhas do bandeirismo, pungências da arte barroca, dos santos apocalíticos do Aleijadinho.**

**Eis o que aconteceu ao paulista novo: êle guarda a memória da história mineira, tão ligada a São Paulo. Sofreu com êsse apêlo da memória, o milagre lírico, a fôrça dominadora do sentimento dramático que impregna a nossa terra de montanhas e de minas, de vastos campos e de soturnos céus de rochas negras e de silencios, carregados de expressão trágica. Aqui está o poeta — "Poema soturno de Minas Gerais" — de que esta primeira nota é apenas o registo de aparecimento. O livro tem expressivas ilustrações de Darcy Penteado.**

# Literária

EDMUNDO LYS

## SÃO PAULO

★ Paulo Duarte, diretor da revista Anhembi, está francamente de parabéns. Anhembi, em seu décimo quarto número, apresenta os seguintes colaboradores: Bertrand Russel, Boanerges, Sérgio Buarque de Holanda, José Cesário Alvim, Bragaglia, Caldeira Filho, Benedito J. Duarte, Paulo Duarte, Luís Martins e muitos outros.

★

★ Roger Bastide, escritor francês residente em São Paulo, encontra-se atualmente passando as suas férias em Paris. Bastide permanecerá três meses na capital francesa, devendo regressar à capital bandeirante em março ou abril de 1952.

★

★ Paulo Duarte acaba de lançar mais um número da sua revista "Anhembi". Trata-se do décimo-terceiro número da coleção e traz os nomes dos seguintes colaboradores: Henri Laugier, Luigi Federzoni, Robert Reynard, Paulo Duarte, Wilson Martins, J. A. Pereira Júnior, Ribeiro Couto e outros.

★

★ Júri de seleção e de premiação do Concurso de Cerâmica da Prefeitura Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, integrado pelos srs. Carlos Pinto Alves, Lourival Gomes Machado, Nelson Nóbrega Victor Brecheret e Giancarlo Angeleri, conferiu o primeiro prêmio, no valor de 20 mil cruzeiros, ao sr. Robert Tatin; o segundo prêmio, no valor de 10 mil cruzeiros, a escultora Elizabeth Nobiling; e o terceiro prêmio a Giandomenico De Marchis.

★

★ Patrocinada pelo Clube dos Artistas e Amigos da Arte, realizou-se, em sua sede social, a conferência do dr. Romeu Andrade Lourenção, subordinada ao tema: "A Arte e o Direito". Houve debates.

★

★ Está expondo, na capital bandeirante, o conhecido artista francês Jean Guillaume. Trata-se de uma exposição de trabalhos a óleo e à aquarela, que está sendo realizada na Livraria do Intercâmbio Franco-Brasileiro.

★

★ Osvaldo Goeldi realizou, na Galeria Domus, importante exposição dos seus últimos trabalhos. Constou a referida exposição de desenhos e de gravuras. Assim pudemos constatar que Goeldi é um verdadeiro mestre no gênero.

★

★ Djanira, pintora paulista, residente no Distrito Federal, está expondo novamente em São Paulo os seus mais importantes trabalhos. Zacharias Autuori também está realizando uma exposição de pintura, no Museu de Arte, à rua Sete de Abril, Edifício Guinle.

# DO PRELO

ANATOMIA E FISIOLOGIA HUMANAS (Noções) — Devia ser obrigatório, desde o curso primário, o conhecimento do esqueleto humano e de suas funções — para sabermos como sômos, antes de nos preocuparmos com as estrêlas e o número de anos que terá o planêta... Que a matéria é fascinante demonstra-o "Anatomia e Fisiologia Humana", volume ricamente ilustrado das Edições Melhoramentos, de autoria de Paulo Décourt — que já nos deu "História Natural", dois livros monumentais pela ciência e pela clareza expositiva, qualidades que reaparecem nas páginas de "Anatomia e Fisiologia Humanas".

★

CONFISSÕES — Quem leu "Servidão Humana", a monumental obra de W. Somerset Maugham deve já saber que essa história duma educação sentimental é de natureza autobiográfica, embora a vida do herói do livro, no que diz respeito aos fatos, nem sempre tenha seguido paralelamente à do autor.

Agora temos em "Confissões" por assim dizer um complemento de "Servidão Humana". Neste substancioso romance o leitor acompanha o autor através dos anos de sua infância, adolescência e primeira mocidade. A presente obra é o depoimento do homem maduro que abraçou a profissão das letras e que nos diz com o seu estilo límpido e harmonioso, e com uma sinceridade desconcertante, o que êle pensa da vida, do amor, do estilo, da arte de contar histórias, dos outros escritores, de Deus, dos países que visitou, do teatro, dos críticos e duma infinidade de outros assuntos...

Em "Confissões" há primorosos capítulos em que Somerset Maugham conta como lhe nascera as idéias para suas inúmeras histórias e analisa seu método de composição, bem como sua técnica na criação das personagens. Suas aventuras como autor teatral são igualmente interessantes e esclarecedoras, assim como os trechos em que determina sua posição diante dos vários sistemas filosóficos.

"Confissões" é um livro delicioso. Poucas vêzes um profissional das letras conseguiu, como Maugham neste ensaio, estabelecer com tanta clareza, graça, bom senso e senso de humor, sua posição em face do mundo, dos homens e da vida.

# A CASUARINA



SOMERSET MAUGHAM

*A propósito de "A Casuarina", o novo livro de W. Somerset Maugham publicado pela Editôra Globo, escreve o autor:*

*Dizem que quando alguém leva consigo para o mar um pedaço dessa árvore, por menor que seja, surgirão ventos contrários que lhe impedirão a viagem, ou tempestade a pôr em perigo a sua vida. Também dizem que quem se colocar à sua sombra em noite de lua cheia ouvirá, misteriosamente sussurrados na escura galharia, os segredos do futuro. São fatos que jamais foram contraditados; mas dizem ainda que nos amplos estuários, quando o mangue, com o correr do tempo, logrou conquistar a água às terras pantanosas, a casuarina ali se instala por sua vez, solidificando e fertilizando o solo até que esteja pronto para receber uma vegetação mais variada e luxuriante; então, desempenhada a sua tarefa, vai-se extinguindo ante a impiedosa invasão das miríades de habitantes da selva.*

*Ocorreu-me que "A Casuarina" não seria mau título para um volume de contos em tôrno dos inglêses residentes na Península Malaia e em Bornéu; pois imaginei que essa gente, vindo após os desbravadores que haviam franqueado essas terras à civilização ocidental, estava na mesma forma destinada, uma vez cumprida a sua missão e tornada a região pacífica, ordeira e sofisticada, a ceder lugar a uma geração mais variada, porém menos venturosa; fiquei extremamente desapontado quando, ao fazer indagações, soube que não havia a menor dose de verdade no que me tinham dito.*

*É dificílimo encontrar título para uma coleção de contos; dar o nome do primeiro é fugir à dificuldade e ilude o leitor, fazendo-o supor que vai ler um romance; um bom título deveria, ainda que vagamente, ter relação com todo os contos reunidos no livro. Os melhores títulos, tôda vida, já foram usados. Estava eu num dilema.*

*Refleti, porém, que um símbolo (como acentua mestre Francisco Rebelais numa divertida passagem) pode simbolizar qualquer coisa; e lembrei-me de que a casuarina se ergue à beira-mar, emaciada e tôsca, protegendo a terra contra a fúria dos ventos, e assim poderia muito bem sugerir êsses plantadores e administradores que, apesar de todos os seus defeitos, afinal de contas levaram aos povos entre os quais habitam a tranqüilidade, a justiça e a prosperidade e imaginei que êles também, ao contemplar a casuarina, rude, cinzenta e triste, algo deslocada em meio à exuberância dos trópicos, — que êles também deviam recordar-se da sua terra natal e, pensando um momento nas urzes de uma charneca de Yorkshire ou nas giestas de um baldio de Sussex, veriam nessa intrépida árvore, que faz o que pode num ambiente desfavorável, um símbolo das suas existências de exilados. Em suma, eu poderia encontrar uma dezena de razões para manter o meu título, mas a mais convincente delas, já se vê, é que não consegui descobrir outro melhor.*

*É êsse, portanto, o admirável livro de contos de W. Somerset Maugham — "A Casuarina" — recém lançado no Brasil em tradução de Leonel Vallandro.*

# A Insatisfeita

Novela de **IRENE TEMPLE-BAILEY**

" — Sabe, Mary, que ontem foi que me recordei dêsse Roger? Eu estava na igreja, quando a lembrança dêle me surgiu sùbitamente, exatamente onde eu o vira há tempos passados. Êle falava aos crentes, minha querida! Lembrei-me muito bem que estava sentada num banco, mesmo em frente dêle. Eu o fitava emocionada e dizia de mim para comigo, jamais ter ouvido uma voz igual. E agora me explique por que motivo êle abandonou o sacerdócio, e por que razão se foi enterrar lá pelo Sul!"

"Eu fiquei um tanto embatucada, sem saber responder imediatamente à tal pergunta; depois, porém, achei melhor dizer a verdade. Com essa disposição, olhei face a face a minha interlocutora e lhe revelei: "Êle teve um casamento infeliz e achou melhor renunciar à sua carreira. Mas sua mulher já morreu, e êle poderá resolver-se a recomeçar sua missão evangélica.

(RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA)

*MARY BALLARD, órfão de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na "Câmara da Tôrre", sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do "Dia de Graça", êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu aprtamento com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se tratava. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Êste vai "descobrir" o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banhos, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo antes de trazê-lo de volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã Mary também volta, com seu espôso, Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas, depois, abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado. Está, naquela mesma noite a contar a sua história, quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possível contar a Mary a sua história, resolveu escrever-lhe uma carta. Depois que Mary leu a carta de Poole, vestiu-se e saiu, dizendo à irmã Constance que ia fazer compras, experimentar vestidos e pagar algumas visitas. Mas, em verdade, foi ajoelhar-se na igreja que freqüentava desde sua infância. Ali está em meditação durante largo tempo, pensando na carta de seu inquilino. Mary convidou Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois a sós. Ali, entre lírios olorosos e num ambiente românaico, conversaram durante mais de uma hora. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. Logo que chegaram outras pessoa, êle quis retirar-se, mas Mary pediu que ficasse. E quem mais sentiu o impacto foi Porter Bigelow. Quando Mary procurava encher de álcool o fogareiro para fazer mais chá, êste incendeia e as chamas ameaçam queimá-la. Há gritos e corre-corre. Mas quem a salva em tempo é Roger Poole, que, num segundo a abafa, apagando as labaredas. Mary teve apenas os cabelos chamuscados num cacho ao lado direito e rendas destruídas de seu vestido. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amôres do rapaz com Leila. Por sua vez Mary percebe que Gordon não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento.*

"Cometi êrro ao dizer isso? Espero, realmente, que você renasça para a pregação. Sinto-o, de qualquer maneira. Em todo caso, se bem que tôda essa gente não tenha conhecido, em minúcias, a sua história, é conveniente que muitos saibam dela em linhas gerais. Parece-me que o melhor meio era dizer a todos, de uma vez. Certa ocasião Gordon me fêz umas perguntas, às quais respondi como achei melhor dizer. Espero que você não ache que fiz mal. Sempre pensei que, para fazer-se boa jornada, tudo fique bem às claras, nada se deixando oculto.

"E agora, posso falar-lhe um pouco de Barry? Querem que êle se vá para a Inglaterra com Gordon e Constance. Mas veja: Gordon visa a essas sem a menor espécie de sentimento; todo o seu sentimento se limita a Constance. Êle acha que Barry deve, simplesmente, deixar Leila em paz, ir-se com êles para a Inglaterra e de lá só voltar quando estiver em condições

"Naturalmente eu creio que Gordon tem razão. Mas não posso suportar tal idéia. Talvez seja porque não me tenha sido possível enfrentar as coisas face a face, com tôda a coragem, de que eu me cria capaz. Mas, depois de minha conversação com Grace, eu vou considerar as coisas sob outro prisma. Estou convencida de que é preferível que Barry faça essa viagem, e que deve tentar, galantemente, a aventura de voltar, ao som de clarins e bandeiras ao vento.

"Será também assim que você, um dia, retornará à sua verdadeira vida. Apraz-me pensar nisso. Gosto de pensar na vitória e na conquista, em lugar de meditar em derrotas e fracassos. De qualquer maneira, pensar em uma coisa, é ajudá-la a se realizar. Não acha?

"Mas que faço eu! Esta já vai de iegua e meia, cheia de lero-lero e tôda desarticulada. Mas o que eu disse relembra nossas conversas de ontem e eu sei que você as ama, estou certa disso. E agora, tenho que dizer-lhe "boa noite". Pittiwitz acaba de despertar e caminhou sôbre o papel em que escrevo. Repare bem na mancha que ficou de sua patinha, sôbre uma palavra. E' a mensagem dela. A minha, porém, é: "Psalmo XXVII-14". Você poderá encontrá-la na Bíblia de meu pai. Sinto tão feliz por ver que você a levou! Porém, é possível não ter você precisão de reportar-se aos versículos, olhos na página. Não os conhece de cor?

Sempre sinceramente.

Mary Ballard"

A esta carta, respondeu Roger Poole:

"No meio dos pinheirais,

"Minha boa e pequena amiga:

"Não terei a intenção de tentar dizer-lhe o que, para mim, significou a sua carta. E' o canto do pássaro azul da primavera, a brisa fresca no deserto, o sol depois da tempestade.

Foi todo um símbolo de alegria depois de um período de enfermidade e de descontentamento. Se eu não sentisse a falta do "Apartamento da Tôrre" e também da grande felicidade que experimentava com a continuidade de nossa afeição cada vez mais estreita, eu não teria aqui razão nenhuma de sentir-me melancólico e descontente. Se o universo me parece estéril, a causa não está no que dêle acho, e sim do que eu trouxe para cá, comigo mesmo.

"Gosto de imaginá-la aí nos "Chambres de la Tour". Você sempre fêz parte dêsses aposentos e eu cheguei a ter a sensação de ser um usurpador, quando descobri que todos os seus objetos côr de rosa tinham sido retirados para fôssem ocupados pelos meus, vulgares e severos. Não acha curiosa essa atmosfera que se criou em tôrno de uma mulher e em volta de um homem? Um homem não ousaria cercar-se de côres pálidas e graciosas, da coisas delicadas e frágeis, com mêdo de que o julguem efeminado. É, talvez, por isto, que os homens têm necessidade de tomar uma mulher em sua vida, a fim de poder cercar-se de coisas, que, no íntimo, êles apreciam, sem que sua virilidade seja posta em dúvida.

"Entretanto, a atmosfera que melhor parece convir-lhe, não é apenas a das cores rosadas e lindas. Você sente, muitas vêzes, necessidade do clarão do sol e de ar livre. Quando você me fala, ou quando me escreve, tenho a sensação de estar, completamente levado pelo seu entusiasmo, a voar com asas potentes.

"Penso que não sigo na direção do meu futuro, com a rapidez como você o faz, com o seu. E' que eu me encerrei dentro de mim mesmo, já faz muitos ános. Pareceu-me ainda que todo o vinho desta vida se havia esgotado, que a estrada que me restava a percorrer era árida, que já não me via acompanhado de clarins trombeteantes e de bandeiras ao vento. Talvez que eu veja tudo isso, um dia; seja como fôr, procurarei tentar, e, nessa tentativa haverá alguma coisa a ganhar. Um dia, esperemos que eu atinja as cumiadas por onde você se alteia, e então, talvez possa eu alçar-me, subir, altaneiro e reto como uma águia.

"Sabe você, menina, como está maravilhosa em sua carta? Eu não sei de cor todos os versículos da Bíblia; mas aquêle de sua citação eu o conhecia bem. Contudo dêle me havia esquecido já, e você m'o relembrou com tôda a fôrça de sua convicção.

"Sua decisão em favor da verdade, isto é, que era preferível dizer as coisas e não mantê-las ocultas, é das que eu deveria ter tomado há muito tempo. Acabei convencido de que a dissimulação encerra milhares de horrores. Viver-se no mêdo, no temor, resulta em maior prejuízo, inevitàvelmente. Eu não me censuro, entretanto. Eu me sentia vencido, destruido pela convicção de minha derrota. O que eu desejava era apenas escorregar em um buraco e lá me ocultar, completamente esquecido para o mundo. Mesmo agora, apenas começo a me restaurar lentamente. Tenho vivido tanto nas trevas que a luz ainda me cega.

"É estranho que eu não me tenha lembrado de Delilah Jeliffe; mas isso se justifica melhor do que o ter-se ela recordado de mim, pois eu estava só na tribuna e ela perdida numa multidão. Mas, depois que li sua carta, exercitei a memória e procurei relembrar. E como que a posso rever, com o livro aberto, sentada no banco diante de mim, alta, de belo porte, com seus cabelos negros e seus olhos vivos. Penso que, talvez, o motivo que me faz recordar-me dela é o ter imaginado, fugazmente, que essa espécie de mulher passava por ser bastante material, e eu perguntava a mim mesmo, se em seu caso, a aparência exterior era tão enganosa como sucedia com a minha espôsa, com seus olhos de santa e sua falsa moralidade. Talvez que estivesse eu com a verdade, intuitivamente, e que sob o exterior de Delilah Jelife haja uma certa beleza moral. Que suas exteriorizações do vestir bar-

roco e de decorações do mesmo estilo, não seja mais do que um meio de realizar a expressão do seu verdadeiro "eu".

"O que você me disse acêrca de sua prima Grace me interessa vivamente. Creio que ela é muito mais feminina do que ela mesma o imagina. Em todo caso, acho que ela devia casar-se. Tôdas as mulheres, aliás, deviam casar-se, à exceção de você, que deve continuar sempre minha amiga! Aqui, revelo o meu egoísmo, mas não colho nada.

"Não, gostaria, de certo, da idéia de vê-la a trabalhar. Não me apraz vê-la a experimentar as asas. Eu a quero ver sentada, tranqüilamente, ao abrigo do mundo aí em seu ninho no alto da "Tôrre", sempre pronta a escrever-me cartas. O trabalho, as curvaturas sôbre um bureau, são coisas que descolorizam as faces de uma mulher e arruinam as fôrças de seu espírito. Ela se converte em máquina, e você é um pássaro feito para voar e colocar-se nos mais belos ramos e ali centar!

"Mas você pediu que eu lhe falasse de minha vida, da casa de minha prima Patty. A casa se ressente das necessidades dos anos de pobreza que se seguiram à guerra. Entretanto ela conservou qualquer coisa da dignidade de uma ruína antiga. E' uma grande edificação com pilares de estilo colonial que caracterizam as construções daquela época. A maior parte dos quartos estão fechados. Meu apartamento é no segundo pavimento; o da prima Patty fica em frente, e as peças que lhe ficam contíguas são ocupadas por uma velha tia que é pensionista aqui.

"Pouco resta já do velho mobiliário de acaju, que, antigamente dera à casa um aspecto confortável, restando muito pouco também, da velha baixela de prata para embelezar a mesa. A pobreza de tia Patty é combinada, com felicidade, com o bom senso. Ela soube conhecer o valor de suas antiguidades, e preferiu o bom alimento nutritivo às tradições de família. Não obstante ainda há os velhos retratos e no salão algumas peças de valor. E' alí para onde vamos, ao pé do fogo, para conversar durante algumas horas da noite.

"A prima Patty é pequenina, um tanto pálida e delicada. Tem cinqüenta e cinco anos de idade. Digo sua idade porque, de certa maneira isto explica coisas que, de outra forma poderiam intrigá-la. Ela nasceu antes da guerra. Não conheceu nada do luxo da época da escravatura. Durante tôda a sua vida viveu em meio de dificuldades e forçada a fazer economias. Lutou para resolver todos os problemas inerentes à reconstrução do Sul. Ela nos saiu encantadora e bem avisada, com pontos de vista sôbre as mulheres que me surpreendem, fornecendo-nos ocasião para trocar idéias e argumentação muito viva.

"Sua cabeleira negra não tem só fio de prata. Ela a traz separada em duas porções, com espesso cocó no alto da cabeça. Seus vestidos são, invariàvelmente, de sêda negra, muito bem talhados e bem feitos. Ela mesma os corta e cose, mediante modêlos que manda vir de Nova York. Conhece-a, agora?

"Nossas palestras e argumentações são geralmente sôbre as mulheres e sua posição nó mundo de hoje. Você sabe perfeitamente como eu sou conservador, apegando aos antigos ideais, aos velhos costumes, às crenças de uma época mais clemente. Mas a prima Patty, em matéria de civilização, ultrapassou-me de muito. Crê ela que o futuro do Sul está entre as mãos das mulheres. "Elas lêem mais que os homens, diz ela, e estão chegando mais depressa aos novos ideais sociais". Noutra carta tratarei, mais longamente, dessa matéria. O que lhe transmito aqui serve apenas para dar-lhe uma idéia aproximada sôbre as surpreendentes concepções dessa pequena prima isolada do mundo.

"Isolada, porque, evidentemente, ela tem que tratar de seus negócios absolutamente só. No tempo em que o algodão era o rei, e quando o trabalho dos escravos rendia tudo o que era possível, havia prosperidade nesta região. Mas, atualmente, o solo está empobrecido. Desta maneira a prima Patty não poderia viver da renda das terras. Certo dia leu numa revista ilustrada, que uma mulher havia feito fortuna com um bôlo de casamento. Então a prima Patty resolveu que, se uma mulher pudera fazer uma coisa, é que outra mulher poderia também. Desde aí ela faz e vende bolos de casamento. Se não chegou a fazer fortuna com isso, pelo menos tem garantido sua existência. Começou por pedir encomendas a seus amigos, e agora ela recebe encomendas de perto e até de muito longe.

"Por isto, durante o dia inteiro, o cheiroso odor de pastelaria reina na casa e se ouve o ruído das batedeiras a preparar os ovos. Você vai rir se eu lhe disser que gosto de encher as pequeninas fôrmas? E que durante tôda a tardinha, a tagarelar, me ocupo dêsses trabalhos enquanto a prima Patty enfeita os bolos com fitas brancas e dispõe os botões de flores de laranjeira artificiais, a fim de que as encomendas sejam expedidas com a mais bela apresentação e o mais agradável aspecto núpcial? E' estranho pensar que eu cheguei a sua casa numa noite de casamento e que aqui viva eu em pepétua atmosfera de felicidade matrimonial.

"**Pela manhã**, escrevo. Depois do meio **dia, saio. Não está** fazendo frio. O tempo é sêco e ensolarado, sem uma lufada de vento. Tenho feito longas caminhadas pelas colinas. Certos lugares estão desolados, com as árvores derrubadas ou carbonizadas; mas, de espaço a espaço encontramos moitas de árvores novas louçãs e brilhantes. Haverá uma árvore neste mundo que se possa comparar a um belo pinheirinho novo, sôbre o qual o sol brinca?

"E' raro ver-se uma floresta de velhos pinheiros, mas há entretanto, uma ou duas propriedades onde, desde vários anos não têm, nem cortado, nem queimado, as ár-

**(Continua na pág. 45)**

Tradução de **RENATO DE ALENCAR**
Ilustração de **JERÔNYMO RIBEIRO**



# AVENTURAS DO CAPITÃO ROB








67 Os vapores sulfurosos que sobem da cratera envolvem Rob e se vão tornando cada vez mais densos. A atmosfera é sufocante. Sùbitamente, êle divisa dois vultos que lhe estão por baixo. Lupardi e Yoto haviam conseguido descer a bomba atômica e estavam agora preparando sua explosão. Lupardi nota que a escada de corda acusa alguém a usá-la. Olhando para cima, o sábio e louco vocifera: "Diabo! Aí está êsse diabólico intrometido a seguir nossos passos! Apanhe-o ou o mate Yoto!" Saltando para uma saliência da cratera, Rob grita: "Pare com isso, Prof Lupardi! Você está cercado!"








68 Lupardi respondeu com uma gargalhada. Yoto procurou executar as ordens de seu amo. Procurou apoiar-se numa anfratuosidade e, dali, saltar sôbre Rob, aprisionando-o de uma vez. Mas Rob percebeu a manobra do assistente de Lupardi e soube evitar-lhe o bote traiçoeiro. Recebendo-o de frente, Rob o suspendeu nos braços e o arremessou ao fundo da cratera. Lupardi não mostrou muita sensação ao ver o fim do seu assistente; mas procurou eliminar Rob, que não teve coragem de ver o fim do seu perseguidor. O Prof. Lupardi tentou terminar sua missão diabólica e matar o cap. Rob naquele instante.





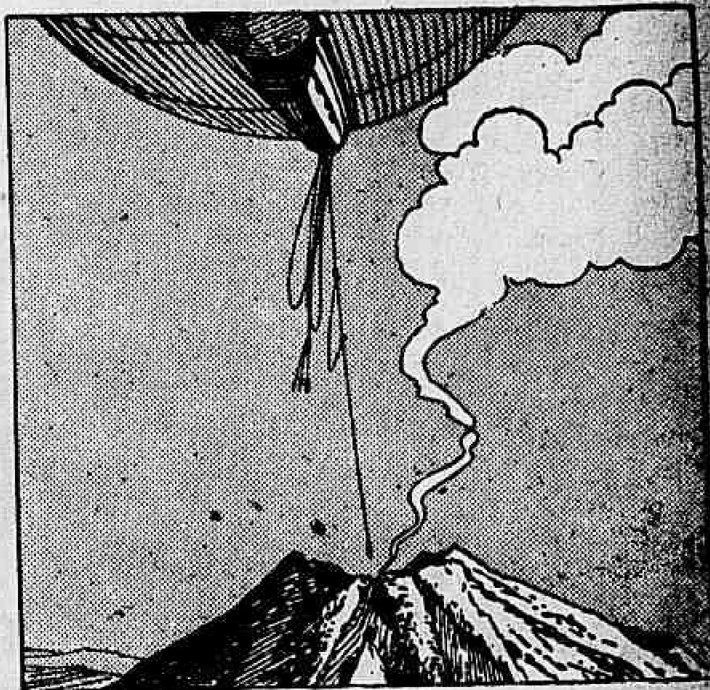



69 Lupardi tinha a expressão de um louco varrido. Ao ver Yoto sumir-se para sempre na cratera incandescente, êle gritou satânicamente para Rob: "Ah! Êsse é o seu fim também! Eu vou recolher os cabos agora, e o seu fim chegou. A bôca de Vulcano vai tragá-lo!". E desatou numa gargalhada de louco. Rob tinha que agir sem demora. Aquêle louco era capaz de tudo. Lupardi se prepara, enfim, para colocar a bomba na posição de ignição. Rob salta ràpidamente para o cabo que sustinha a bomba e, sem dar tempo a qualquer defesa de Lupardi, vai até êle e lhe dá tremendo sôco, precipitando-o no abismo.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — Depois que Rob foi parar com seu iate "Liberty" numa região gelada e desconhecida, foi recolhido a bordo de um submarino. O Dr. Ree, cientista, convidou-o para, com mais dois marujos, proceder a sindicâncias na Ilha dos Pinguins, onde um sábio-louco, o Prof. Lupardi, instalara uma Cidade Atômica, destinada a mudar a posição do eixo da Terra. Depois de mil peripécias, conseguem penetrar no terreno proibido e são aprisionados. Rob escapa e traz socorro para libertar seus companheiros. Mas Lupardi e seu assistente Yoto os faz embarcar num avião com destino à Lua. Os prisioneiros conseguem descer e são acolhidos no acampamento dos aliados do destemido Capitão Rob. Êste penetra nos domínios atômicos de Lupardi, a fim de destruir as bombas que o professor iria despejar na cratera de um vulcão. Surpreendido no interior do Laboratório, dão-lhe um golpe violento; mas Rob consegue recuperar os sentidos e, sabendo das intenções criminosas do Prof Lupardi, procura aoercar-se do dirigível em que o louco voaria para a zona do vulcão. O Capitão Rob consegue ocultar-se no dirigível.

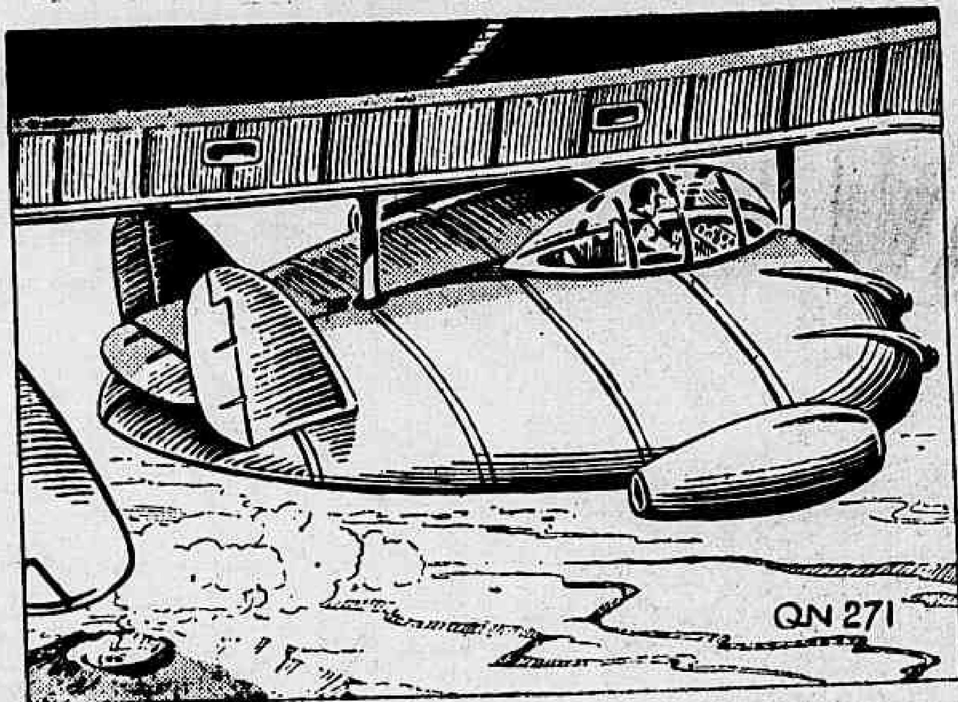




70 Apesar de muito cansado com a luta na cratera, Rob consegue subir pela escada e alcança a parte externa do vulcão. Não havia tempo a perder. Na cratera estava a máquina infernal de Lupardi, prestes a explodir. Era preciso ainda salvar os seus amigos lá na ilha dos Pinguins, pois havia mais bombas no Atomatório de Lupardi. Foi até ao dirigível e entrou na cabine de comando. Estudou cuidadosamente o maquinismo. Havia inscrições em latim, que êle traduziu para sua língua. O zepelin obedeceu ao comando e êle se fêz aos ares. O dirigível puxava o cabo com a bomba perigosa na ponta!



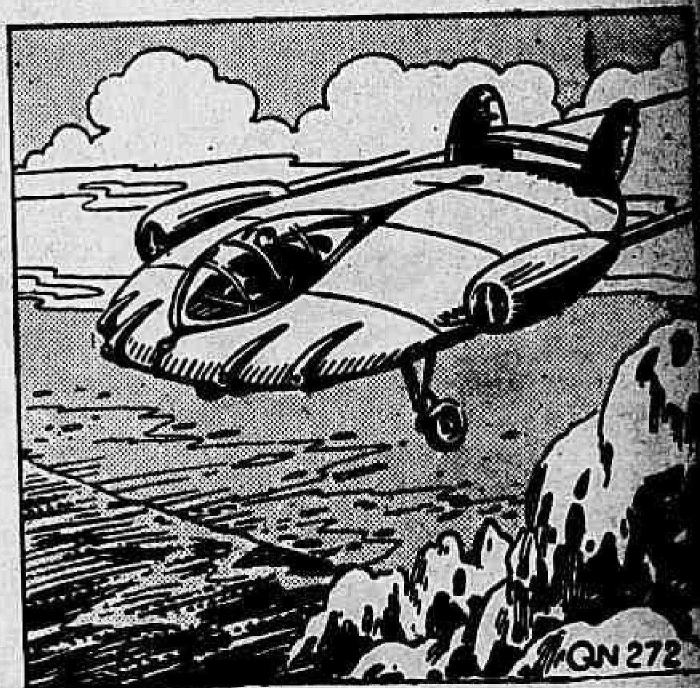





71 E agora, para casa! Mas Rob não consegue pôr em movimento o grande motor do dirigível. Todos os seus esforços foram inúteis. Mas não se atrapalha e procura passar para uma das "gôndolas" com motor. Mas verifica que há um aviãozinho ligado ao zepelin. Sobe mais alto e se coloca no aparelho. Experimenta o maquinismo e o põe em ação, largando das amarras que o prendiam ao dirigível. O aviãozinho cai no espaço e desliza, enquanto Rob consegue dominar seu contrôle. A velocidade é de mil quilômetros por hora. Antes de deixar o zepelin, êle abriu as válvulas, evitando uma destruição.








72 O Dr. Ree e todos os seus companheiros da ilha viram quando o "Salvador do Mundo" partiu, mas não puderam evitar, em virtude da densa névoa. Procuraram Rob, indo encontrar a Cidade Atômica deserta. Nenhum traço de Rob. O Dr. Ree encontra a armadura dêle e seu capacete. Então esperam pelo pior. O frio aumenta, mas a neblina está clareando. Os pinguins abandonaram a ilha. Súbito, êles ouvem ruídos de motor. "Cuidado! Lupardi está voltando!". Mas era Rob! Há gritos de alegria, e Rob consegue aterrissar sem novidade, apesar da grande velocidade em que ia o seu aviãozinho.

# DIÁRIO DE AMOR DE SUZANA

*NOVE DE JUNHO*: — Já li algumas páginas de diários famosos. De outros, li apenas alguns trechos. E, pelo que eu pude concluir, só escreve diário quem ama — porque os diários (ao menos os que eu li) são todos referentes a amor. Há muito tempo venho apaziguando a minha vontade de escrever um Diário, mas como iria fazê-lo se não estava amando? Agora, porém, chegou a minhe vez. Já posso escrever o meu jornal, dia a dia. E isto começou ontem.

8 *de junho*: — Eu saía da aula e caminhava pela rua em direção à Práia de Botafogo. De repente dão um encontrão em mim e a mala de livros que eu levava debaixo do braço cai no chão. O rapaz que motivou isso abaixou-se para apanhá-la e desmanchou-se em desculpas. Com o lenço que ràpidamente tirou do bôlso, começou a limpá-la.

— Não se incomode — disse eu. — Não vá sujar o seu lenço perfumado.

Não foi impiedade minha; não fiz aquilo por querer ferí-lo, mas o rapaz se pôs tão encabulado que passei a sofrer mais do que êle.

Reparei em suas mãos que se esmeravam em limpar a pasta. Mãos iguais ainda não vi, juro! E isso não vai por conta do quanto já o amo. São claras, quase brancas, pontilhadas de leves pontos rosados e de finos traços de veias azuis. E êle me olhava nos olhos e em mim tôda, mas eu não conseguia fixar os olhos nêle. E cada vez que o rapaz abaixava a cabeça para ver onde havia mais um cisco, dos seus cabelos evolava um delicioso perfume. Ah, os cabelos! Devo falar sôbre êles, também. São claros, sedosos, brilhantes. Sem chegarem a ser louros, estão longe de ser castanhas. Mas o rosto eu não conseguia ver.

— Não há nada quebrável dentro da mala? — perguntou solícito, preocupado.

Fingi estar pensando. Enfiei a ponta da unha entre dois dentes incisivos e deixei o olhar no chão.

— Tão bonita assim pensativa!

Arrebatei a pasta de livros de suas mãos, e tão precipitadamente o fiz que a pasta voltou a cair. Olhamo-nos nos olhos — oh, os seus olhos são lindamente azuis! — e pusemo-nos a rir. Êle levantou a maleta do chão e tornou a usar o lenço para limpá-la.

— O senhor desculpe. Estou tomando o seu tempo... e creio que o senhor estava com pressa...

— "Estava" disse bem... "Estava", porque já não estou mais... Porque agora já não importa mais nada, a não ser estar a seu lado.

Acho que fiquei corada.

Baixei os olhos outra vez e fechei-os numa tentativa de fixar a fisionomia dêle. Nunca vi beleza igual. Não sei, até agora, se estou sendo vítima de um sonho máu — por ser um sonho bom demais. O nariz pequeno e perfeito, um pouco alongado reforçando a expressão romântica; as faces rosadas contrastando com o leve tom azul da barba raspada; a bôca vermelha, úmida e enérgica; o queixo duro, pontudo, fendido. Não é muito alto, mas, ainda assim, bem mais alto do que eu.

Tocou-me de leve o braço, e não sei se era para despertar-me de meu devaneio ou se para dizer:

— Vamos andando...

Fomos indo. Êle levava a minha pasta de livros. Bobagem minha, mas ao meu diário eu posso contar: — fiquei encabulada porque naquele momento (vejo agora!) em mim, ainda uma menina, nascia de repente uma mulher e em pensamento e em sentimento. E isso pude constatar porque — e esta é uma bobagem — envergonhei-me vendo-o carregar a minha pasta e lembrei-me que nela, entre os cadernos de aula, entre a tábua de logarítmos e um compêndio de sintaxe francêsa, alí, estava um caderno de anedotas que a Laura Pôrto me tinha emprestado! Mas, acho (ainda não conheço bem os homens) acho que os homens) acho que os homens não têm muito aguçada a percepção das coisas não ditas, porque êle não notou nada.

— Mora por aqui? — perguntou-me.

— No Leme.

— Ah, no Leme?

— Por que? o senhor também mora no Leme?

— Não, não moro lá.

Eu achei que tinha sido muito boba, mas agora acho que êle é que foi tolinho. (Ah, meu Deus! como posso dizer que êle é tolo amando-o como eu o amo?).

E êle continuou:

— Eu moro no Grajaú.

— Ah, sim?

Eu pensava: "Não conheço o Grajaú. Preciso conhecer. Acho que fica perto da Praça da Bandeira, junto da Tijuca".

E êle:

— Sabe onde é o Grajaú?

— O Grajaú? Acho que sei... Não é perto da Praça da Bandeira... alí na Tijuca?

Êle teve uma risada curta e pouco sonora.

— Não, não conhece não. Não conhece porque é bairro de pobre.

Fiquei quieta e me lembrei das conversas político-socialistas de papai e disse para mim mesma: "Ah, êle deve ser um dos *desajustados sociais*".

— Então o senhor não gosta do Grajaú?

Êle me respondeu esta coisa esquisita que eu, como não entendi, limito-me a registrar fielmente:

— O grajaú é um bairro, apenas um bairro.

Não respondi nada.

Chegamos à esquina onde param os bondes.

— Vou para casa — disse eu.

Êle estava em pé, em minha frente. Olhava-me nos olhos.

— Mas antes vamos marcar um encontro, não é?



Pensei: "Êle quer me namorar. A mim! E é tão bonito!"

— O meu nome é Rodrigo. Rodrigo Alves Cunha.

— Eu sou Suzana de Melo Arantes.

Olhei para adiante e vi que vinha o bonde "Leme".

— O bonde já vem.

— Posso vê-la amanhã?

— Sim. Às 8,30 da noite, na esquina da Gustavo Sampaio com Princesa Isabel.

— Está bem, Suzana.

Apertamos as mãos.

Do bonde, já em marcha, dei-lhe adeus.

9 *de junho, antes de dormir*: — Hoje nos encontramos às 8,30. Cheguei cinco minutos atrasada. Enganei mamãe que Julinha fêz anos. Mamãe me disse:

— Tome êsse dinheiro para comprar um presente para ela.

Eu senti escrúpulo de aceitar o dinheiro. Então aleguei:

— Não, mamãe. As lojas, a essa hora, já estão fechadas.

Mas mamae insistiu que eu fôsse a uma farmácia e comprasse um perfume para oferecer à Julinha.

Eu estava com o vestido azul-claro, o que mamãe mandou fazer para eu usar no casamento da prima, Nely, no mês passado. Modela-me bem o busto. Tirei aquêle raminho de flôres miudas da cintura, que dá uma aparência ridìculamente infantil. Em vez de deixar os cabelos soltos, prendi-os à nuca por um laço de veludo prêto.

Quando cheguei à esquina, Rodrigo estava me esperando, com as mãos nos bolsos da calça. Vestia o mesmo terno de xadrezinho marron; só a gravata é que não era a vermelha; usava uma beige com umas pintinhas escuras.

— Demorei-me?

— Se viesse dez minutos antes da hora combinada ainda assim eu teria dito que demorou.

Achei encantador e sutil. Coisas assim só li em livros românticos como os da formidável George Sand.

— Não sei, Suzana, por que o Destino foi tão pouco amigo, retardando até ontem o nosso encontro. Quantos dias felizes perdi!

Lembrei-me, divertida, que se êle me encontrasse há dois meses atrás êle não me ligaria a menor importância. Eu ainda usava longas tranças e os vestidos curtos. De *rouge* nem a menor sombra! Foi para o casamento da prima Nely que cortei — afinal mamãe acedeu — os cabelos e passei a me pintar. Foram descidas as bainhas dos meus vestidos e passei a fazer penteados. Todos disseram que eu mudara de menina para moça. Estavam enganados: eu continuava menina — uma garôta com aspeto de moça. Apenas ontem, quando conheci Rodrigo, foi que me transformei, numa fração de segundo. E verifiquei essa coisa espantosa: — nenhuma mulher é mulher até que ame.

Rodrigo tem uma conversa encantadora, envolvente. Falamos de muita coisa. E vi como êle é generoso: tocou de leve muitos assuntos de que poderia falar exaustivamente — mas êle não quis me deixar em situação aflitiva, adivinhando que eu ainda não sou muito instruida. Naquela hora em que conversamos, aprendi muita coisa. Principalmente da alma humana. Parte foi dita por Rodrigo; parte eu deduzi pelos fatos, com as novas sensações que me têm invadido o coração e o ser nessas últimas vinte e quatro horas. Acho que hoje aprendi mais do que tenho aprendido em todos êsses anos de colégio. E' maravilhoso amar. Amar é humanizar-se.

Rodrigo é estudante de Medicina. Quer ser médico.

— De que especialidade?

Êle ficou me olhando, encabulado ou não sei o quê, hesitando se diria ou não. Desci o olhar e achei que fiz mal de perguntar. Sei que há certas especialidades na Medicina que uma mocinha deve ignorar ou, se sabe, fingir que não sabe.

— Bem, você já é uma moça... Vou ser parteiro.

— Parteiro? Titio também é parteiro. Coitado, êle trabalha tanto! Às vêzes mal se deita, tem se levantar para atender a um chamado e só volta de manhã! Isso não é vida!

— E' vida sim! Dá um pouco da vida dêle, da vida dêle que é apenas uma, para centenas, para milhares de outras vidas!

Êle tinha razão. Fiquei encabulada. E verifiquei que Rodrigo é dos tais *idealistas*, como diz papai. Portanto, recapitulando: *desajustado social e idealista*. Sem dúvida, é um rapaz de futuro.

12 *de junho*: — Já não tolero o colégio. Tudo isso me parece tão sutil e infantil! A começar pelas minhas colegas. Já não tolero falar com elas. Procuro ser gentil, amável — são tão boas comigo! Já não consigo prestar atenção às aulas; não consigo pensar em nada que não seja Rodrigo. Êle me absorve tôda. E' como se eu vivesse apenas para êle. Sei que estou sentindo essa coisa famosa que chamam de amor. E o amor é espantoso e tão cheio de surprêsas quanto uma gruta acidentada. Penso, penso em Rodrigo e seria capaz de repetir palavra por palavra das suas frases, silêncio por silêncio das suas pausas. Ontem foi a quarta vez que nos vimos. Para mim é como se fôsse o quarto ano de ininterrupto namôro ou noivado.

13 *de junho*: — Rodrigo é idealista. Quer vencer na Medicina. Acima de tudo quer ser útil ao Brasil e à Humanidade. "Quero encher o Brasil de gente! O brasileiro nato é o nosso melhor imigrante!"

Achei essa frase admirável. Ontem à noite, titio veio jantar conosco. Tinha ido visitar um cliente aqui perto, então veio nos ver. E como era a hora do jantar, aceitou o convite de mamãe e jantou conosco. Falou-se de imigração, então soltei a frase do Rodrigo, em tom doutoral. Titio riu-se e disse que também leu isso, mas não se lembrava onde. Fiquei aborrecida com titio e disse:

— Aposto que você não leu!

Mamãe olhou-me muito espantada e, para disfarçar, disse ao titio:

— Hernani, repita a salada.

Depois que titio foi embora, o meu irmão, que é seu afilhado e o estima tanto quanto ao papai, disse:

— Suzana, você tratou mal ao titio!

Mamãe, que ia passando com uma jarra de flôres, parou e ficou me olhando, ainda surprêsa com a minha atitude. Mas não disse nada. E continuou o seu caminho.

Amargurada com o meu procedimento, atirei-me numa poltrona e pus-me a folhear uma revista.

Lamento sinceramente ter desrespeitado titio; mas por que foi êle diminuir o valor de Rodrigo?

15 *de junho*: — Rodrigo é lindo. Nunca vi ninguém assim. Êle chama a atenção. Deve ser intranqüilo tê-lo por marido — mas também é a maior ventura que uma mulher pode esperar.

18 *de junho*: — Rodrigo é pobre. O pai é funcionário público. A mãe costura vestidos para gente modesta. Êle tem uma linguagem esquisita. Costuma dizer-me: "o meu mundo", "o seu mundo". Outro dia eu disse:

— Rodrigo, só há um mundo: o mundo de Cristo.

Mas Rodrigo rebateu-me amargamente:

— Não, nós vivemos sob o signo do dinheiro. E um mundo é tão distante do outro que não há navios que os ligue nem aviões capazes de levar gasolina suficiente para tão grande vôo.



Apertei a mão de Rodrigo. Apertei-a entre as minhas. Encostei o rosto em seu pescoço. Aninhei a testa por detrás da sua orelha. E disse com a maior doçura:

— Rodrigo, o meu mundo é aquêle em que você estiver. Só onde você está existe ar para mim.

Êle não respondeu. E o resto do encontro foi todo triste. Intimamente, eu já estava divisando o mundo de Cristo se separando e, por desgraça minha, eu via que o meu mundo não era o mesmo que o dêle.

19 *de junho*: — Causou-me funda impressão a conversa que tivemos ontem, Rodrigo e eu. Tenho me lembrado de todos êsses lindos romances de amor que as minhas amigas me têm emprestado e que leio às escondidas, no meu quarto. E penso revoltada que o Destino tem implicância com todos os casais amorosos do mundo. Para cada um êle levanta um obstáculo. Ora é questão de dinheiro (como é o nosso caso), ora é doença, ora é motivo religioso, outra vez é questão política, etc. Enfim, a implicância é generalizada. E' pena que sou muito pouco instruída e não saiba certas coisas. Vai ver, o Destino é um personagem mitológico e que êle também sofreu por questões de amor contrariado. Então, para se vingar, resolveu perseguir todos os apaixonados até o fim do mundo.

Mas isso é uma injustiça!

29 *de junho*: — Encontrei numa das minhas gavetas o dinheiro que mamãe me dera para comprar o presente para Julinha. Que iria fazer com aquilo? Ontem estive na cidade. Então me ocorreu comprar uma gravata para Rodrigo. Nunca eu comprara uma gravata em minha vida. Comecei a escolher e a moça que me atendeu — muito simpática, por sinal — sorriu e me disse:

— Os homens nos acusam de escolher gravatas com o mesmo critério com que escolhemos vestidos.

Fiquei admirada com o que ouvi. Reparei nas gravatas que logo me agradaram: eram côr de rosa, verde-malva, amarelado com flores, etc.

Decidi-me, então, comprar uma de desenho clássico, de agrado garantido: azul escuro com bolinhas brancas.

À noite, levei-a para êle. Fiquei muito desapontada porque esperava que Rodrigo fôsse ficar muito satisfeito. Mas não! Ficou tão perturbado, com as mãos agitadas e sem conseguir dizer nada — êle que fala tanto e com palavras sempre tão próprias!

— Muito obrigado, Suzana.

E depois de um pouco, segurando-me as mãos:

— Nunca mais me traga nada.

Acho que é porque êle é pobre e não pode retribuir.

3 *de julho*: — Dorinha, assim que cheguei ao colégio, veio a mim e disse com um jeito que não sei interpretar:

— Muito bem, sua sonsinha! Namorando!

Mercedes Villar, que estava perto, voltou-se e quando viu que eu era a vítima disse batendo palmas:

— A Suzana?

— Ela mesma — fêz Dorinha.

Maria do Céu, que estava suspendendo as meias, rodou nos calcanhares e, mostrando a perna bonita, insinuou:

— Vai ver, é o primeiro.

Fui andando, bastante perturbada.

Só na última aula, depois de um intervalo, Marina me disse, junto ao ouvido:

— Passe, por uma! Fiquei sabendo por terceiros que você tem um namorado... Você nem me contou, a mim, que sou a sua melhor amiga.

Olhei Marina nos olhos e vi que estava sentida.

Penitenciei-me.

7 *de julho*: — Mamãe me acha mudada.

— Suzana mudou tanto, assim de repente...

Tia Alceste explicou:

— Suzana ficou moça.

— E' uma criança! — afiançou mamãe.

Titia piscou-me os olhos e sorriu.

Fiquei perturbada. Será que ela sabe?

8 *de julho*: — Hoje eu disse ao Rodrigo:

— Receio que minha família nos veja namorando.

Rodrigo mostrou todo o seu amargor:

— E' natural! Sou um rapaz tão pobre!

Fiquei sentida. Apertei suas mãos e fiz em gestos uma confissão de meu amor.

— Êles receiariam que você se desviasse do Sr. Banqueiro, seu futuro e inevitável espôso.

Espalmei as mãos em suas faces e fiz girar a cabeça até voltar-se a mim.

— Se você me quiser para sua espôsa, é só a você que desejo.

A frase não saiu bonita, mas êle me compreendeu e olhou-me com tanta meiguice, com tanta bondade e amor que me senti felicíssima.

Agora, passada meia-hora que o deixei, estou achando que êle devia fazer-me um pedido de casamento ali mesmo ou, ao menos, dizer que deseja casar-se comigo.

9 *de julho*: — Consultei Marina sôbre o episódio de ontem. Marina me garantiu que os homens não gostam de se casar. Que só se casam quando não há outro jeito. Acho que a coisa vai se complicando. Será que Rodrigo não me vê como a sua futura espôsa? Eu não posso imaginar a minha vida conjugal sem ser com o Rodrigo. (Só comecei a pensar em casamento e imaginar-me casada depois que o conheci).

10 *de julho*: — Hoje, assim que me encontrei com o Rodrigo, fui logo lhe falando:

— Rodrigo, você pretende se casar comigo?

Não tenho a menor dúvida que isso o surpreendeu.

— Que pergunta, Suzana!

— Não é de admirar que eu a faça. Até agora você não tocou em casamento!

Êle demorou a me responder. Rodrigo é uma pessoa estranha: pode conversar com duas pessoas — comigo e com êle mesmo a um só tempo.

— Suzana, há vários motivos por que ainda não lhe falei em casamento. O primeiro dêles: sou pobre. Nada posso lhe dar, não posso montar casa, nem sustentá-la, nem mesmo a mim próprio; o segundo: você ainda nem tem dezesseis anos, e antes dos dezesseis anos não permitem o casamento; o terceiro: as nossas famílias...

Interrompi-o dizendo vivamente:

— Ah, Rodrigo, você precisa me levar para conhecer a sua mãe. E o seu pai também.

Acho que isso o entristeceu muito. Afinal disse:

— Mamãe é tão simples... Deve ser tão diferente da sua...

Atalhei a palavra com êsse bonito argumento:

— Tôdas as mães são iguais.

Mas Rodrigo não parecia ter atentado no que eu disse, porque prosseguiu naquele mesmo diapasão:

— Minha mãe é tão simples... Você não gostaria dela. Não usa pintura nem colete, nem pinta as unhas... Nada disso. Engordou de tanto sentar-se à máquina de costura e as pontas dos dedos estão furadas de agulhas e alfinetes. Tem olheiras de horas de sono perdido e um suspiro permanente na garganta pelas alegrias que nunca teve.

— Ah, Rodrigo! — suspirei.

Pobre rapaz! Confesso: apertei a garganta para conter o chôro.

12 — *de julho*: — Virei-me para o Rodrigo e propús:

— Vamos fugir.

Acalentou-me o rosto e não respondeu nada.

15 *de julho*: — Consultei Marina. A minha amiga mostrou-se desanimada quanto ao nosso caso. (Ela entende dessas coisas, pois já teve, ao que eu saiba, três namorados no mínimo). E me disse:

— Não vejo esperanças para vocês. Sem dinheiro e tão crianças! Pelo jeito, precisarão esperar uns oito ou dez anos até que êle se arranje na vida. Você espera?

**(Continua na pág. 44)**

CONTO DE **MOYSÉS DUÉK** ★ ILUSTRAÇÃO DE **GIPSON DE FREITAS**

# CÔCO-RITMO DO NORDESTE

**O CÔCO NA SEMANA FOLCLÓRICA DE ALAGOAS ★ PARAÍBA: CÔCO DE UMBIGADA ★ O CÔCO NASCEU NOS QUILOMBOS DOS PALMARES**

Reportagem de **JOSÉ SIQUEIRA** ★ Fotos de **STUCKERT**



OS COCADORES fazem suas ev... luções da direita para a esque... da, atentos aos passos que d...



**Êles todos de chapéu na cabeça, quase tôdas elas de fita nos cabelos: e tome côco!**

O côco nordestino, tal como acabamos de ver aqui em Alagoas, consta de uma variedade surpreendente de sapateados que seus figurantes, homens e mulheres, executam em conjunto. Estou convencido de que êle nada fica a dever ao famoso bailado espanhol com os célebres sapateados que se praticam alternada ou conjuntamente ao som das castanholas, e que desperta admiração no mundo inteiro.

Foi na pátio interno da União Beneficente Portuguêsa sociedade que funciona em Maceió, onde assisti a uma demonstração do côco e de outras danças regionais, realizada como parte do programa elaborado pelos organizadores da Semana Folclórica em Alagoas.

A presença do governador Arnon de Melo, acompanhado de sua senhora D. Léda Color de Melo, dos membros das diversas delegações de folcloristas aqui reunidos e de figuras da alta sociedade alagoana, produziu certo constrangimento inicial nos "cabras" que se preparavam para a execução das danças. Essa timidez foi aos poucos vencida, não prejudicando a naturalidade do espetáculo.

Os dançarinos fizeram a roda característica e começaram a dança com evoluções da direita para a esquerda, ao som de uma velha sanfona acompanhada de dois pandeiros, alguns chocalhos e maracás. Vencido o acanhamento, o côco cresceu dentro dos muros da União, enchendo o pátio de ritmo e movimento. Cavalheiros e damas na clássica posição de dançar, colocadas as últimas à direita dos homens, realizaram magníficas proezas, pulando e sapateando ao compasso estonteador da música.

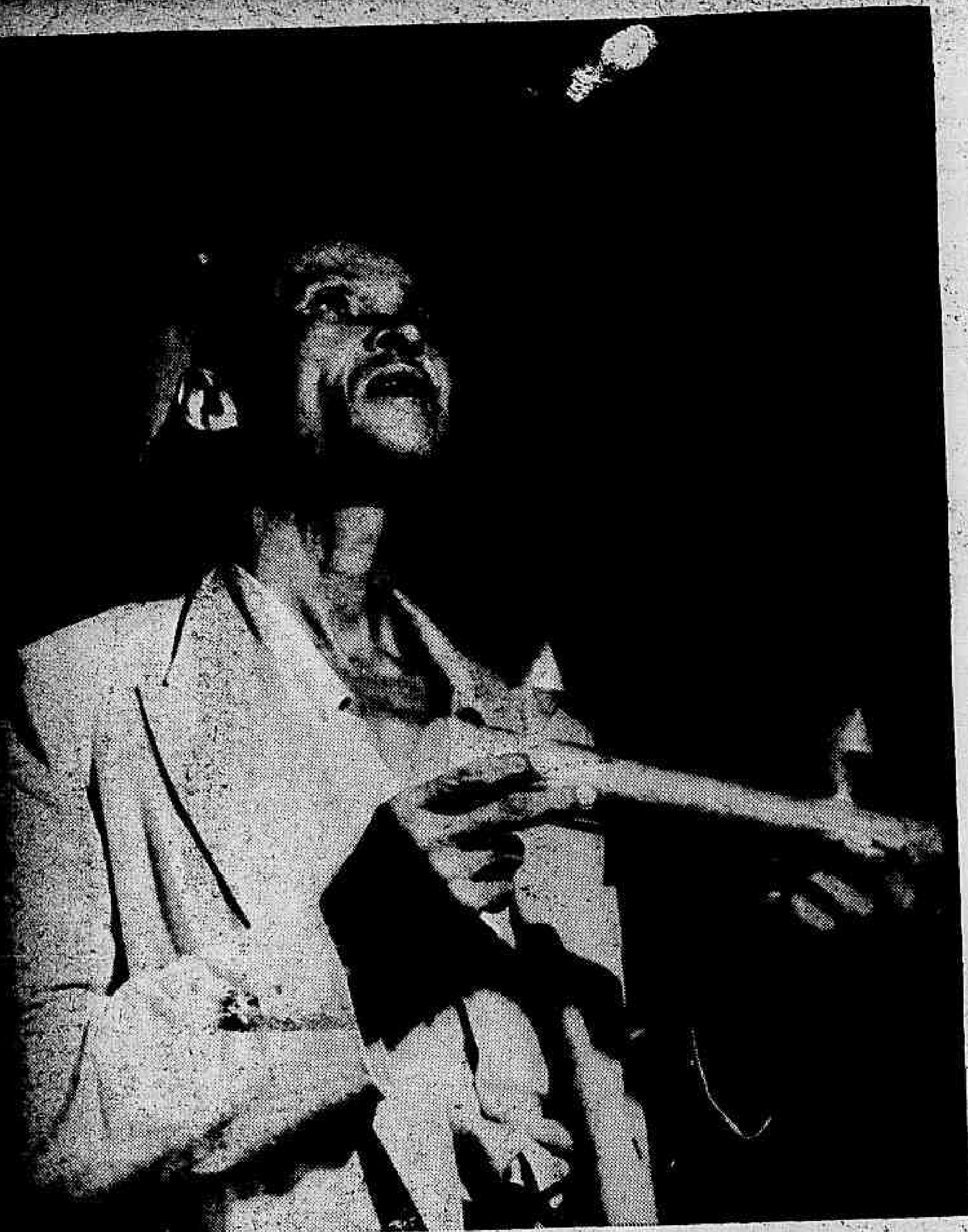
Não vi desta vez o côco de umbigada, tão comum no Estado da Paraíba. Os folcloristas Theo Brandão e Aloisio Vilela me informam que êle domina em algumas zonas do Estado, que acreditam ter sido seu berço. Admitem muitos



**É IMPRESSIONANTE** o ar de concentração que se nota nos dançarinos



**O CORPO INTEIRO** vibra e sacoleja, mas os olhos não deixam de fiscalizar os pés



SÃO SIMPLES e belas melodias, que a voz e o maracá ajudam a interpretar



OS CANTADORES Etelvino e Enoque animam o canto com o bater dos pandeiros



A "DANÇA DE TROPEL" é um dos tempos ...ivos

com efeito, participando dessa opinião o citado Aloísio Vilela, folclo... Viçosa, a quem coube apresentar os figurantes do côco da União Po... que o côco nasceu em Alagoas na época dos quilombos dos Palmares. ... Câmara Cascudo, representante do Rio Grande do Norte na Semana Fo... declarou em uma de nossas reuniões, no Bar Deodoro, que acaba de co... Paraíba, dados que confirmam essa opinião.

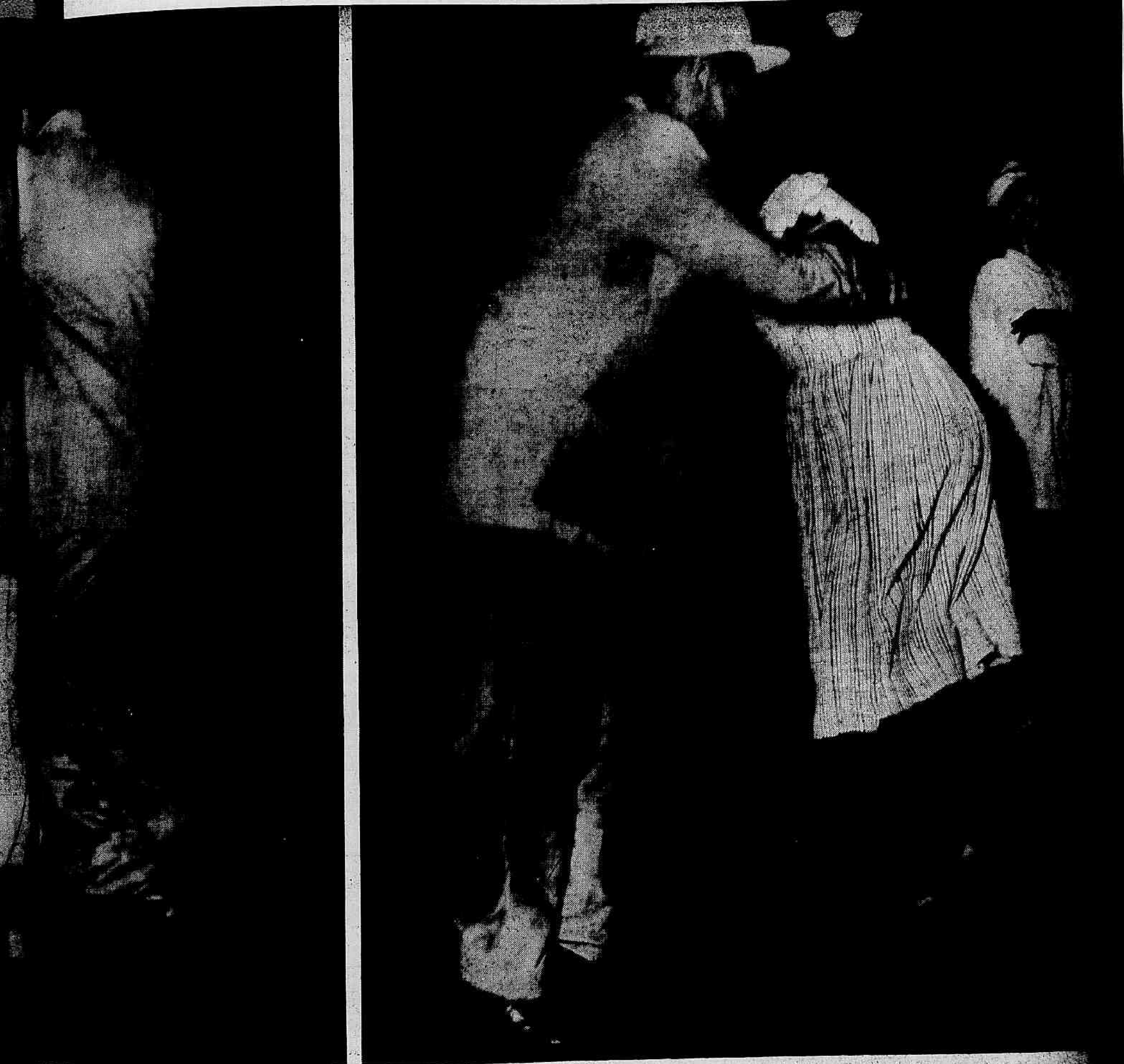
O professor L. Lavenère, velho jornalista do "Jornal de Alagoas", ... manifesta em seu trabalho "Nossas Cantigas":

"O côco era a dança popular e familiar de Maceió, nas noites de Sa... tônio, São João e Natal".

Lembra que o côco teve uma época memorável em 1900, quando se ... uma sociedade com o nome de Cocadores Federais, para o fim de sol... entrada do Século XX, o que se fêz dançando-se exclusivamente o côco... tando-se emboladas alusivas, algumas aos cocadores.

A Lavenère coube a seguinte:

*"Seu Lavère,*
*Por ser bom telegrafista*
*Entendeu sofrer da vista*
*Para não mais trabalhar".*



...s tempo[illegible]vivos do côco nordestino

O "SALTO ANABELA" também já aparece no côco dançado em Alagoas

O estribilho era sempre o mesmo, conhecido hoje em todo o Brasil e dizia:

*"O meu engenho*
*E' de Humaitá*
*De Humaitá*
*De Humaitá".*

Não concordo com o professor Lavenère é quando êle diz que o côco é de origem africana. Positivamente não concordo.

Tôdas as melodias dos côcos que ouvimos eram cantadas, primeiro pela cantadeira solista, cuja fotografia ilustra esta reportagem, depois pelos demais figurantes. São simples e belas melodias.

A diferença entre o côco de Alagoas e o da Paraiba consiste em que os figurantes daqui apenas cantam, dançam e sapateiam, enquanto os paraibanos cantam, dançam, sapateiam, batem palmas e dão umbigadas. Além disso o conjunto musical da Paraiba consta de um bombo, um tambor, um reco-reco, um pandeiro e um chocalho. O de Alagoas compõe-se de sanfona, pandeiro, chocalho e maracás.

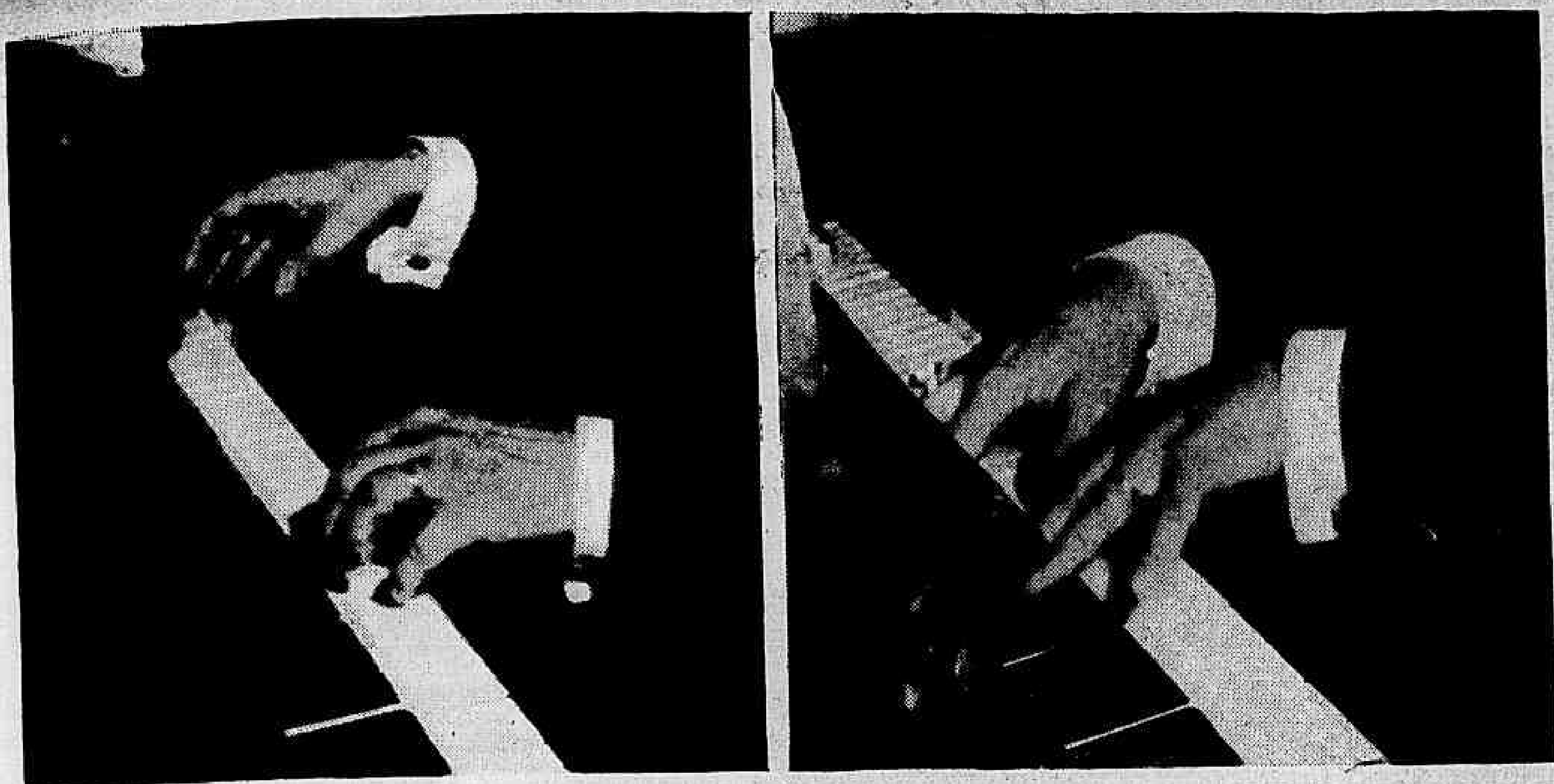
Não posso ainda opinar acêrca da origem do côco. Mas sei, e posso proclamar, que o côco nordestino é uma dança que contagia, empolga e deslumbra.



**DETALHE do côco. Não custa imaginar o estalido do salto dos sapatos no cimento**

QUANDO O PIANO é «batente»: Norbert Schultze arranca ao teclado os acordes da canção que o tornou mundialmente famoso

# ÊLE COMPÔS "LILI MARLENE"



SCHULTZE É PIANISTA e compositor. As mãos vivazes que correm o teclado são as mesmas que enchem de sinais o pentagrama

## PIANISTA NUM RESTAURANTE DE COPACABANA O AUTOR DA MAIS FAMOSA CANÇÃO DO SÉCULO

UM moço chamado para o serviço das armas, em Berlim, 1915, despediu-se da vida civil dedicando um terno poema a duas de suas amigas, Lili e Marlene.

*Defronte do quartel, diante do portão,*
*estava um lampião. E se êle ainda lá* [*está*
*ali então nos queremos ver de novo,*
*queremos ficar, junto ao lampeão,*
*como antigamente Lili Marlene*
*como antigamente Lili Marlene...*

Essa tradução grosseira dos versos que o jovem convocado escreveu para suas amigas não dá idéia da suavidade que encerram. Queremos apenas dizer que dêles viria a surgir a mais famosa canção dêste século, hoje gravada em 52 línguas diferentes e repetida por milhões de bôcas em tôdas as terras do mundo conhecido. Essa canção é *Lili Marlene*, composta em 1938 por Norbert Schultze e inspirada nos versos de Hans Leip, que êste é o nome do moço que em 1915 partia para a guerra com as imagens de Lili e Marlene no coração.

Quem já não ouviu ou não trauteou a melodia que se espalhou por todo o universo, a famosa *Lili Marlene* que se popularizou durante a última guerra e foi cantada em todos os acampamentos e cabarés militares? Que teve mil interpretações dadas por Marlene Dietrich, diante dos soldados, quando êstes descançavam de sua rude ocupação? Que foi certa vez reclamada por Churchill, num dos seus veraneios na Riviera, numa recordação dos dias da luta pela sobrevivência do mundo livre?

Hans Leip, autor do texto original, hoje envelhece tranqüilamente na Bavária. Schultze, o compositor que a musicou, mais moço e pode ser encontrado tôdas as noites de vinte anos depois, é um homem ainda moço e pode ser encontrado tôdas as noites no interior de um restaurante de Copacabana. Não há engano: é mesmo o famoso autor de *Lili Marlene* que se senta ao piano do "French Can-Can", para distrair e alegrar com suas músicas os fregueses do estabelecimento.

Fomos procurar e interrogar Schultze na casa que alugou em Niterói, e onde mora com a espôsa e dois filhos. Queriamos saber sôbre sua transferência para o Brasil, onde está há cinco mêses, e sôbre os planos que teria feito.

— Quando a produção alemã de cinema decaiu, resolvi acompanhar Eichhorn, da Astrafilms, até o Rio. Seu projeto era realizar um grande filme em Petrópolis e Rio de Janeiro, tendo como fundo de cena essa maravilhosa que é o Hotel Quitandinha. Só esperei para isso terminar a minha comédia musical "Capitão Bye-Bye", o que fiz com absoluto sucesso. Embarquei, cheguei. As coisas andaram piores, agora felizmente vão bem.

*Frau* Schultze está ao lado do marido e lhe perguntamos se pôde trocar fàcilmente a Europa por um país da América.

— Tenho muito mêdo de uma nova guer-

(*Continua na pág. 46*)

Irmaos do Condor
(Marcha dos Para-Quedistas)

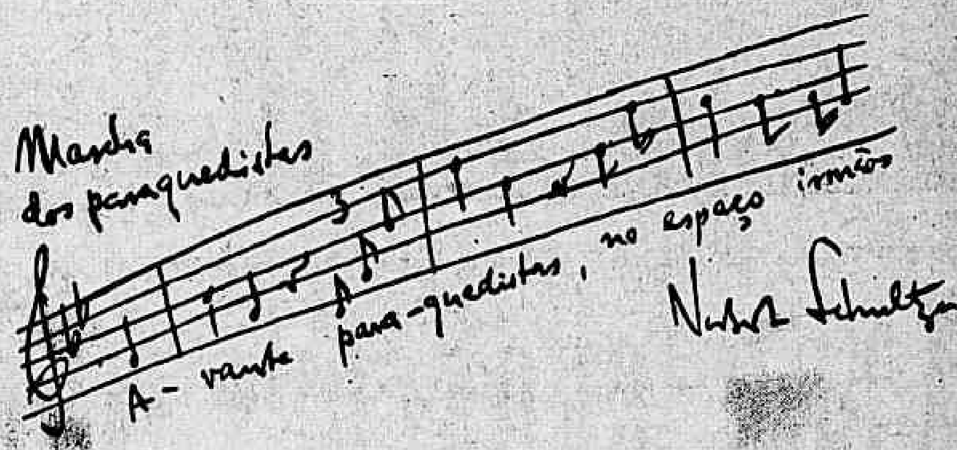
Avante para- quedistas, no espaco irmaos do condor!
Avante para- quedistas, a saltar com denodo e ardor!
Ouvindo em nosso velame o vento a sibilar -
Avante para- quedistas - é a patria que chama a lutar.
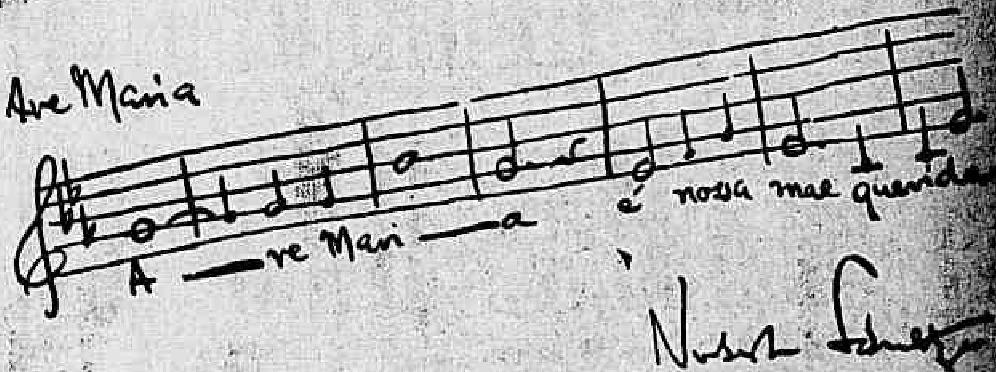
Rosa Maria, hoje temos que saltar!
Mas por um para- quedista vale a pena esperar!

A V E  M A R I A

Recolhe as velas das belas jangadas - oh! jangadeiro!
Descanca agora que o sol vae-se embora - oh! garimpeiro!
Nas serras, vales, cidades e campos findou-se o dia.
Os sinos dantam a balada da AVE MARIA.

Ave Maria - é nossa mae querida
Nossa Senhora Aparecida
Minha padroeira
Santa Brasileira
Guarda o meu país
Sempre feliz!







DUAS COMPOSIÇÕES de Schultze já produzidas em nosso país. «Ave Ma... invoca uma santa, cuja devoção se estende por todo o Brasil



TRABALHANDO CADA noite, neste local, Schultze ganha o pão de cada d... Um artista, mesmo famoso, não vive apenas de inspiração

EDWIGE FEUILLERE vivendo o papel inesquecível de «A Dama das Camélias»

# QUATRO GERAÇÕES APLAUDIRAM A "DAMA DAS CAMÉLIAS"

## HOJE, E HÁ CEM ANOS, NO CORAÇÃO DAS PLATÉIAS ★ A FAMOSA PEÇA DE DUMAS FILHO, NO TEATRO E NO CINEMA

Por **RENÉ JEANNE**

A 2 de fevereiro de 1852, representava-se pela primeira vez a peça de um jovem autor no palco do teatro de Vaudeville de Paris. A peça era LA DAME AUX CAMELIAS e o jovem autor Alexandre Dumas Filho.

Antes desta data, tanto o autor como a peça tinham passado pelas dificuldades que eram, como o são hoje, o pão nosso de cada dia dos estreantes: recusada por todos os diretores, desdenhada por tôdas as estrêlas do momento, de Déjazet a Rachel, que não acharam o papel à sua altura ou não quiseram sequer ouvir da bôca do autor os seus cinco atos, a peça desde os seus primeiros passos na vida parisiense, obteve a mais completa desforra. Julgada audaciosa e mesmo escandalosa pela crítica, o que não era de molde a prejudicá-la junto do público a quem oferecia uma história de amor capaz de comover até às lágrimas as almas sensiveis a DAMA DAS CAMÉLIAS envolveu, em poucos dias, o nome do autor de uma celebridade que não tinha nada que ver com a do nome paterno: Alexandre Dumas, filho, depois de Alexandre Dumas, pai. Tal pai, tal filho! Quinhentas e dezessete representações consecutivas foram a consagração do êxito. Uma coisa nunca vista!

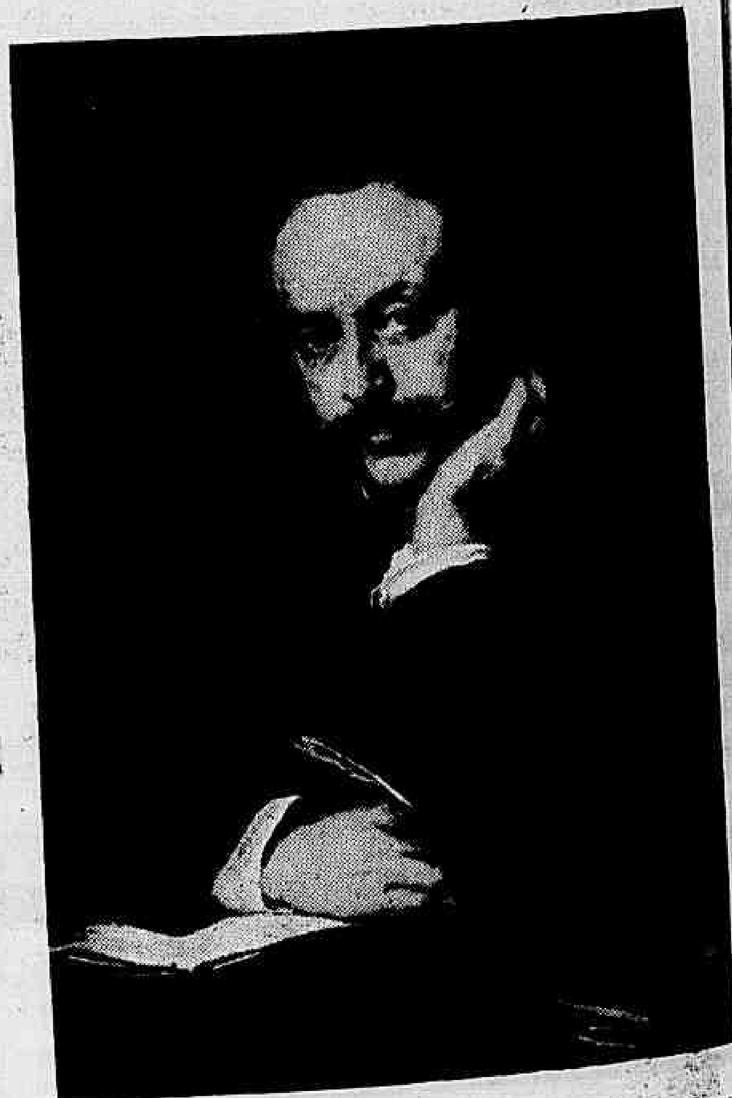
Desde então, êste êxito não diminuiu. Admiràvelmente servida pelo talento das mais célebres atrizes, desde Eugénie Doche que foi a criadora até Edwige Feuillère que, ainda recentemente a passeiava pela Europa, passando por Rose Chéri, Aimée Desclée, Sarah Bernhardt, Ludmilla Pitoeff, sem esquecer Eleanora Duse que a tornou tão popular na Itália como o era já em França, A DAMA DAS CAMÉLIAS é bem provàvelmente a obra dramática francesa do século 19, de mais extenso renome.

Se fôsse permitido duvidar, bastaria ver o Cinema. Do imenso repertório literário e teatral francês, as obras mais cobiçadas pelos produtores de filmes, as obras de rendimento certo são: OS TRÊS MOSQUETEIROS e MONTE CRISTO, de Dumas, pai (filmados 5 vêzes), A DUQUESA DE LANGEAIS e O PAI GORIOT (três vêzes cada um) NOSSA SENHORA DE PARIS de Vitor Hugo (4 vêzes). Quanto a DAMA DAS CAMÉLIAS é ela que, com OS MISERAVEIS, de Vitor Hugo, bate todos os recordes, tendo sido levado no cinema em 7 versões: 2 de origem francesa, 2 de origem italiana, 2 de origem americana e 1 de origem sueca.

Desta última pouco se sabe, pois data dos primeiros anos do Cinema e não saiu da Suécia. O primeiro dos dois filmes franceses é quase tanto antigo, sendo anterior à guerra de 1914. Era nesta época que Sarah Bernhardt, sempre que havia furo de programa, recorria à peça de Dumas filho. E' preciso ter visto Sarah morrer no 5º ato de "La Dama"! E para que o número dos privilegiados fôsse tão grande quanto possivel, uma das mais importantes firmas de produção contratou a grande artista e os seus colaboradores para representarem perante a câmara os papéis que desempenhavam no palco do Châtelet. Sarah Bernhardt, que precisava sempre de 99 francos para fazer 100, aceitou a oferta de 3.000 francos, incluindo o seu Armand e a sua Nichette. A artista ia afrontar uma coisa que ignorava. Penosa revelação. Com efeito, quando o filme lhe foi apresentado, desde que ela se viu projetada no écran, sentiu-se tão mal... que se sentiu mal. A origem do desinteresse da criadora de "L'Aiglon" pela sétima arte vem sem dúvida desta experiência falhada.

Por esta altura, duas vedetas italianas, Francesca Bertini e Hesperia, foram por sua vez tentadas pela personagem de Margarida Gauthier, depois foi a vez de uma das mais estranhas, das mais interessantes "vedettes" de Hollywood, Alla Nazio-

(Cont. na pág. 54)



ALEXANDRE DUMAS, filho, ao tempo da estrondosa estréia de «A Dama das Camélias»

# Luciana

ERA tôda redonda, baixota e nem sabia por que vivia. — Coisa tonta, a vida! — pensava, às vêzes, com o cabelo entre as mãos, pronto para trançar. Mas não tinha rancores. Vivia como empurrada sem vontade, sem prazer, mas também sem tristezas. Não queria mal às criaturas porque fôssem melhores, mais altas ou mais bonitas. Limitava-se a olhar para si e a conformar-se.

— Cada um tem a cara que Deus dá. E Êle sempre dá caras diferentes. Já é um consôlo que o mundo inteiro não seja igual.

Encolhia os ombros e seguia trançando o cabelo. Era a única prenda que Deus lhe dera. Os cabelos. Longos, lustrosos, suaves como um pedaço de sêda. O resto, como era feio, não lhe dava cuidado. Não demorava olhando para a bôca refletida no espelho descascado, nem passando a mão pelas curvas do corpo, desejando-as bonitas ou harmoniosas. Nem olhava os pés, manchados, duros, sempre de chinela, em constante movimento pela casa da fazenda, pelo pátio de lajes, pelo mangueirão onde vacas eram postas para passar a noite, aguardando o outro dia e as mãos calmas de Luciana e os tarros altos que se encheriam de leite.

Luciana era dura consigo mesma. Achava que só o cabelo merecia um cuidado especial e dedicado, um trançado firme, uma fita colorida. O resto, o corpo, cobria com chita de floreado miúdo, barata e desbotadeira. Para os pés qualquer chinelo velho, atirado pelos cantos da estância, servia para a semana tôda e também para o domingo. Bailes? Quem poderia querer dançar com ela, tendo tanta moça bonita ao alcance da mão? Estava muito velha para correr carreira com as mocinhas que mal começavam a pintar-se e dormiam, ainda, na metade dos bailes. Vinte e alguns anos. Já era muito para concorrer com os lustrosos dezesseis, cheios de juventude, malícia e alegria das mocinhas do rincão, que os pais já levavam aos bailes, como quem expõe gado aos compradores.

De tanto pensar coisas assim, Luciana terminou por olhar os homens que moravam na estância ou nela estavam para um pouso apenas, como se fôssem coisas com movimento, sêres que iam e vinham sem tomar parte em sua vida, criaturas que tinham olhos e palavras sòmente para outras mulheres. Eram como irmãos inofensivos. E ela uma simples, quieta, pacata solteirona, sem amarguras, sem manias, sem rancores.

Quando Amândio a chamou, entre o galpão e a casa, no escuro dos cinamomos, e lhe disse, baixo, esmagando as palavras entre os dentes: — Luciana! Me espera! — surpreendera-se.

— O que é, Amândio?

— Tu não sabe? Então, tu não vê?

— Amândio, tenho de lavar a louça. Diz duma vez.

— Isso também já é maldade! Não vê que faz tempo que eu te olho? Te espero tôda a hora!

— Ué, Amândio! — Tão surprêsa estava que não podia pensar. Não atinava com as palavras que devia dizer-lhe.

— Escuta! Luciana... Chega mais prá cá! — Amândio segurou-a pelos ombros e os pratos dançaram na bandeja, enorme e cinzenta, de levar comida ao galpão. Então beijou-a em cheio na bôca, como se há horas estivesse cuidando seus lábios no escuro, para que não lhe fugissem.

— Larga! Larga! — Luciana sacudiu-o para longe. Os pratos esparramaram-se no chão barulhentos e a cachorrada saiu do galpão fazendo estardalhaço. Luciana fugiu. Amândio juntou os pratos e, quando entrou na cozinha e largou a bandeja sôbre a mesa, já não viu ninguém. A casa da estância parecia adormecida, com a única luz triste do lampião da varanda e o clarão moribundo de um fogão aberto.

★

Amândio fôra uma estranha descoberta para Luciana; estranha, inquietude e muito, muito doce. Olhou-se no espelho, deu-se o luxo de admirar com menos dureza a bôca rasgada, os olhos puxados nos cantos, os cílios grandes, o corpo redondo. Olhou, olhou e continuou pensando que aquilo, apenas, era pouco para chamar a atenção de Amândio ou de qualquer homem. Ao acariciar o cabelo sentiu entre surprêsa e vaidosa, que afinal ali estava uma prenda que podia ter algum valor aos olhos de Amândio. "Seria? Não seria?" — e passava os dedos abertos como um pente, espalhando o cabelo sedoso sôbre os ombros. Depois pensou em Naura, que trazia sôlto um cabelo tão bonito e outras belezas mais. E ninguém a procurava. Por quê? E Amândio, por que a procurava então, se ela não tinha mais que as tranças lustrosas para exibir com orgulho?

E assim iam os dias passando entre perguntas, lembranças daquele beijo que estava ficando velho e olhares de Amândio, que a espiava de longe, dando-lhe tempo de sentir saudade. E adormecia sem saber, ao certo, o que seriam aquêle alvorôço, aquêle sorriso tonto nos lábios aquêle esquecimento das orações.

A estância inteira comentou o vestido que Luciana comprou do mascate e os chinelos novos e um colar de vidrilhos vermelhos que lhe punha um colorido diferente no rosto.

A patroa resmungou. Sentira que a empregada tranqüila de outrora se modificava absurdamente.

— Vidrilhos para Luciana? Era inconcebível! A menos que... — Dona Fausta bateu com a mão na mesa. — Como poderia não acontecer? Luciana não era diferente das outras e ali no galpão havia tantos candidatos. Mas, qual dêles seria? De qualquer maneira, pouco importava quem fôsse. O necessário era tratar de outra empregada porque, mais dia, menos dia, ficaria em falta.

Os próprios peões notaram a diferença e o que antes parecia tão difícil surgia-lhes agora como uma coisa provável e então, cada um por sua vez, começaram a dizer-lhe graças, a elogiar-lhe os olhos, a bôca, o cabelo e, entre gracejos, a perguntar-lhe com qual dêles casaria. Luciana avermelhava atirava um olhar rápido para Amândio e passava, depressa, com as orelhas ardendo da gargalhada que reboava no galpão.

Amândio esperava-a no escuro do cinamomo ou ia buscar água no tonel do pátio e lá dava-lhe beijos furtivos, assustando-se os dois com qualquer ruído que ouvissem. O namôro estava em segrêdo nem sabiam por quê. Não havia mal em se quererem e os patrões não se opunham a que as empregadas casassem. Às vêzes, Luciana pensava em falar mais sério com Amândio, mas a conversa era interrompida por um gracejo ou um beijo rápido. Luciana esquecia tudo. Atordoava-lhe aquêle amor quase tardio, como lhe parecia, num coração tão ressequido. Mortificava-se por não ter querido aprender a dançar. Doía-lhe não saber rir claro como as meninotas nas festas, nem poder exibir o namorado em bailes concorridos. Por isso ficava em silêncio, mal respondendo, quando Amândio falava em festas para as bandas do Caverá.

Depois Amândio mudou. Às vêzes custava a aparecer na cozinha; saía aos sábados e domingos, ia dançar nos bailes com as outras que ela temia e era ela, agora quem o rondava para ter ao menos um beijo antes de deitar. Sabia que Amândio não era o mesmo e o ciúme a devorava nas noites longas.

A raiva que nunca sentira das mulheres bonitas e enfeitadas doía-lhe agora e chegava a ser quase um alívio para sua tristeza.

— Não sou bonita. Sei! Claro que não se importam comigo por isso mesmo. Sei muito bem. Mas, pouco se me dá! Amândio não me interessa, pronto! — depois chorava quase escondida no cabelo sedoso esparramado pelos ombros convulsos sacudidos pelo chôro. Sabia que eram mentiras o amor de Amândio e o desdém que ela mesma procurava sentir. Sabia tão bem o quanto o queria!

(Cont. na pág. 54)



CONTO DE **THEREZA DE ALMEIDA** ★ ILUSTRAÇÃO DE **AMILDE PEDROSA**

AQUI estão algumas sugestões de última hora, para você brincar no carnaval. Tôdas elas interessantes e práticas não exigirão muito tempo nem muitos gastos na confecção. Faça, pois, a sua escolha e mãos à obra, que o tempo é pouco e Momo não espera por ninguém.




EM CIMA
DA HORA

# AMOR À PRIMEIRA VISTA















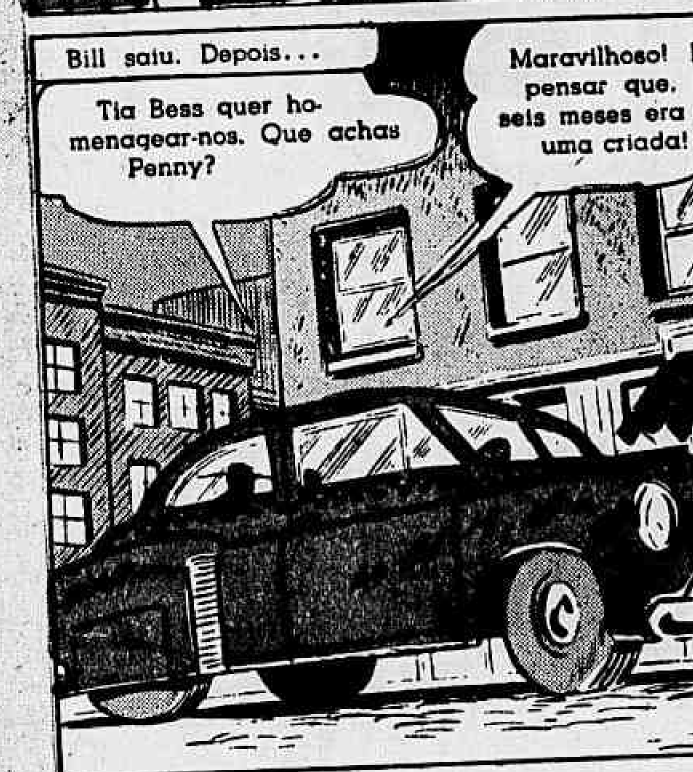





















QUENO CONTO

# "BARÃO TABACO"

GEO WILLIAM



*NUMA das prisões lonprinas um prêso conseguira, graças à sua argúcia, acumular, durante os anos de reclusão, pequena fortuna. Um pecúlio nada desprezível, feito de esterlinos.*

*E como chegou a se tornar quase rico? Simplesmente açambarcando todo o comércio clandestino de cigarros. Clandestino porque, nas severas prisões inglêsas, tudo quanto é regulamento proibitivo ou lei, é rigidamente observado. Com isso, ou seja, devido aos regulamentos, os presos não podem fumar. E' um dos maiores martírios para quem sempre fêz uso dos tubinhos fumegantes. Uma simples "bagana" vale, num local dêsses, bom dinheiro. Quanto mais um cigarro ou um maço dêles.*

*ue êsse prêso, conhecido com o apoio do "Barão Tabauiu — e ainda não apuraram como — do exterior dos o Majesty's Prision, receber contínuo fornecimento de enhor dessa riqueza, passou a fazê-la circular, cobranrozes! Um maço de cigarros, que lhe saía a um "pen-o a vinte "pennys", ganhando, dessa forma, dezenove or do capital empatado.*

*, e quando julgava oportuno, fazia desaparecer da circigarros tão desejados pelos demais reclusos, alegande coisas e, isso, com o fito de cobrar ainda mais, enge-"mercado negro" dentro de outro "mercado negro".*

*a fortuna foi acumulada mais ràpidamente quando, vo-Câmara dos Comuns as famosas restrições que fazem ra de hoje um verdadeiro território de regimes alimenlimitações outras, viu-se possuidor de grande quantidarros, adquiridos com antecedência.*

*ue antes custava um simples "penny" passou a custar ilings" ou até meia-coroa! Dia após dia, o pecúlio do homem foi amontoando. O desespêro dos fumantes já atina os próprios guardas e o diretor que, não podendo, pelas postus, adquirir a ração comum, ficavam irritados.*

*Certo dia, o diretor do Presídio, bramindo de desejos, soube que "Barão Tabaco" possuía cigarros. Correu a êle e propôs:*

*— Você pode me ceder uns cigarros, Barão?*

*eu não fumo!...*

*a disposto a pagar qualquer preço...*

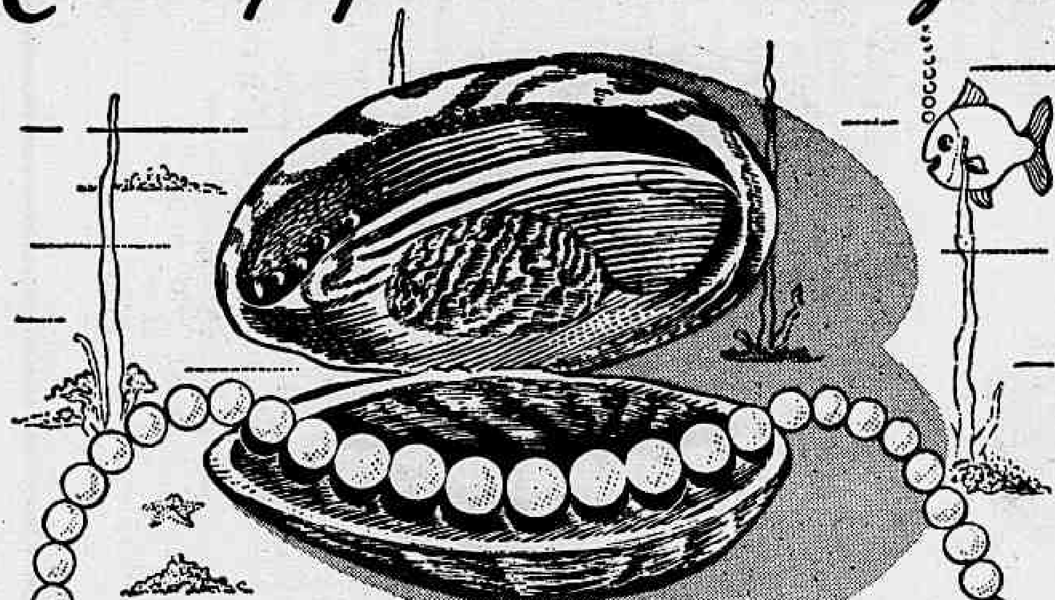
*.. Se Vossa Mercê desejar comprar, a coisa muda de fiposso arranjar...*

*arranje, homem de Deus!*

*Tabaco" arranjou três cigarros e recebeu o dinheiro. o em si, o diretor resolveu apurar a fonte de onde vigarros e não tardou dar com o depósito, assim como heiro, que foi apreendido, conjuntamente com os ci-*

*lágrimas de raiva e desespêro, o pobre "Barão" reduiséria, vendo, tôda a sua fama e todo o seu trabalho, viaça...*


*Lindas e perfeitas como a natureza...*



as pérolas **Sparta**

**são as únicas que dão às suas possuidoras aquela feliz sensação das jóias legítimas.**

Apresentando sempre as últimas novidades em braceletes, brincos, gargantilhas e colares de uma a oito voltas — ao mesmo tempo em que são lançadas em Paris e Nova York, facilmente V. encontrará os fascinantes adornos Sparta nas casas de novidades — ao alcance de toda mulher que trabalha.

Identifique os colares da *Moda* pelo nome

**Sparta gravado na etiqueta de Ouro.**

Produto da Inbrapel Limitada - ESCRITÓRIO SPARTA: AV. RIO BRANCO, 20 - 19.º ANDAR - TEL. 23-1063 - RIO DE JANEIRO

Lincoln

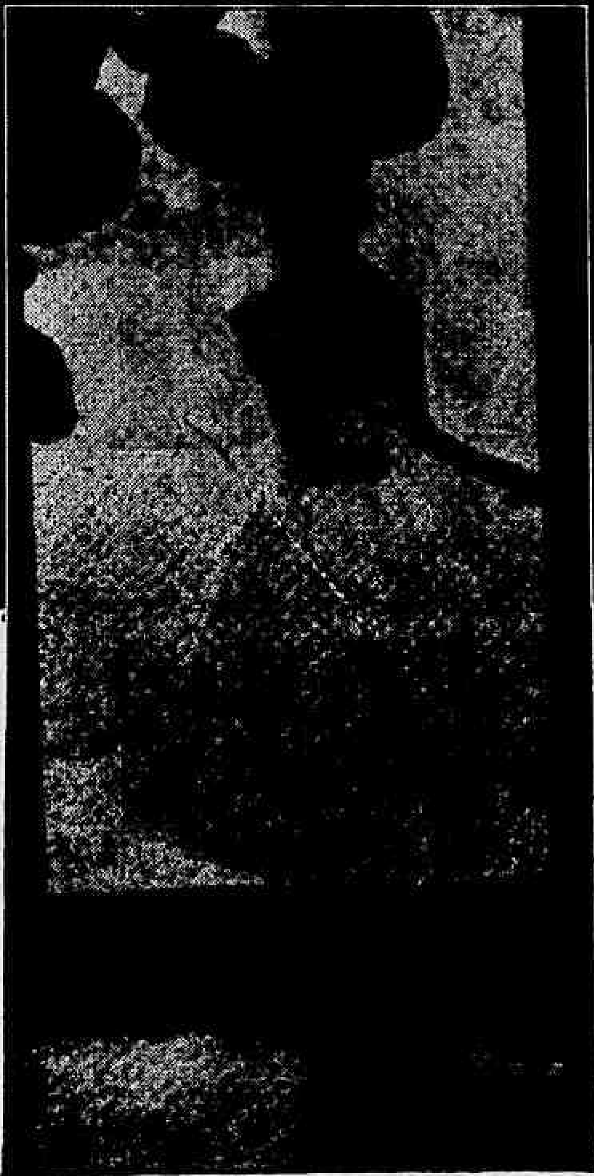
**POMADA MINANCORA**

*Um verdadeiro tesouro!*




**PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

**NUNCA EXISTIU IGUAL**



# SILHUETAS ELEGANTES

*Encantador modêlo em tecido quadriculado, abotoado em extensão. Cintura justa, manga três-quartos, com originais punhos. Gola ampla, com sôbre-gola em linho branco.*

*Sugestiva criação para a tarde, em fina lã cinza. Saia bem ampla, com largas pregas, busto abotoado, punhos e gola, de corte arredondado, em fustão branco, mangas justas.*

←



*Em baixo, temos mais dois graciosos modelos para a tarde. O primeiro em fustão quadriculado vermelho e branco, punhos e gola em fustão, cinto prêto. O segundo é em fustão listrado, em côres vivas.*



# CINCO SUGESTÕES PARA VOC





*MARCEL ROCHAS é criador dê te sugestivo modêlo para o cock-tail Saia de tafetá prêto plissado, blu em renda de chantilly, grande laço de veludo prêto, arrematando o decote.*

EM CIMA, conselha par íssima lã ci ém cinza, ap s mesmos g

←

*TAMBEM para o "cock-tail" apre sentamos êste originalíssimo modêl simples, porém bastante sugestiv sem dúvida. Completa a originalid de do modêlo uma grande "echarpe em pesada sêda branca.*

AS LISTRA mpre na or para os fr is perfeita a sugestão l-marinho



EM CIMA, *temos duas elegantes sugestões que Paris conselha para os dias mais frios. Um executado em fiíssima lã cinza chumbo; o outro em grossa malha, também cinza, apresentando ambos original aboloado que dá os mesmos grande elegância e um toque de ineditismo.*



AS LISTRAS, *qualquer que seja a estação, continuam sempre na ordem do dia. Tanto para os dias quentes como para os frios, os tecidos listrados encontram sempre a mais perfeita aceitação. O modêlo que vemos ao lado é uma sugestão para os dias mais frios, em fina lã listrada azul-marinho e cinza.*

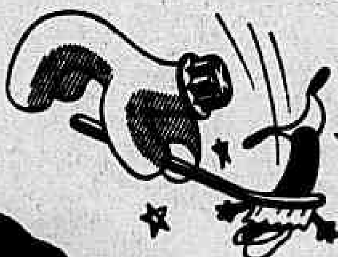
# Econômico!

## Kolynos rende muito mais



Kolynos é um creme dental altamente concentrado e econômico porque rende muito mais! Kolynos é o dentifrício preferido pelas famílias, pois todos gostam de Kolynos e é fato comprovado que Kolynos dura mais... um centímetro na escôva sêca basta para obter espuma abundante e eficaz.

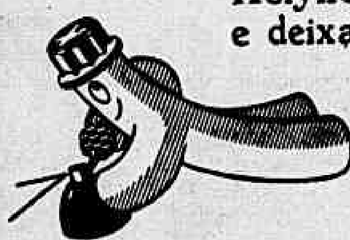
**além disso...**
**Kolynos combate as cáries**



Provas científicas demonstram que Kolynos destrói até 92 % das bactérias que formam os ácidos causadores das dolorosas cáries.

**também...**
**Kolynos perfuma o hálito**





A espuma refrescante de Kolynos perfuma o hálito e deixa na bôca uma duradoura e incomparável sensação de saúde e bem-estar.




Kolynos satisfaz as exigências de todos!

K-622


DIARIO DE AMOR...

(Cont. da pág. 27)

Prontamente respondi que sim.

Agora, em casa, penso em tudo isso e faço contas. Daqui a uns dez anos já estarei uma velha. E mesmo Rodrigo vai querer casar-se comigo quando eu tiver vinte e cinco anos? Ninguém se casa com uma velha de vinte e cinco anos — nem mesmo o Rodrigo que já me ama desde agora.

Choro. Choro.

20 *de julho*: — Eu disse ao Rodrigo:

— Você é homem e deve pensar uma solução para nós.

A sua testa se encrespou e uma nuvem negra toldou o seu semblante.

Arrependi-me de ter dito isso. Eu não queria afligí-lo. E logo tentando um sorriso procurei disfarçar:

— Não faz mal, meu bem, ainda podemos esperar.

Mas o remédio não deu resultado. Estraguei a noite.

21 *de julho*: — Mamãe acha que tenho saído demais. Para me encontrar com Rodrigo, venho pretextando estudo com a Chiquinha, a Chiquinha Vaz. A princípio mamãe se surpreendeu porque eu sempre dizia não simpatizar com ela. Mas eu tive de escolher o nome de Chiquinha Vaz por ser ela, de tôda a clásse, a única a morar aqui, no Leme. Então, dei essa desculpa:

— Ora, mamãe, eu não simpatizo com a Chiquinha, mas é a melhor aluna de matemática e eu estou muito fraca nessa matéria.

Mamãe acreditou.

22 *de julho*: — Naturalmente, tornei a dizer, hoje, que fui estudar com a Chiquinha. Mamãe acredita de tal forma que chega a me dar remorso. E pela primeira vez eu me pergunto: — Eu não devia contar tudo a mamãe?

Foi êsse pensamento o começo de uma idéia. E assim que me encontrei com o Rodrigo expús a idéia:

— Rodrigo, achei a solução. Mamãe é tão boa, tão boa, tão compreensiva... Penso que devo contar-lhe a nosso respeito. E, logo que êles verificarem que você é tão bom rapaz, êles concordarão em nosso casamento. E iremos morar com êles, e você nem precisará se preocupar com isso de dinheiro. Êles nos darão o que precisarmos.

Rodrigo ficou tão perturbado, tão enfurecido, que me interrompi admirada:

— Que foi, Rodrigo?

Êle cerrava os punhos, apertava as mãos, fazia mil coisas. Só não falava. Fiquei aflita. Mas logo a crise passou. E depois, olhando com bondade paternal:

— Você não disse por mal, não é? Você quis apenas uma solução, não foi?

E afagou o meu queixo.

Meu Deus: me proteja para que eu nunca mais diga nada que entristeça Rodrigo.

23 *de julho*: — A cena de ontem causou-me tal impressão que telefonei, esta manhã, a Marina, pedindo-lhe para nos encontrarmos meia-hora antes das aulas, na esquina do colégio.

Assim foi. Passeamos pelas ruas próximas, onde lhe contei tudo. Depois de me ouvir com atenção, ela me perguntou:

— Alguma vez êle lhe pediu em casamento?

— Não. Nunca.

— Então por que você fica se oferecendo?

Pús-me lívida. E Marina continuou impiedosamente:

— Que falta de tato, Suzana!

E já tomando gôsto pela superioridade com que atacava:

— O tato é a mais vulgar aptidão das mulheres. Tôdas temos isso. E você nem isso tem...

Agastei-me com a sua rudeza. E arrependi-me de ter ido consultar-me com ela.

Silenciosamente, nos encaminhamos para o colégio.

Nunca mais lhe falarei nada sôbre Rodrigo.

27 *de julho*: — Acho que se rompem... — morrerei.

28 *de julho*: — Hoje voltei a ler ... diário. E' um perfeito diário de am...

Tenho mudado muito. Compreendo ... lhor as coisas. Coisas que eu antes ... denava, porque não compreendia bem ... vida.

29 *de julho*: — Meu irmão desco... que estou namorando. Mas eu lhe di... com tôda a energia de irmã mais velh...

— Inácio, se você contar em casa, ... contarei a papai que você já está fum...do. — E depois de uma lembrança: — ... contarei também que na semana passad... em vez de ir à aula, você foi fazer ... quenique em Paquetá com seus amigo...

Inácio ficou surprêso. Admirou-se de ... saber de sua gazeta.

Se não fôsse a minha firmeza êle tom...ria conta de mim.

2 *de agôsto*: — Rodrigo me telefonou p... primeira vez na vida. Foi engraçado. ... telefone tocou, mamãe foi atender e ni...guém falou. Ela desligou. Tornou a toc... e a cena se repetiu. Quando a campain... tornou a chamar, eu disse a mamãe:

— Êsse telefone está com defeito. V... tentar.

Assim que respondi "alô", ouvi a v... de Rodrigo dizer tôdas essas coisas mu... ràpidamente:

—Suzana, querida, você só vai ouv... Não responda coisa nenhuma para a m...mãe não desconfiar... Estou gripado, c... um pouco de febre, e por isso eu n... posso me encontrar com você... Nã... preocupe... é coisa à toa... Amanhã v... ver você... Adeus querida.

Desliguei o telefone tôda perturbada.

Mamãe ficou virada para mim com u... pergunta no olhar.

Não falaram — respondi apenas.

Mamãe é tão boa que acreditou. I... de enganar mamãe me dá um remors...

4 *de agôsto*: — Hoje é meu aniversári... Não quis dizer a Rodrigo que faço an... hoje, para êle não me comprar presen... Elogiou o vestido branco que estreiei e d...se ainda:

— Você parece uma noiva.

Eu sussurrei:

— Só usarei vestido de noiva se ... casar com você.

Rodrigo afagou o meu queixo, agra...cido.

Agora, em casa, eu me recrimino p... volta e meia, estar lhe falando de "no... casamento". Apenas êle não fala em ca...mento.

5 *de agôsto*: — Rodrigo me disse ... maravilha:

— Você faz falta a todos os infeliz... Não sei como se pode ser feliz sem vo...

Eu desejei um milagre: viver eternam... aquêle momento.

8 *de agôsto*: — Bem que eu tinha p...venção contra agôsto. Não dizem to... "agôsto, desgôsto?"

Hoje eu disse a Rodrigo, rompend... seu silêncio prolongado:

— Hoje faz dois meses que nos conhe...mos... Você passou numa fúria por ... e deitou ao chão a minha pasta de liv... E' verdade, Rodrigo, para onde voc... com aquela pressa?

— Eu ia à aula?

— E perdeu a aula...

— Mas ganhei um amor!

E, como êle falou com voz tão ro...tica, fiz silêncio, e êle, depois de refl...

— Aprendi mais amando você que ap...deria na aula de Semiologia.

Senti-me envaidecida, e resolvi ... seguir:

— Faz dois meses que nos conhecem... Que eu amo um rapaz de nome Rodrig...

Tomou-me as mãos. Mas não me ...jou. (Nunca me beijou! Quantas vêzes ... pensava: "Será agora!" Mas o tal mo... passava e nada!)

— E eu venho perturbando a sua ... a vida de uma jovem que vivia d...

...adamente, às voltas com seus sonhos ...urados... Isso não se faz!

Fêz-se sério. Escondeu as pupilas azuis — lindamente azuis! — e sua fisionomia ...ansparecia mil pensamentos confusos, com...plexos, aéreos.

— Suzana, você é tão boa, tão meiga... não é justo eu tomar o seu tempo, eu en...trar em sua vida como um problema di...fícil... em sua vida que é dessas que são destinadas a não ter problemas...

— Foi destinada a amar você...

— Não, Suzana. Eu é que me intrometi. Eu pedi para vê-la no dia seguinte e dià...riamente tenho encontrado você.

Ficamos quietos, e logo formulei a dú...vida que me assaltou:

— Você está se lamentando por termos nos encontrado?

— Sim. Lamento por você...

— Ora, querido...

— Não, Suzana. E, até mesmo, acho que devemos nos esquecer...

— De que? — perguntei.

— Um do outro.

Ah, meu Deus! O que foi a dor que senti? Foi uma pontada no peito? foi uma facada no coração? Senti tonturas. Senti as mãos moles, sem vida, como dois obje...tos estranhos largados sôbre meus joelhos.

— Você quer me deixar, Rodrigo... Você...

Voltei a pensar na Mitologia. Odiei tudo. Odiei a mim mesma. Odiei Rodrigo. Gos...taria de morrer. Ah, que bom se eu pudes...se virar estátua, alí no banco! Seria uma boa vingança.

—Não tenho o direito de alimentar essa chama em seu coração puro, Suzana. Não tenho nenhuma possibilidade até da...qui a vários anos...

Lembrei-me de Marina. Como a Marina sabe tôdas essas coisas!

Finquei os cotovelos nas coxas e escondi o rosto nas mãos. Comecei a chorar um chôro silencioso, feito de tristeza, de má...gua, de revolta. Atrás de nós, o mar can...tava a sua eterna canção no vai-e-vem das ondas.

— Você nunca me perdoará, não é, Suzana? Tem razão...

Meneei a cabeça negativamente. E entre prantos eu disse:

— Não fico zangada, não! Você não tem culpa de eu lhe ter amado...

Enxuguei os olhos no meu lencinho que ficou logo empapado. Levantei-me.

A Avenida Atlântica estava deserta. As luzes da rua pareciam ter sido colocadas alí apenas para nós.

Rodrigo levantou-se também. Afastou os cabelos de meu rosto molhado. Enxugou os meus olhos. Fomos andando. Êle não segurava a minha mão.

— Nunca me esquecerei de você, Suzana.

Nós caminhavamos com passos iguais. Num banco, um casal estava abraçado, ...lheio a tudo em volta.

— E, Suzana, se, quando eu puder me casar, você estiver solteira...

Eu pensei: "Rodrigo só me fala de casa...mento depois de romper tudo".

Depois, na esquina, paramos.

— Até logo, Suzana.

Apertei-lhe a mão sem poder fixar os olhos nele.

E vim correndo para casa. Quando eu ia entrar em casa, voltei meus olhos para a esquina. E distingui o vulto de Rodrigo, ...rado na calçada. Estava com o terno ...xadrezinho marron e a gravata verme...lha. Quando passei pela sala, correndo, mamãe se levantou e perguntou aflita:

— Que foi, Suzana?

Respondi essa mentira sem o menor es...forço:

— Foi a Chiquinha Vaz. Briguei com ...! Nunca mais vou estudar em casa ...la! Nunca mais, mamãe, nunca mais eu ... lá! Juro! Juro!

Abracei mamãe, e abri um chôro que me ...viou sôbre o seu pescoço. Ela me afa...gava a cabeça. E eu, naquele momento, ...senti prazer em voltar a sentir-me menina. Menina de novo. Menina outra vez!

## A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

E sob êsses velhos monarcas imponentes, eu me sento em meio de seus troncos heráldicos, e escrevo, escrevo não sei mesmo para que fim. Ainda não tenho uma só novela terminada, que possa remeter-lha; mas já iniciei várias. A pena não é meu instrumento de expressão. Parece que meus pensamentos se detêm quando procuro fixá-los no papel.. Só me sinto eloquente, quando falo! Oh! minha prezada amiga, chegará ainda o dia em que o mundo volte a ouvir-me, novamente?

"Quero falar-lhe agora daqueles que vêm ouvir-me aqui mesmo: que auditório! E que anfiteatro! Meus passeios me levam longe. Os caminhos são muito arenosos, e nem sempre eu sei quais são, confundindo-me as dunas que me assemelham ao mar. Antigamente esta região devia ser leito do oceano. Sempre se me afigura que, por detrás das colinas, eu irei ver as águas azuis!

"De quando em quando encontro um dêsses negros da velha escola, com o seu "bom dia" amável. Alguma vêzes, na estrada real, passa uma dessas carruagens de antanho. Êsses veículos me dão a estranha impressão de um retôrno aos tempos dos pioneiros. Lembre-se da pintura do Pike's Peak no Capitólio, com todos os rostos ardentes voltados passionalmente para o sol levante? Por vêzes também encontro grupos de caçadores que vêm dos grandes hotéis, e que estão a ponto de mudar o clima desta religião salubre. Mas essa gente, com seus trajos de esporte e seu aspecto exótico, parece-me deslocada no meio dêstes pinheirais.

"E agora, já que você me falou da vida como sendo uma viagem na grande estrada, quero narrar-lhe minha primeira aventura.

"Há um camponês que vem das colina, com sua carroça pelas estradas arenosas e vai à cidade mais próxima a fim de lá vender seus frangos e ovos. E' viagem de três dias, e êle acampa a céu aberto onde passa as noites, fazendo fogo no chão e dormindo sob o veículo primitivo.

"Um dia, ao sentar-me, cansado, à borda do caminho, êle me ofereceu "carona" até minha casa. Aceitei, e foi assim que encetei relações que me interessavam, e, evidentemente também lhe aprazia, a êle.

"Êle é alto, pouco cuidado, êsse cavalheiro das estradas poeirentas; mas com maneiras tão educadas que parecem inerentes àquela estirpe dos velhos tempos. Descende da gente mais pura das colinas arenosas, e isso se nota numa ausência de consciência de si mesmo, que faz pensar, encontrariam êles um princípio ou um imperador sem que tal viesse a embaraçar em nada êste mundo. Contudo, não há nele qualquer audácia, qualquer impertinência. E' uma maneira de ser adquirida antigamente nos salões e conservada a despeito das gerações de incultura intelectual e de degenerescência.

"Êle está longe de escapar ao pitoresco. Se lhe dermos um chapéu de plumas, blusa medieval e calças de fidalgo, êle teria o ar dos aristocratas e as maneiras que correspondem à linhagem; se fala um bom inglês, sua voz em nada trai o que êle é. E' que uma outra coisa que essa gente conservou, foi a doçura na voz e na inflexão, que relembra muito mais os tempos de Elizabeth do que o século vinte dos americanos.

(*Continua no próximo número*)



# ENLACE MATRIMONIAL DUBEUX - PONTES



**REALIZOU-SE a 18 de janeiro último, no Recife, o casamento da senhorita Margarida Maria Dubeux, filha do industrial Luis Dubeux e de sua espôsa, Sra. Clarisse Antunes Dubeux, com o Sr. Guilherme de Pontes, filho do Sr. René de Pontes e de sua espôsa, Sra. Maria José de Pontes. São das festas dêsse enlace na alta sociedade pernambucana, as fotografias desta página: 1) — S. Excia. o Sr. Agamenon Magalhães, Governador do Estado, bebendo pela felicidade do jovem pa; 2) — A noiva parte o bôlo; 3 — O Governador palestra com o Ministro João Cleofas. Entre ambos, a senhora Antonieta Magalhães, e, ao lado do chefe do Executivo pernambucano, o sr. Luis Dubeux.**



Uma cousa...



exige outra:




Polvilho Antisséptico

GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE


A SAÚDE DO BEBÊ

# ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL

Dr. SABOIA RIBEIRO

MUITOS e muitos prejuizos, quer atingindo à mulher, quer à criança, são decorrentes do fato de que, durante a gestação, não foram tomadas ou adotadas certas providências que, em tempo, teriam evitado tais conseqüências.

Em geral, há uma grande preocupação em zelar pela saúde da criancinha, mas só após o seu nascimento, quando isso apenas não basta, pois é do início da gestação que tal deve ser feito, para prevenção de muitos males que, na maioria das vêzes, sucedem, simplesmente, por falta daquelas providências.

As gestantes lucram sòmente em freqüentar o consultório pré-natal a fim de fazer acompanhar o seu estado em todo o curso do desenvolvimento do nascituro.

Só assim estarão protegidos, convenientemente, mãe e filho.

O exame de sangue, na gestante, irá muitas vêzes trazer à evidência uma sífilis até então desconhecida — mas, que pode se mostrar na criancinha com uma feição diferente, que se apresente como lesões, nos primeiros dias, quer como sintomas diversos sòmente a ela atribuíveis.

Uma gestação, evoluindo numa mulher sifilítica, não chéga, muitas vêzes, ao seu têrmo, porque, antes, o feto falece; se ela é recente e não tratada convenientemente, em 90% dos casos assim acontece; se porém é antiga, ou tratada quando o feto já cresceu, nem sempre os males dessa infecção são de todo evitados no futuro herdeiro, e muitas vêzes nem mesmo chega a nascer com vida ou resistir aos primeiros embates.

Assim deve a gestante tratar-se do mal em aprêço o mais cedo possível para que dêsse tratamento tire todo o proveito o ser em gestação.

A assistência pré-natal ainda assegura a profilaxia da eclampsia, mesmo diante dos primeiros sinais, como edema, albumina e hipertensão arterial.

Dêsse modo evita-se um dos estados mais delicados ligados à gravidez, que o médico detém pelo repouso, o regime alimentar, os medicamentos.

O exame da bacia é sempre necessário para fins de saber-se de sua boa conformação para o parto normal, fator decisivo para o nascimento livre de traumatismos do feto, ou dificuldades respiratórias do mesmo.

Êsse exame é sempre completado pelo da apresentação do feto, isto é, a maneira pela qual se dispõe, na bacia, para o nascimento.

O feto, então se mostra em posições diversas — de cabeça, de nádegas, de espáduas —, e como existe uma posição ideal para o nascimento, a de cabeça, é então dado ao médico retificar a posição muitas vêzes, preparando a melhor posição para o momento oportuno.

Isso é obtido por manobras simplesmente externas, quando a posição é de espáduas ou de nádegas, trazendo-se a cabeça para a entrada da bacia.

Dêsse modo, o parto decorre nas melhores condições de desenvolvimento o que não se daria se se deixasse ao abandono uma apresentação de nádegas ou de espáduas, para sòmente intervir no ato do parto.

Êsses pontos de reparos mostram, por si sós, as vantagens e inteira conveniência de fazer-se assistir a mulher durante a gravidez, frequentando o consultório pré-natal, onde encontrará tôdas as indicações para um parto feliz e normal, ou ao menos cercado das melhores condições possíveis para o seu transcurso, protegidos mãe e filho.

## CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

F.A. — Juiz de Fora — Uma febre tão prolongada como a que se refere precisa para sua elucidação, antes de mais nada, radiografia dos campos pulmonares e hemograma completo. O exame das cavidades oral e nasal é também muito necessário. Procure médico.

R.V. — Nesta — Deve mandar examinar a secreção. Aconselho entretanto fazer 3 injeções de penicilina de 400 mil unidades, uma por dia. Muitas vêzes o resultado é completo. A medicação ferroiodada é também indicada.

D.L. — Itaperuna — Deixe o leite sem ferver em repouso 3 horas, e depois retire a camada gordurosa que se forma em cima. Uma vez fervido, dê 2 partes leite e uma parte mingau de aveia (cozimento rápido 1 c. de chá em 100 gramas de água), na mamadeira. Se as fezes se tornarem diarréicas, junte, em cada mamadeira, 1 colher de chá de Caseon.

## ÊLE COMPÔS...

(Cont. da pág. 33)

ra — explicou — e achei que devia pensar em nossos filhos. Por isso me feliz ao embarcar.

Ela foi artista do cinema silencioso muito conhecida na Bulgaria, seu país origem. Com o nome de solteira, Wanja, trabalhou em 36 celulóides, rando ao lado de Marta Eggerth em dêles. Depois de atuar num primeiro fi falado, em 1930, abandonou a cena.

Schultze está de saída para seu emp e mal pode se referir aos trabalhos vem realizando. Acaba de concluir composições: "Ave Maria", de inspira brasileira, sob a invocação de Nossa nhora Aparecida, cultuada em todos os cantos do nosso país; e uma vibrante m cha para as fôrças armadas, que tem paraquedistas por tema.

Projetos? Talvez. E Schultze obser

— Os brasileiros parece que nascera com a música. A música está no seu s gue. Visitei algumas escolas de samba as achei magníficas, lembrando os prin ros tempos do jazz em Nova Orléans. P so que poderia compor uma peça mu no gênero do "Capitão Bye-Bye" ou duzir minha ópera "The cold heart". planos. Agora devo pensar em alg coisa mais urgente para mim, que é em inglês, como foi dito por (Schultz "to make money".

Afinal, compreende-se, mesmo um ar ta não vive apenas de brisa e de in ração. Tem que ganhar a vida.





A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente o sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário demasiadamente volumosos, u BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HOR MON, à base de hormônios é u preparado moderníssimo, eficien te de aplicação local e resultado imediatos. Adquira-o nas farm cias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quinti Pinheiro Ltda. — Rua da Q ca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino P nheiro Ltda. — Queram envia pelo Reembôlso Postal um de «BÉL-HORMON» Nº
NOME
RUA
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr$

# WEEK-END NA COZINHA

### POLENTA RECHEADA

Leva-se ao fogo uma panela funda com meio litro de leite, sal e uma colher de manteiga, quando ferver, junta-se 4 colheres de cremilho amarelo, desmanchadas em uma xícara de leite frio, deixando-se cozinhar, mexendo-se sempre até que o angu solte da panela. Retira-se então do fogo, deixa-se esfriar um pouco. Junta-se 20 gramas de parmezão ralado e 3 ovos batidos, misturando-se bem. Despeja-se a metade da polenta assim preparada num prato que vá ao forno, cobre-se tôda com um bom picadinho de carne de vaca ou de porco e despeja-se por cima o resto da polenta, doura-se com um ôvo batido e leva-se o prato ao forno por uns dez minutos.

### MÔLHO BAIANO PARA CAÇAS

Toma-se um pouco de carne de galinha e soca-se em um almofariz, junta-se de vez em quando caldo grosso de carne. Depois de ferver passa-se na peneira: em seguida junta-se um pouco de manteiga amassada com fubá de arroz, vinho tinto e temperos verdes. Deixa-se tudo ferver, adiciona-se depois uma colher de azeite doce e caldo de limão. Ferve-se nesse molho a caça.

### PURÊ DE XUXUS COM BATATAS

Tome 1/2 quilo de batatas cozidas sem casca e passadas quentes no passador, 1/2 quilo de xuxus cozidos sem cascas e sem miolo e espremidos com um pano. Misture tudo, tempere com sal, adicione 1 colher de manteiga, 3 colheres de leite e despeje num prato. Polvilhe com queijo e leve a tostar no forno.

### BATATAS ASSADAS

Escolha 12 batatas grandes e bem perfeitas, lave, enxugue com um pano, arrume num taboleiro e leve a assar em forno quente, quando ficarem mole ao apertar, estão prontas. Parta as batatas ao meio, pelo comprimento, mesmo com cascas arrume no prato, com a parte inferior para cima.

## CANUDINHOS

*PENEIRA-SE 500 grs. de farinha de trigo sôbre uma mesa, faz-se uma cova no centro e quebra-se dentro dela 2 ovos, juntando-se uma colher de pinga e duas de gordura; mistura-se tudo e vai-se amassando com salmoura fria até que se obtenha uma massa bem uniforme, não muito dura, pois as massas moles são bem mais fáceis de abrir. Preparada a massa, faz-se uma bola, cobre-se com um guardanapo úmido e deixa-se descansar pelo menos uma hora. Passado êsse tempo, abre-se com o rôlo e corta-se em tiras de dois dedos de largura; enrola-se essas tiras, apertando-se as emendas, em tôrno de canudinhos de fôlha ou de bambu (pequenos) previamente untados de gordura. A medida que os for enrolando, vão-se fritando em bastante gordura quente, mexendo a panela para que todos corem por igual, tendo-se o cuidado de não deixá-los escuros demais. Devem ficar levemente dourados. Fritos, levam-se para um escorredor que fiquem bem sêcos. Pouco antes de serem servidos, enche-se os canudinhos com um picadinho de carne ou com um recheio de camarões ou de galinha. Depois de cheio, enfeita-se a bôca dos canudinhos com "petits-pois" ou com um pouco de môlho de maionese. O recheio com que se enchem os canudinhos deve estar quase frio para não amolecê-los.*

Deite uma bolinha de manteiga em cada uma e sirva.

### GLACÊ DE SUSPIRO

Bate-se três claras em neve, junta-se 2 colheres de açúcar, umas cascas de limão, batendo-se se o bolo, espalhando-se o glace mais um pouco, até o glacê ficar um pouco espumoso. Cobre-se o bôlo, espalhando-se o glacê com uma faca. Leva-se em seguida o bôlo ao forno meio frio para secar.

### PÃO-DE-LÓ

Bate-se 9 claras em neve, bem duras, junta-se as gemas, bate-se mais um pouco, até que fique bem espumoso, juntam-se 9 colheres de açúcar, uma por uma, batendo-se sempre e finalmente 9 colheres rasas de farinha trigo, uma a uma também, mas sem bater, misturando-as apenas na massa. Depois de bem uniforme a massa, despeja-se numa fôrma untada de manteiga e polvilhada de farinha de rosca. Forno regular.

### ARROZ DOCE COM ABRICOTS

Compota de abricots, arroz doce, 1/2 colher de café de farinha de batatas, 1 a 2 colheres de sopa de aguardente.

Põe-se o arroz doce pronto em uma fôrma de anel molhada, depois de bem frio, vira-se em um prato e coloca-se no centro a compota de abricots. Desmancha-se a farinha de batatas com um pouquinho de água, engrossa-se com ela a calda dos abricots, passa-se por uma peneira, adiciona-se a aguardente e serve-se frio com o doce de arroz.

### PUDIM DE ARRAK

125 gramas de manteiga, 100 gramas de farinha de trigo, 100 gramas de açúcar, 6 ovos, 1 cálice pequeno de arrak, casca ralada de limão, 1/2 litro de leite.

Ferve-se o leite com a manteiga e o açúcar e põe-se a farinha, fazendo-se um mingau delicado. Junta-se então as gemas, uma a uma, o arrak a casca de limão e por último as claras batidas em neve.

### TORRADINHAS DE WANDA

3 ovos, 250 gramas de açúcar, 250 gramas de amendoas raladas, 1 1/2 colherinha de canela, uma ponta de faca de casca de cravo em pó, a casca ralada de meio limão, 1 colherzinha de café de farinha.

Bate-se os ovos com o açúcar e mistutura-se com os outros ingredientes. Estende-se a massa na grossura de 1/2 cm em uma táboa polvilhada com açúcar e assa-se em assadeira polvilhada com farinha, em forno médio.

Depois de fria, corta-se filetes e leva-se novamente ao forno para torrar.

### VATAPÁ

Os preparos: 1 1/2 quilo de garoupa, 1 quilo de camarões frescos, 2 côcos ralados, 1 xícara de amendoim torrado e socado, 300 gramas de camarões secos, descascados, torrados e socados, 2 colheres de azeite de dendê. Faça um bom refogado junte algumas pimentas, malaguetas socadas, a garoupa e os camarões descascados, e leve a cozinhar numa panela bem coberta e sem água. Tire lascas do peixe, e reserve assim como os camarões. Tire o leite dos côcos e reserve, e leve o bagaço dos côcos ao fogo com 5 xícaras de água, depois côe, junte os camarões secos e os amendoins socados. Ferva um pouco, junte o môlho do peixe e passe tudo pela peneira. Tempere com sal, à vontade, e leve ao fogo, engrossando o môlho com um fubá de arroz desmanchado num pouco do môlho frio. Junte o peixe os camarões, e o leite dos côcos. Deve ficar como um creme espesso. Fora do fogo adicione 2 a 3 colheres de azeite de dendê, misture e despeje num prato grande e ao redor cerque com o angu de maizena tirado das tigelinhas.

### ANGU DE MAIZENA

Faça um angu de maizena com 1 litro de água, 6 colheres de maizena e sal. Leve ao fogo, ferva bem e despeje ~~em tigelinhas e dei~~xe esfriar para sairem inteiras, se juntar o leite de 1 côco fica mais gostoso.

### CREME DE LIMÃO

1 litro de leite, 3 ovos, 120 gramas de açúcar, 1/2 colher de sopa de maizena, casca ralada de 1 limão. Dilui-se a maizena em um pouco de leite frio, junta-se ao leite fervendo, misturado com açúcar e casca de limão, mexese e deixa-se cozinhar 1 a 2 minutos. Despeja-se sôbre as gemas batidas com 3 colheres de leite e bate-se bem, juntando-se por último as claras batidas em neve. Arruma-se em taças ou copos de vinho e serve-se com Waffeln.



## SOPA JULIANA

*PARA 2 litros de caldo, 150 grs. de cenouras, 100 grs. de nabos, 1 alho porro, 1 galho de aipo e L. 4 de repolho partido fininho e passado em água a ferver. Parta os legumes em tirinhas de 3 cms. de comprimento e vá deitando em água fria com algumas gotas de limão. Depois escorra num pano, tempere com meia colher de sal, meia de açúcar, leve numa frigideira com um pouco de manteiga e deixe passar um pouco, sem esfiar. Jogue no caldo quente e deixe cozinhar até os legumes ficarem tenros, sem se desfazerem.*



CINE-NOVELA

# ASSASSINATO ENTRE ESTRÊLAS



TODO o mundo julga que Hollywood é a meca dos que ambicionam fama e fortuna; lugar sonhado pelas beldades, espertalhões e gente de verdadeiro talento. Porém, Hollywood é também a cidade das ilusões perdidas... cidade cujo esplendor oculta sinistros segredos. — Eis aqui a história de uma dessas desventuras, que culminou num assassinato! Era, a que alterou a vida de cinco personagens fabulosos!

Lawrence O'Brien (Richard Conte), produtor cinematográfico, novaiorquino, possui o agudo olfato detetivesco e a perseverança de um Sherlock Holmes. Aluga um estúdio em Hollywood, pequeno, mas famoso, durante a época do cinema mudo e enquanto inspeciona o edifício vai se absor-

**(Hollywood Story)**

**Elenco:**

| | |
|---|---|
| Lawrence O'Brien | **RICHARD CONTE** |
| Sally Rousseau | **JULIA ADAMS** |
| Vicent St. Clair | **HENRY HULL** |
| Sam Collyer | **FRED CLARK** |
| Mitch Davis | **JIM BACKUS** |
| Tenente Budd Lennox | **RICHARD EGAN** |
| Mr. Miller | **HOUSELEY STEVENSON** |
| Roland Paul | **PAUL CAVANAUGH** |

Direção de WILLIAM CASTLE ★ Produção de LEONARD GOLDSTEIN ★ Apresentação da Universal-International

vendo mais e mais com a história que lhe relata o velho porteiro.

A história é sôbre o misterioso assassinato de Franklin Ferrara, célebre diretor de filmes mudos, assinado em sua vivenda de estúdio, 22 anos atrás, sem que nunca se conseguisse descobrir o culpado. O'Brien decide fazer uma película baseada na vida e morte de Franklin Ferrara. Investiga minuciosamente lendo os jornais da época estudando os arquivos da polícia e falando com tôdas as pessoas que pudessem dar-lhe alguma informação acêrca da família Ferrara.

Mitch Davis (Jim Backs), amigo de O'Brien e seu sócio Sam Collyer (Fred Clark), industrial milionário, são contrários ao projeto, alegando que o assassino

é um caso já esclarecido e ninguém está interessado nêle. Mas o jovem produtor recusa o conselho e contrata o escritor Vicent St. Clair (Henry Hull), autor da maioria dos argumentos dirigidos por Ferrara e interpretados por Roland Paul (Paul Cavanaugh) e Amanda Rousseau, duas celebridades da tela silenciosa. St. Clair que durante vinte anos levou uma vida solitária encerrado numa cabana na praia de Malibu, aceita escrever o guia da película, só porque O'Brien lhe oferece uma soma vultosa.

Quando o projeto se torna público, O'Brien recebe a visita do tenente da polícia Lennox (Richard Egan), o qual oferece seus serviços no caso de que necessite. Mais tarde alguém tenta matá-lo com uma bala que não o atinge e, por último, Sally Roussau (Julia Adams), linda filha de Amanda, trata por meio de rogos e ameaças fazê-lo desistir de seu propósito. Segundo diz, a impulsiona o desejo de evitar à sua mãe um novo sofrimento; 22 anos de silêncio apagaram a sombra da suspeita que recaía sôbre os íntimos de Ferrara e não era justo voltar a expor a muitos inocentes a curiosidade pública. O'Brien ainda que impressionado com a beleza da moça, se mantém firme.

A moça se despede muito irritada e êle decide seguí-la. Uma quadra mais adiante a vê encontrar-se e conversar familiarmente com Roland Paul, o ídolo, de ontem hoje reduzido a simples extra. A relação dos pais o desconserta, como o desconserta também a antipatia que Collyer mostra pelo escritor St. Clair e a informação que êste lhe dá de que Collyer era sócio de Ferrara ao tempo de sua morte.

O jovem produtor, enamorado de Sally, consegue convencê-la para que o ajude na investigação. Certo dia recebe uma chamada telefônica de um tal Charles Rodale, antigo secretário de Ferrara, que lhe promete dar informações importantes sôbre o assassinato e lhe cita um quarto do hotel da praia. O'Brien dá a Sally a direção para que avise a polícia no caso de que se demore mais do que o necessário. Ao entrar na casa de Rodale um forte golpe dado por mãos desconhecidas o deixa sem sentidos. Ao voltar a si encontra Rodale morto por uma bala. Depois de poucos minutos chega o tenente Lennox.

A bala que matara a Ferrara nunca havia sido encontrada. O'Brien visita de novo a vivenda do morto. Faz funcionar a pianola e de novo nota certa dissonância na melodia, dissonância que já havia notado durante sua primeira visita. Seu instinto sugere uma idéia, tira o rôlo, vê nêle uma perfuração irregular, o desdobra e encontra incrustrada uma bala calibre 32.

Se inteira de que Sam Collyer tem uma pistola dêsse calibre, e com tôda a franqueza de amigo vai vê-lo e o interroga abertamente sôbre o particular. Collyer confessa que a bala pertence à sua pistola, mas não foi disparada por êle. Na noite do assassinato estêve em casa de Ferrara, o qual o tinha chamado por telefone, mas ao chegar já encontrou-o morto. Mas, infelizmente, O'Brien encontrou no automóvel de Collyer uma senda do parque de estacionamento de carros perto do hotel onde foi assassinado Rodale.

Entretanto, Lennox prendeu como culpado das mortes de Ferrara e Rodale, a Roland Paul, baseado nos seguintes casos: Paul e Amanda Rousseau estão casados; Sally é sua filha e Paul se comunicou com Rodale pouco antes de morrer. A teoria da polícia é que Paul matou a Rodale porque êste sabia demasiado. Mas apesar de que o ator se confessa culpado de ambos assassinatos, O'Brien não se dá por satisfeito.

Há algo que não se enquadra dentro de sua lógica de detetive. Por que Roland Paul se declarou culpado, sem que existe nenhuma prova decisiva contra êle? Sua intuição lhe ajuda a solucionar o enigma. Um medalhão com o emblema da família Ferrara que Collyer tirara da mão do morto, o conduz até o verdadeiro assassino. Este ao ver-se descoberto trata de matar a O'Brien e fugir logo, só para morrer no mesmo lugar em que há 22 anos antes caíra sua vítima.





# PUXE PELO CÉREBRO

## NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

| | | |
|---|---|---|
| Nenhuma resposta certa | Estado primitivo | Homem-macaco |
| De 1 a 3 .............. | Cultura inferior | Selvagem |
| De 4 a 6 .............. | Cultura média | Estudante ginasial |
| De 7 a 11 .............. | Cultura superior | Universitário |
| De 12 a 14 .............. | Genial | Um sábio |
| Tôdas as quinze ........................ | | O gênio em pessoa |

1 — QUANTAS COMPANHIAS DE ESTRADAS DE FERRO HÁ NO BRASIL

— Dez?
— Vinte e oito?
— Trinta e nove?

2 — DE QUE MEMBRO DE NOSSA ACADEMIA DE LETRAS É A OBRA: "OS LOUCOS CRIMINOSOS E OS CRIMINOSOS LOUCOS:

— João Neves da Fontoura?
— Gustavo Barroso?
— Ataulfo de Paiva?

3 — EM QUE LUGAR DO MUNDO FOI RECEBIDA A PRIMEIRA MENSAGEM TRANSATLÂNTICA PELO SEM FIO:

— Em St. John, na Terra Nova?
— Em Nápoles, Itália?
— Em Londres?

4 — QUE SIGNIFICA "ANDROFOBIA":

— Horror à imundicie?
— Repugnância ao sexo masculino?
— Preguiça de andar?

5 — QUE NOME TEM A CAVEIRA DE BOI COMO ORNAMENTO ESCULTURAL:

— Bucrânio?
— Cefalofilia?
— Cornucópia?

6 — QUE QUER DIZER "CARMONA":

— O ferrolho que fecha em cima e em baixo?
— O tôpo dos mastros de proa dos navios?
— Uma médica de secos?

7 — QUE VEM A SER "DISCÓBOLO":

— Pessoa aduladora?
— Fabricante de discos?
— Atleta lançador de discos?

8 — UMA PESSOA QUE ESTÁ ENFRAQUECIDA DO OLFATO É:

— Disósmica?
— Hepática?
— Hipotêmica?

9 — QUAL É O NOME POR INTEIRO DO POETA OLEGÁRIO MARIANO:

— Joaquim Batista Olegário Mariano?
— Olegário Mariano Carneiro da Cunha?
— Sizenando Olegário de Oliveira Mariano?

10 — QUE QUER DIZER EFÊBO:

— O individuo que chegou à puberdade?
— O homem efeminado?
— Rapaz de constituição fraca?

11 — A FISALITA É UMA VARIEDADE DE:

— Berilo?
— Ametista?
— Topázio?

12 — QUE QUER DIZER INERME:

— Pessoa sem fôrças?
— A que caiu ao chão?
— Ou a pessoa que está sem armas?

13 — O "JERERÊ" É:

— Um peixe?
— Aparelho de pescar?
— Uma ave?

14 — QUE SIGNIFICA "LABÉU":

— Uma nota infamante?
— Chapéu de abas largas?
— Uma embarcação do baixo S. Francisco?

15 — QUAL O NOME QUE OS CAMPONESES DÃO AO CAVALO VELHO E IMPRESTÁVEL, EM VÁRIAS ZONAS DO BRASIL:

— Barbatão?
— Pelego?
— Matungo?

(Respostas na página 54)

## EU VI A GUERRA DE PERTO

(Cont. da pág. 19)

lado a fazer de travesseiro e no chão, bem à mão quando estivesse deitada, uma soberba garrafa de "wisky" por abrir... Despedi-me solenemente à "porta" do meu quarto e estendi-me, tão fatigada, que nem o quepi tirei. Adormeci quasi instantaneamente, por estranho que pareça, entre desconhecidos, protegida apenas pela dignidade curiosissima que o sexo masculino possui quando uma só mulher necessita do apoio incondicional de vários homens.

Dias se passaram, muitas noticias contraditórias acêrca do avanço e do recuo, tanto dos aliados como dos vermelhos, surgiram e bastantes foram os regimentos que visitei acampados em Adongki, Ch'unch'ŏn, Hongch'ŏn, Pup' Yông, Pisokchon, Sowon-san, Kejangch'on, Ch'angch'on-ni, Tupodong e Kimpo. Nestes lugares fui hóspede dos famosos regimentos 24th. Eighth Army, 25th., 19th., e 35th Eigth Army, do General Tahsin Yazici, que é o comandante da Brigada Turca, do Major J.B. Bowers, da 1sr. Rok Division e 999th. A. F.A. BN., e de todos trouxe a visão do maior aprumo que jamais me fôra dado conhecer.

### PRIMEIRO CONTACTO COM OS RESULTADOS DA GUERRA

O troar dos canhões, castigando o inimigo, retumbava imponente. Quase ensurdeci. Estávamos a cinco quilômetros das linhas contrárias. O nosso "jeep" seguia, rápido, o do general, envôlto em poeira. Sentado atrás de nós um soldado de espingarda-metralhadora pronta a entrar em ação olhava atentamente árvores, restos de casas e montes... Acariciei a minha "parabellum". O momento estava impregnado de tensão. Atravessamos alguns acampamentos a desmancharem-se. Nunca vi tantos homens bonitos e jovens. Suas idades oscilam entre os dezenove e vinte e poucos anos. Muitos pediram licença para me fotografarem. Olhavam-se curiosos e nostálgicos. Soldados sul-coreanos admiravam-se ao passar, porque era, para alguns, a primeira mulher branca que êles viam em suas vidas. Paramos algumas vêzes. Aproveitei para trocar impressões com oficiais e soldados.

— Falo um pouco de espanhol, senhorita. Sou de New México, Albuquerque, Norte América. Deixe que lhe tire uma foto?

Volto-me para ver quem fala. Dou com uns olhos enormes, belissimos, uma cara morena e um ar cortês. Deixo-me fotografar. Sua timidez era visivel. Pergunto-lhe o nome. Chama-se Cecilio E Sanchez, sargento do 25th. Divisão de Infantaria e tem vinte e dois anos. Fala-me saudoso da sua terra e dos seus. Afirma que esta retirada nada quer dizer.

Volto para o meu "jeep", saúdo enternecida o grupo que me ficou a olhar, e finjo não ver o amigável ar irônico de John Thompson, "Jack" para todos nós, o célebre correspondente do "Chicago Tribune", que, por sua vez, finge não reparar que minha bôca está trêmula e meus olhos rasos d'água. E' que ambos sabemos que êsses rapazes serão os primeiros que, talvez esta noite ou na madrugada próxima, terão de sofrer o primeiro embate. Continuamos a viagem. Atravessamos agora uma linda floresta. Linda só quando se mira a copa das majestosas árvores porque o caminho que os "tanks" abriram, rasgando-a sem dó, está aos lados, cheio de autos voltados, incendiados, desfeitos. Ali, um capacete de aço sem dono, mais além o cadáver dum cavalo, restos de vestuário, papéis soltos e latas vazias. Penso quantas vidas findaram seus anseios e seu direito a uma morte menos horrivel. Saimos da floresta e avistamos ao longe o monte Sowôn-san a arder. Os canhões dos aliados alcançaram-no amplamente. Atravessamos rios, areais intermináveis, caminho de animais selvagens. O "jeep" a tudo resistia galhardamente. Fumo cigarro após cigarro. John acompanha-me nessa distração. E' a única que temos ao atravessar terrenos que custaram vidas e vão custar muitas mais. A explicação disso, para mim, não existe. Eu não entendo esta guerra. Nem eu nem ninguém de bom carater. Só a pode mentender os que enriquecem à sombra dela. Mas êsse não têm nome. Ou, por outra, têm-no demasiado feio para que eu possa escrevê-lo. Os especuladores das guerras! Tôda a ciência do mal é pouca para os fazer sofrer um

ACIDO URICO
REUMATISMO
ARTRITISMO
GOTA
LYTOPHAN

ria. Infelizmente êles sempre existirão enquanto houver ambição desmedida no mundo, que é o mesmo que dizer, que essa gentalha viverá sempre, de geração em geração, levando no sangue a marca da vilania e no rosto a expressão torpe das criaturas vendáveis. Mas, deixemos essa mescla de mau e péssimo, cuja lembrança enche meu coração de fel e prossigamos a viagem agora de retôrno ao acampamento.

SILÊNCIO E DESOLAÇÃO

Caminhamos agora muito de vagar. As filas dos transportes e dos homens enchem tôda a estrada. Mais caminhões, mais "tanks", mais canhões ligeiros e pesados, ferro, fogo e aço, a trindade infernal do momento que vivemos. Ela passa imponente, apesar de calada, em ondas compactas e apinhadas de homens que não falam. Êste silêncio de milhares de homens que vejo passar é, além de enervante, impressionante em demasia. Reprovação à idéia da retirada? Tristeza pelo terreno perdido, anteriormente tão duramente conquistado e onde viram tombar companheiros queridos em um sacrifício que agora julgam inútil? Nostalgia dos lares? Lancinante incerteza do dia de amanhã? Não sei. Só sei que não os gostei de ver assim tão apáticos. E dei, a mim mesma, uma explicação que deve ser a verdadeira: cansaço, fadiga apenas. Porque homens que se bateram como êstes bravos se tem batido até agora não podem sentir nada do que escrevi antes. Na realidade é só cansaço. E' só fadiga.

Mais casas incendiadas, aldeias completamente arrasadas. Só se sabe que existiram porque os escombros calcinados ficam acima do nível da estrada. Árvores retorcidas, atingidas pelas chamas, cessaram a sua vida e jazem hirtas, sem possibilidade de reflorir e de esperar outra primavera, utensílios domésticos espalhados denunciam a fuga desabalada e um espelho, milagrosamente inteiro, no meio daquêle aniquilamento, reflete-nos ao passarmos. Que rostos se debruçaram sôbre êle? De quanta coqueterie foi testemunha? E' inútil interrogá-lo. A sua superfície lisa está ensombrada pela poeira do caminho. Dir-se-ia que ela desceu sôbre êle como um afago para embaciá-lo eternamente, e não deixar que outras imagens se fixem ali. Uma futura bala acabará com êle como com um ser vivente. Nossa vida é emprestada aos espelhos e êles só são imutáveis quando sòzinhos.

Chegamos ao acampamento de onde partíramos de manhã cedo. Recolho-me à minha tenda de campanha, dispo o meu casacão e enchendo meu capacete de aço, com água bem fria, refresco rosto e mãos. Vou jantar, pela última vez, com os outros correspondentes. Tiramos uma foto e aperto a mão de todos. Com o meu já querido saco ao lado, meu cantil e minha pistola, boné derrubado para os olhos, o nariz e a bôca protegidos do pó por um lenço, definitivamente instalada no "jeep" do LT. Col. Marley, disponho-me a regressar a Seoul.

ADEUS SEOUL! POBRE E MARTIRIZADA CIDADE SEM DONO!

Casas desventradas, janelas sem vidros, com órbitas sem olhos, paredes retalhadas pelas rajadas de metralhadoras, bairros residenciais completamente desfeitos, comboios calcinados e lançados longe como pequenos brinquedos, largas avenidas esburacadas, uma cabine telefônica onde o telefone está ainda suspenso, num balanço estranho. Quantas pessoas estão sob os seus escombros? Onde está a formosura desta cidade? Para onde foram a música das suas "boites", a alegria dos seus teatros, o perfume das suas flores, o riso dos seus homens, a exótica beleza das suas mulheres e o riso suave das suas crianças? Onde estão os belos quadros do seu lindo museu, as obras de arte, as relíquias de um grande passado e os êxitos desportivos da moderna geração que nas Olimpíadas de 1948 se representou tão brilhantemente nas modalidades de natação, hockey no gêlo, patinagem e lançamento de disco, esta última ganha por uma moça, Miss Pak Bong-ski? Médicos, advogados, jornalistas, poetas, escritores, bancários, a alta sociedade e o povo, onde se encontram? De milhares de pessoas consta que atualmente só vivem em Seoul, que abandonarão novamente amanhã, cem pessoas. Ruas silenciosas de aldeia numa cidade completamente destruída e mergulhada, à noite, em completa escuridão. Para onde foram? Só o silêncio me escuta. Novamente as passadas dos soldados e o barulho da sua máquina de guerra enchem as torturadas ruas. Atravessa-se Seoul como se atravessa uma estrada solitária e arruinada em qualquer ponto. Da capital da Coréia, da sua maior cidade nada mais resta. Minto. O branco e imponente edifício do Capitólio ainda está de pé, cheio de cicatrizes do fogo e da metralha, mas de pé, com o "bakground" magnífico das montanhas majestosas. Só isso dá uma visão do que teria sido Seoul. Seoul a cidade morta. Seoul a cidade disputada, cruelmente, sem ideal elevado. Seoul a cidade que, como certas mulheres, profundamente infelizes, não tem destino nem rumo, já não é moça nem velha, é um farrapo que resta da rica roupagem de outróra.

Adeus Seoul! Martirizada e pobre cidade sem dono!

## GIGANTESCAS EXPERIÊNCIAS...

(Cont. da pág. 7)

As listas eleitorais foram organizadas com um ano de antecedência e com muita dificuldade, visto que grande parte do eleitorado é analfabeto. As dificuldades foram muitas. Muitas mulheres se recusavam a dar seus nomes de casadas. Preferiam assinar — "Mulher de Fulano de Tal". Qualquer outra forma pareceria desrespeitosa, segundo seus costumes.

A eleição foi realizada por meio de cartões, que contém a impressão digital do eleitor. Na ocasião da eleição esta é comparada com a do possuidor do cartão pelos funcionários da mesa. Isso impede muita fraude, como tem acontecido em outros pleitos asiáticos.

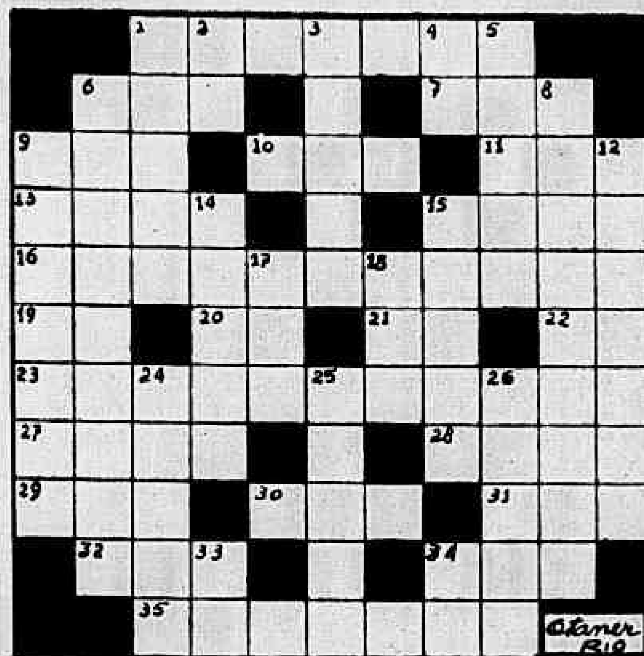
Para que o leitor analfabeto saiba em que candidatos está votando as cédulas são depositadas em tantas urnas quantos são os partidos, com o símbolo dêstes encimando-as. Assim, podem fazer sua escolha.

O partido do Congresso é simbolizado por uma par de bois, os socialistas por uma árvore, o partido dos "intocáveis" por um elefante, os comunistas (que não estão fora de lei) por foice e uma foice.

"Essa grande experiência democrática" — como disse Pandit Nehru — "terá como resultado muito mais do que proporciona à Índia um govêrno eleito pelo povo. Demonstrará o valor do sistema democrático numa época em que grande parte do Extremo Oriente está tendendo para o totalitarismo. As suas conseqüências serão sentidas muito além das fronteiras da Índia".

# PALAVRAS CRUZADAS

## Problema N°. 91 para Veteranos



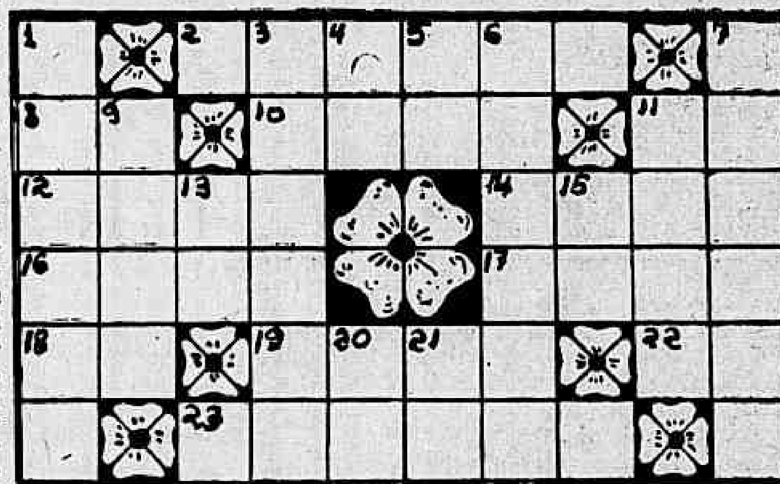
HORIZONTAIS: — 1. Não têm pressa na execução de um serviço — 6. Espécie de ruão — 7. Abadia em ruínas da França, perto de Bionne — 9. Constelação austral — 10. Vezo — 11. Aflição — 13. Mamífero roedor — 15. Disfarce — 16. Misteriosos — 19. Símbolo do metal de pêso atômico 23 — 20. Rio da Livônia que desemboca no golfo de Riga — 21. Antiga cidade da Mesopotâmia — 22. Medida romana de pêso — 23. O que tem a mania de andar sem destino — 27. Afluente esquerdo do Sena — 28. Pedaço de madeira — 29. Antiga medida holandesa de capacidade — 30. Peixe das águas açoreanas — 31. Rio da Suíça — 32. Coisa muito doce — 34. Dó-bemol, na nomenclatura alemã — 35. Bornal de pedinte (pl.).

VERTICAIS: — 1. Canindé — 2. Prefixo que denota refôrço — 3. Cesto de pescar — 4. Prefixo designativo de ausência — 5. Região da França no departamento de Gironda — 6. Atravessariam — 8. Planta da família das Leguminosas — Papilonáceas (pl.) — 9. Presente que se dá pela páscoa — 12. Entoar — 14. Refeição que os primitivos cristãos faziam em comum — 15. Desconfiança — 17. Borra do vinho — 18. Homem de dinheiro — 24. Antigo nome de Ermezinde, freguesia de Valongo (Port.) — 25. Difama — 26. Gralhas (denominação indígena) — 33. Entre êles — 34. Entre nós.

★

## Problema N°. 91 para Novatos

HORIZONTAIS: — 2. Cultor curioso de qualquer arte — 8. Crença — 10. De viva voz — 11. Ali — 12. Lavrar — 14. Despacho, feitiçaria (pl.) - 16. Peça elástica que serve de motor a qualquer mecanismo - 17. Enfeita — 18. Carta de baralho - 19 Ente supremo - 22. Expressão de dor - 23. Folha de palmeiras (pl.).



ACIR LAFFITTE · Curitiba - Pr. 1951

VERTICAIS: — 1. Dar boa fama — 3. Habitação — 4. Atmosfera — 5. Oferece — 6. Que tem óleo — 7. Dupla (pl.) — 9. Deus do amor — 11. Pano grosso impermeável — 13. Outra coisa — 15. Símbolo do bromo — 20. Antiga forma do artigo "o" — 21. Único.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N° 90 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Eiá — Mom — Chó — Da — Zimbo — If — Tubel — Ouvido — Pado — Moer — Ve — Ar — Ajan — Dari — Cado — Olga — Ça — Aea — Fi — Caravançará — An — Balão — Ia — Fão — Sho — Rol.

VERTICAIS: — Edt — Iaupejaçanã — Milo — Om — Mbum — Hidrargirio — Ofó — Zed — Ôvo — Ba — Ie — Vac — Ria — Adar — No — Dó — Alfa — Avas — Ealh — Anão — Caf — Ab — Co — Aal.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Arómata — Mal — Ar — Lá — Rir — Cal — Ao — Rã — Mil — Abalara.

VERTICAIS: — Amarada — Om — Mar — Al — Atalaia — Rio — Lar — Til — Ma — La.

**Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.**

# TUDO ISTO

## O conto do relógio

UBIRAJARA Pinheiro, residente no Território Federal do Rio Branco, é um homem de boa-fé. Levou anos a trabalhar àrduamente, a fim de, um dia, fazer uma excursão ao Rio, cidade de que diziam maravilhas. Tomou um navio, desceu o Amazonas, chegou a Belém e de lá veio de avião para o Rio. Que viagem estupenda! Uma série de panoramas dos mais belos, sôbre a imensa faixa do litoral brasileiro, desvendando-lhe portos, rios, baías, angras e enseadas encantadoras. Era o Brasil na sua pujança sem par. Chegou ao Rio e foi para um hotel modesto, ali na rua dos Andradas. Não era grãfino, nem milionário. Queria gozar uns dias de descanso na capital da República. No mesmo dia em que se acomodou no hotel vestiu-se e saiu para umas espiadas. O movimento o impressionou. Gostou da cidade, de seu povo apressado, das ruas cheias de gente para lá e para cá, dos seus cinemas, suas praias e arranha-céus. Julgava-se em segurança pessoal. Não havia no Rio os ladrões e passadores de contos do vigário de que tanto lhe falaram lá no Rio Branco. A polícia estava alerta, sempre na vez de pagar os meliantes. Mas, ao descer a rua do Ouvidor, em meio daquele mundo de gente, entrou em conversa com êle um cidadão bem apessoado e bem falante que lhe ofereceu uma pechincha: um relógio de ouro que valia 30 mil cruzeiros, pela bagatela de 12 mil. Era negócio urgente de quem precisava de dinheiro. O nosso Ubirajara olhou, examinou o relógio e ofereceu dez mil cruzeiros. O outro só faltou chorar. No final da transação, pagou Cr$ 10.700,00. Chegando ao hotel, o fazendeiro mostrou a pechincha. Mas não valia nem quinhentos cruzeiros! Que decepção! Como a cidade ficou triste...



## Deus lhe pague

*TRANSMITE-NOS um telegrama de Nova York, para a imprensa carioca esta comovedora história: "Há três meses sepultou-se na vala comum do cemitério de Potter, um velho de oitenta e quatro anos, que, de há muito ali vivia, pelo fato de ser indigente. Chamava-se êle Henry Chapin, era diplomado pela Universidade de Harvard, onde se doutorou em 1901. Teve colegas ilustres, como o poeta Robert Frost, e foi íntimo do filósofo Henry James. Mas Chapin sempre viveu afastado dos companheiros e das atividades universitárias. Era um misântropo. Dizia, às vêzes, que essa vida arredia era devida às grandes necessidades de dinheiro por que passava, o que lhe trazia dificuldades na continuação dos próprios estudos. Os seus colegas se cotizavam e lhe arranjavam recursos para sua matrícula na Universidade. Faltava dinheiro para a viagem, e êles o auxiliavam. Sua vida era um eterno lamento. Metia dó. E assim foi arrastando o trapo da existência o velho Chapin, até que, sentindo-se mal, foi internado num dos Hospitais de Brooklin. Não tinha ninguém por êle. Do confôrto num leito de nosocômio onde tantos choram e se lamentam, êle nada sentiu, uma vez que não tinha parentes. Se os tivesse, êstes fugiam dêle. Quem quer saber de um doente pobre, indigente, às últimas num catre de hospital? E o infeliz entregou a alma ao Criador. Doze dias estiveram seus restos mortais à espera de quem se lembrasse dêles, no necrotério. Afinal, foi sepultado. Mas se verificou esta surprêsa: o velho indigente deixara 500 mil dólares num Banco de Nova York! E' a história do "Deus lhe pague". Talvez agora surjam parentes com lágrimas nos olhos, chorando a perda do querido Chapin.*




## Que sono!

HÁ pessoas de sono tão profundo, que nem mesmo um terremoto pode despertá-lo. Essas pessoas são muito queridas dos gatunos visitadores de casas e apartamentos. Já houve até casos em que os ladrões levaram roupas, jóias, dinheiro e o próprio dono dessas coisas, deixando-o vestido de Adão aí por êsses desvãos de ruas desertas. Mas o caso recentemente passado com o sr. Reys Guzman é de desmoralizar proezas de faquires. Guzman, um jovem de dezessete janeiros, natural da capital do México, parece ter batido todos os recordes de sono profundo. Sempre que se empregava, para não perder a hora do expediente, colocava quase em cima do ouvido um despertador. Mas o pobre relógio tocava, tocava, tocava, despertando todos os vizinhos de quartos contíguos ou distantes, e Guzman não acordava. Perdera vários empregos por essa causa. Que fazer? Pedia a terceiras pessoas que o acordassem a determinadas horas; mas tais pessoas se cansavam de bater na porta, estrondosamente, como quem quer deitar parede abaixo, e Guzman... nada. Um dia, o rapaz saiu para o trabalho, ainda meio confuso. Queria dormir ainda uma horinha. Mas lá estava o livro de ponto exigindo sua assinatura, do contrário seria descontado em seus vencimentos. Guzman, ao aproximar-se do escritório, viu em certo local por onde passava uma estrada de ferro, excelente "leito" entre uns dormentes. Não teve dúvidas e compartilhou com o trem do leito da estrada. Era a via férrea da Missouri Pacific Railroad. Deitou-se e dormiu. Um trem apontou. O maquinista não teve tempo de parar a composição, só o fazendo mais adiante. Todo mundo quis ver a desgraceira. Mas lá estava Reys Guzman a roncar! Nem o trem o despertou. E' o Rei do sono!



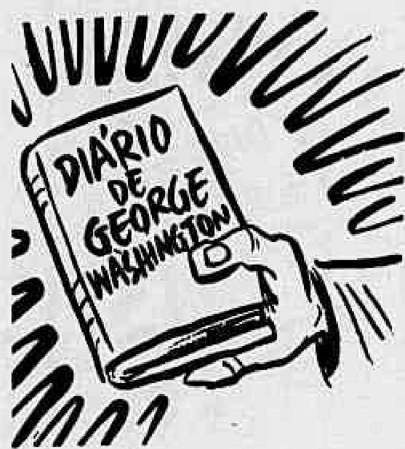



# QUEM NÃO TEM CÃO...

**Soldados norte-americanos na frente de batalha na Coréia aproveitam-se de uns momentos de trégua para tirar o seroto do corpo. Joe, à esquerda, encontrou êste caldeirão de metal, encheu-o d'água, arranjou um foguinho por baixo e se meteu lá dentro com sabão e tudo. Mas o seu colega de lutas já não foi tão feliz. Não dispondo de melhor vasilha, recorreu ao seu capacete, que mal dá para lavar os pés estropiados. E, enquanto Joe está contente e se ensaboa a valer, o outro está resmungando: "Deixa-te estar, jacaré, que a lagoa vai secar". A guerra tem dêsses pitorescos...**

# ACONTECEU

## As idéias de Washington




*UM telegrama de Harrisbourg, Pensilvânia, estampado em jornais do Rio, diz o seguinte: "A Comissão Histórica do Estado de Pensilvânia acaba de descobrir nos arquivos do seminário de Quebec, no Canadá, a tradução de um texto escrito por George Washington, há 198 anos, e perdido desde então. Trata-se do diário escrito pelo futuro herói da Guerra da Independência, durante a campanha de 1754, contra os franceses e índios, na Pensilvânia Ocidental; George Washington, que comandava um grupo de colonos da Virgínia, ao lado dos inglêses, perdeu seu diário no momento da queda do forte denominado Necessity. O texto caiu em mãos dos franceses e foi traduzido como documento que podia conter informações de interêsse militar. A cópia descoberta no seminário de Quebec traz a seguinte anotação do governador francês do Canadá: "Nada é mais desprezível, mais baixo ou mesmo mais negro, do que as opiniões e a maneira de pensar dêsse Washington". Que idéias eram estas? As mesmas idéias do nosso martirizado Tiradentes em relação ao Brasil; as mesmas de Bernardo Vieira de Melo, de Frei Caneca, de Felipe dos Santos: a independência da Pátria. Mas o governador francês do Canadá estava defendendo os interesses do seu Rei e Senhor contra o surto de rebeldia do jovem povo da América do Norte. George Washington, herói da guerra da emancipação americana, sonhando com uma Pátria livre e soberana, tinha essas "idéias negras", "baixas", "desprezíveis", tão simpáticas ao Novo Mundo e tão perturbadoras dos sonos dos déspotas do século XVIII. O descobrimento dêsse "Diário" mostra que Washington não era apenas um patriota. Era também um pensador.*

## Música brasileira

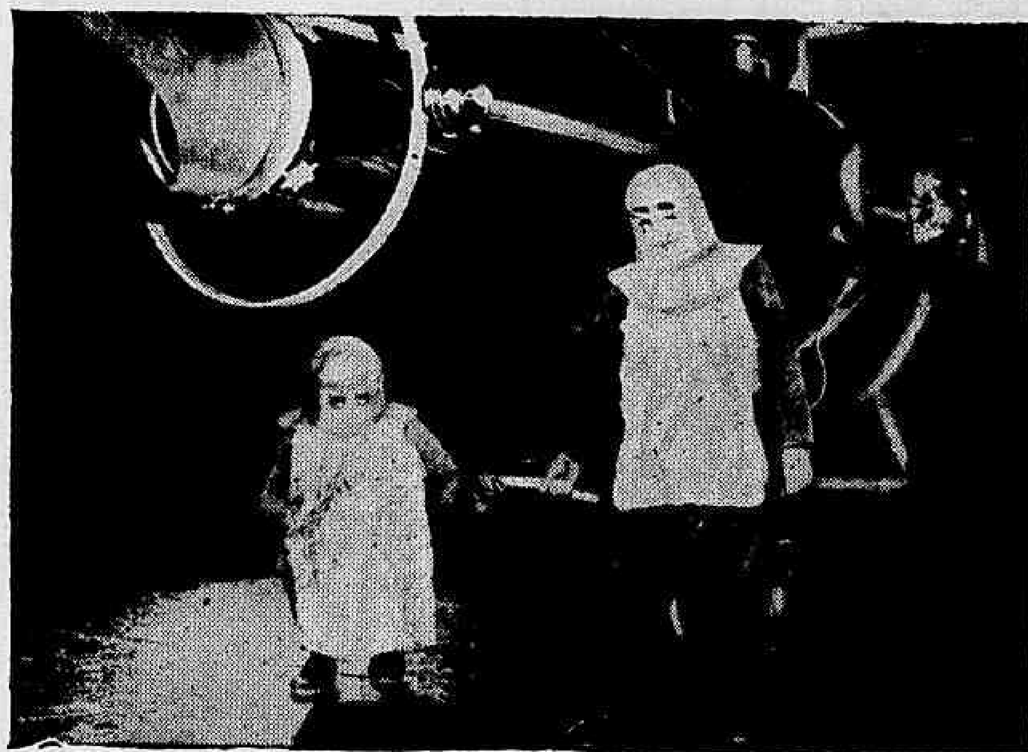



O compositor patrício Heitor-Vila-Lobos escreveu o poema sinfônico, "Erosão", cujo tema encerra a lenda da criação do rio Amazonas. Êsse poema acaba de ser executado pela primeira vez nos Estados Unidos, pela Orquestra Sinfônica Nacional, sob a direção do próprio Vila-Lobos. Segundo a crítica daquele país, sempre muito severa e exigente, "Erosão" constituiu um dos mais retumbantes sucessos artísticos da música brasileira nos Estados Unidos. Obra musical rica e exótica, traduzindo todo o sentimento brasilista de seu autor, "Erosão" conseguiu robustecer as tradições de cultura de nossa terra através do famoso Vila-Lobos. Êsse compositor está para a Música, entre nós, como Portinari, para as artes plásticas. Vila-Lobos cria suas obras de acôrdo com a natureza, os usos e os costumes nacionais. Êle não se inspira em coisas alienígenas. Quer musicalização nossa, estritamente nossa, brasileiríssimamente brasileira. Aprofunda-se em nossas lendas e narrativas, nos motivos do folk-lore nacional e transporta para o pentagrama os estos da inspiração de seu espírito culto e insubmisso. Não tem vaidades, nem quer ser um clássico; sua música que também é clássica, porque é de *classe*, é a própria encarnação da pátria naquilo que ela possui de mais belo e digno: suas lendas e tradições. "Erosão" arrancou justos aplausos entre críticos e ouvintes lá dos Estados Unidos. E' colorida essa sinfonia, tem ritmos que empolgam, timbres que sòmente as almas predestinadas sabem compreender. Vila-Lobos aumentou de muito o prestígio do Brasil lá fora, e a lenda do nascimento do Amazonas, mais bela e mais compreensiva, graças às harmonias de suas notas musicais.

## Roupa suja




*DE volta do Uruguai, aonde foram a fim de participar do Festival Internacional do Cinema, em Punta del Este, estiveram no Rio vários dêsses astros e estrêlas de variada grandeza hollywoodiana. Estiveram e, com certeza, ainda estão, ao sair êste tópico. Os jornais divulgaram uma entrevista bastante curiosa acêrca do estado de má conservação da roupa de uma inteira constelação de astros que passaram pelo Rio. Dentre os muitos que foram hospedar-se no Copacabana Palace, destacavam-se: Merle Oberon, Robert Cummings, Reginald Gardner, Constance Morre, todos muito afáveis, porém trazendo tôda a roupa em péssimo estado de conservação. O anfitrião, sr. Jorge Guinle, que lhes ofereceu jantares e horas de excelente passa-tempo, teve que providenciar para a imediata lavagem da roupa suja que os astros e as estrêlas traziam no corpo e nas malas. Explicaram que em Punta del Este não se serviram das lavandarias. Cuidariam disso quando chegassem ao Rio; mas surgiu esta terrível situação: sòmente dentro de três dias, no mínimo, teriam as roupas limpas e passadinhas. Um horror! Como poderia uma estrêla aparecer diante dos fãs com roupas sujas? E um astro de Hollywood, de paletó amassado e pouco cheiroso? Robert Cummings estava desolado, a almoçar junto à piscina do Copacaba-Palace, e enxugava o suor, e explicava melancòlicamente, ao repórter: "Não estou em trajes de esporte porque é esta a minha última roupa limpa". Felizmente não procuraram lavar "roupa suja" para que todos ouvissem. Se aparecer algum mexerico, a culpa não é dêles, uma vez que os seus comentários são de lavandaria e não de bastidores...*



**QUE DIABO SERÁ ISSO? —** Não é nada de misterioso, leitor, nem êstes dois estranhos sêres vieram de Marte ou Netuno. São êles operadores publicitários a serviço de uma emprêsa de propaganda de Salzgitter, na Alemanha ocidental. Estão protegidos com vestimenta e capacete contra o calor tremendo do «canhão de publicidade» para projetar anúncios no céu. O jacto de luz tem uma potência de 4.500.000 velas, e produz calor de assar jacaré em segundos. A luz projeta os dizeres a 50 mil metros, mas é indispensável que haja nuvem para servir de tela. O processo é sensacional e tem aprovado



**RATAS DE DOMICÍLIO —** Maria Biffault, à esquerda, e Anna Roth, jamais deram a suspeitar de sua honestidade e bom procedimento. Ambas sempre viveram dentro do maior respeito à lei e à propriedade privada dos seus semelhantes. Mas, um dia, Anna foi pegada em flagrante e tudo veio a furo: esta se empregava em casas de bons recursos, de famílias distintas, e, em combinação com a comparsa Maria, ia mudando o que era dos patrões para a residência comum. Ei-las diante do Tribunal, sendo julgadas pelos crimes praticados durante dez anos, num total acima de cem milhões de francos



**EM BUCKINGHAM PALACE —** Primeira foto que se colhe do rei Jorge VI, da Inglaterra, depois da intervenção pulmonar que sofreu. O flagrante foi tomado a 14 de novembro de 1951, por ocasião do terceiro aniversário do príncipe Carlos, primogênito de Elizabeth e Felipe. Os seus reais avós abriram os salões do Palácio para uma recepção, já que não fôra possível realizá-la em Clarence House, como estava projetada a festa, em virtude de conselhos médicos. E aqui estão: O Rei da Inglaterra, o príncipe Carlos, a princesa Ana e a Rainha Elizabeth segurando a netinha real

# EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO

*Esta comunicação dada em Sessão Pública, no Centro Redentor, desta capital, em Setembro de 1949, pelo Mestre Luiz de Mattos, é u'a mensagem de confiança e esperança às criaturas, na Terra. Severa advertência aos que, pela indolência ou preguiça mental, se conservam na indigência material ou espiritual, aponta-lhes, ao mesmo tempo, o caminho seguro para a redenção.*

*Palavras duras, talvez, porque francas e sinceras, mas que merecem ser meditadas.*

*Daí, êste folheto, que lhe oferecemos, leitor amigo:*

A educação para o trabalho, nos dias que correm, é uma necessidade imperiosa.

E' preciso que todos se convençam de que o trabalho faz bem à saúde, dignifica as criaturas, enobrece-as, tornando-as dignas de admiração e fazendo-as sentir-se orgulhosas em bastar-se a si mesmas.

Vivem errados os sêres humanos que se lastimam, choram misérias, se revoltam, porque tudo isso enfraquece e prejudica o espírito na luta que tem de manter na Terra.

Há muita gente que se queixa sem razão, que se conserva em estado de miséria, por não ter vontade de trabalhar, de vencer as dificuldades surgidas na estrada da vida, e a êsses cumpre-nos incentivar e fazer-lhes sentir a necessidade de cooperarem para diminuir a miséria no mundo.

Para se vencer na vida, é preciso ter ânimo forte, vontade dirigida para o bem, perseverança nos empreendimentos e, sobretudo, disposição para o estudo e trabalho.

Há, atualmente, no mundo, muita miséria, desajustamentos de após-guerra, crises econômicas e intranquilidades, mas nem tudo que vemos e assistimos é resultante da situação atual do mundo ou da falta de tranquilidade que reina entre os povos; há muita miséria provocada e criada pelas criaturas em virtude de indolência, falta de princípios educativos, vícios adquiridos e alimentados com o desamor ao trabalho.

Há muita miséria, sim, mas também existe falta de disposição para o trabalho e de educação, que leva o sêr humano a vencer suas dificuldades pelo seu próprio esfôrço.

Deve-se socorrer a miséria, a velhice desamparada, a infância desvalida, deve-se auxiliar aquêles que enfermam ou ficam inválidos, sem ter quem lhes acuda, ou não mais possam trabalhar, mesmo porque o sêr de bons sentimentos não poderá ver seu semelhante passando necessidades.

— Mas, nenhum espírito encarna para ser mendigo ou pedinte!

A miséria, as doenças, as privações por que passam certos espíritos na Terra, são estados transitórios que devem ser vencidos na luta pela vida, a que todos estão sujeitos neste mundo.

Ninguém deve se arrepender de se ter esforçado para ser ou conseguir alguma coisa neste mundo, porque todo esfôrço é coroado de êxito. Às vêzes, nem sempre imediato, é verdade.

Mas, a atitude assumida, o trabalho dispendido, o esfôrço empregado, a vontade posta em ação, aguçaram o raciocínio, fortaleceram o caráter, aprimoraram virtudes que influirão nas futuras campanhas empreendidas pelo espírito e concorrerão para a vitória.

E' preciso que se ampare a infância, o inválido e o enfêrmo, mas, também há necessidade de se obrigar a estudar à criança, de fazer trabalhar ao preguiçoso, ao indolente, ao vadio, para não lhes alimentar vícios que os conservarão indefinidamente na miséria.

Essa é a seleção que não se tem sabido fazer.

No Racionalismo Cristão sempre se dirá a Verdade, agrade ou não, para que muita gente não se engane nem se iluda. Aqui, não há lugar para protetores de criaturas nem se admite vadiagem ou vícios quaisquer.

Pugnamos pelas criaturas valorosas, altivas e esclarecidas, que saibam o que são e o que andam fazendo no mundo.

Saibam, assim, aquêles que conhecem os princípios desta Doutrina, compreendê-los e praticá-los, como sêres lutadores, dignos e honrados e tudo vencerão e serão felizes.

LUIZ DE MATTOS

## QUATRO GERAÇÕES APLAUDIRAM...

(Cont. da pág. 34)

mava, que envolveu a romântica aventura da cortesã amorosa em uma atmosfera ao mesmo tempo eslava e "modern-style" que teria espantado Alexandre Dumas.

Tudo isso "se passava em tempos muito antigos": os do cinema mudo. Mas foi só depois de ter adquirido o uso da palavra que o Cinema, com dois filmes muito diferentes, fêz obra verdadeiramente pessoal a respeito de um tema que se poderia crer um tanto usado e lhe permitiu afirmar uma vez mais a sua juventude e a reserva de emoção. O primeiro, francês, deve-se a Abel Gance e foi interpretado por Yvonne Printemps e Pierre Fresnay — o par nº 1 do cinema francês. O outro, americano, é de Georges Cuker e assiste-se, graças a Greta Garbo, à interpretação mais humana, mais esmagadora da personagem de Margarida Gauthier.

Que, cem anos depois, "A Dama das Camélias" continui igualmente perto da alma da multidão — seja em que latitude for — que tenha resistido aos vendavais da moda, às variações do gôsto, que tenha inspirado atrizes de origens tão diferentes, com concepções da arte, temperamento e formação tão dispares, será uma prova que se trata não só de uma peça bem feita, como se tem dito, que correspondia a um momento da sensibilidade romântica do declínio, mas também a prova de uma real qualidade humana tendo uma vez por tôdas encontrado o caminho que conduz ao coração.

---

## LUCIANA

(Cont. da pág. 35)

Naquele baile, de que depois muito se falou, Luciana foi de surprêsa, sem Amândio saber, sem nem a peonada desconfiar. Saiu ao sábado para visitar uns vizinhos e de lá foi ao baile sem compreender por quê. Talvez, no fundo, com o desejo de ver o que fazia Amândio entre aquelas moças bonitas.

Todos se surpreenderam ao vê-la chegar e, mais do que todos, Amândio, que procurou ocultar-se atrás de um cinamomo. Mas ela o vira bem e, como se não procurasse reconhecê-lo, conversara com a dona da casa demoradamente enquanto um rapaz tomava-lhe das mãos as rédeas e o rebenque. Quando ergueu os olhos Amândio tinha sumido. Depois viu-o dançar com muitas moças. Enquanto ajudava a preparar a janta espiava a sala de baile. Na terceira ou quarta vez achou-o muito chegado à filha de Seu Quito. O ciúme doeu-lhe tão forte, tão agudo, que talvez naquela hora pudesse matar Amândio a rebencaços, se o pegasse de jeito.

★

— Prá mesa, pessoal! — o dono da casa gritou para que todos ouvissem.

O gaiteiro fechou a gaita e, entre risos, todos saíram da sala e foram sentando em tôrno da mesa.

Luciana ia levando um prato de farinha, que Dona Sara esquecera, quando viu dois vultos no corredor, braçando-se, e quedou-se ali, sem movimento, sabendo que era Amândio beijando outra mulher. Sabendo, querendo fugir e grudada no chão, com o prato de banda escorrendo farinha no assoalho formando um pequeno monte alvo e arredondado. A surprêsa fôra tão grande que nem se assustou quando a puxaram de leve para trás.

— Por que olha? Que importa?

Ela se virou e mal teve tempo de ver o rosto de Rafael chegando-se ao seu.

— Não! Me largue! — murmurou. Depois, quase chorando: — Me deixe, pelo amor de Deus!

Rafael largou-a.

— Então, não sabia?

— Não. E que me importava saber? Não sou dona de ninguém.

— Mas, falaram que...

— Falaram coisa nenhuma. Eu também não tenho dono. E Amândio faz o que quer. E escolheu muito bem, pelo visto. Tomara que case! Agora, me deixe passar, seu Rafael.

— Não me dê senhoria, Luciana. Para quê? Vai dançar muito comigo, não é?

— Claro! Claro, Rafael, que vou dançar tôda a noite contigo — Luciana falou bem alto e riu, sem nem dar por isso, uma risada aguda, sonora, borbulhante, como o riso que ela invejava nas outras mulheres. E passou pelo corredor, de onde o casal fugia apressado.

★

Foi uma bela noite para Luciana. Riu muito. Conversou com Rafael e com outros moços que via pela primeira vez. Não dançou com ninguém, mas também muitas moças ficaram num canto, sem par, porque os namorados faziam roda para Luciana e passavam entre a sala e a cozinha trazendo-lhe doces, cerveja, licores, que ela aceitava ou recusava, conforme a cara do rapaz.

Rafael sentou ao seu lado e contou-lhe coisas que a fizeram rir. Do outro lado da sala Amândio, inquieto, procurava conversar com a namorada e entre uma palavra e outra espiava um pouco o grupo que rodeava Luciana. As senhoras vinham ali, riam, cochichavam, depois saíam para tornar a voltar em seguida. Nunca haviam pensado que Luciana pudesse ser tão alegre.

Ela nunca fôra bonita como naquela noite, com os olhos brilhantes de riso, a bôca vermelha, o cabelo espalhado nos ombros, sedosos, as missangas brilhando muito e as mãos ágeis, em movimentos nervosos completando histórias e dichotes.

— Nunca foi tão bonita! — pensou Amândio quando ela passou para ir à ramada, com um andar balanceando, os saltos fazendo barulho, os cabelos, os olhos, as missangas, tudo luzindo como nunca num riso doido, sonoro, contagioso.

★

Depois do café, já dia claro, Luciana saiu, como as outras moças, para se reunir ao grupo que a trouxera. Atrás dela Rafael fazia tilintar as esporas.

Na frente da casa a cavalhada esperava, pescoço espichado, pastando pachorrentamente.

Os músicos montaram, deram gritos de despedida e lá se foram ao tranquinho.

— E' agora que eu quero ver! — pensou Luciana.

Lá adiante a meninota de Seu Quito olhava para todos os lados como à espera de alguém.

— Posso ir contigo, Luciana? — perguntou Rafael.

— Espera um pouco. Não me despedi de Dona Sara — e olhou devagar para os lados, como se estivesse a divertir-se com os abanos e os gritos dos que, ao trote, iam tomando o rumo da segunda-feira.

A guria de Seu Quito já fazia beiço para chorar quando recém Luciana viu. Amândio estava ali torcendo o chapéu na mão, olhando duro para Rafael e os dois se medindo com os olhos.

— Ah! Seu Amândio! Bom-dia!

— Bom-dia, Luciana.

— Divertiu-se?

— Nem tanto. Por quê?

— Ah! Pensei...

— E então? E' hora de ir.

— Parece-lhe? Pois então vamos! Passe bem, seu Rafael. Espero que a gente se encontre mais seguido. O baile estava bom mesmo!

— Então, Luciana. O sol já está quente — Amândio enfiou o chapéu com um gesto de raiva. E apressadamente ajudou Luciana a montar.

Enquanto ajeitava os estribos, Amândio chamou Rafael com um movimento de cabeça e resmungou-lhe:

— Vai na estância ver Luciana. Talvez te alegre um pouco — e bateu com a mão na faca embainhada.

Do alto do cavalo, Luciana atirou um sor[...] para a gurisota que, apesar dos beliscões da [...] chorava com a cabeça encostada nos pelegos.

— Deveras, acho que o sol está ficando q[...] Seu Amândio. E' tomar o rumo das casas.

Iam em silêncio quando Amândio tossiu.

— Sabe? Acho uma boa idéia aquilo de f[...] com o patrão e fazer rancho prá beira do m[...]

— Ah. E'? Pois faça, Seu Amândio. Fa[...] Nunca é de mais um rancho. E, depois, até [...] eu vou pensando.

E riu alto, alto, para o dia claro, para o [...] enorme, aquela risada sonora que aprendera [...] baile.

### RESPOSTAS AO TESTE

1—39
2—Ataulfo de Paiva
3—St. John na Terra Nova (12-12-1901)
4—Repugnância ao sexo masculino
5—Bucrânio
6—Ferrolho que fecha em cima e em baixo
7—Atleta lançador de discos
8—Disósmica
9—Olegário Mariano Carneiro da Cunha
10—Indivíduo que chegou à puberdade
11—De Topázio
12—Pessoa que está sem armas
13—Aparelho de pescar (camarões e pequenos peixes marginais
14—Nota infamante.
15—Matungo

O Vice-Presidente da República e Senhora Café Filho ofereceram no Gabinete da Vice-Presidência uma recepção aos representantes do corpo diplomático credenciado perante as autoridades brasileiras. Quis o Sr. Café Filho, com êsse gesto, fazer sentir aos delegados nas nações amigas, recentemente visitadas por S. Excia., o seu reconhecimento à maneira altamente generosa com que foi recebido por essas nações.

A festa foi um acontecimento social da maior simplicidade, porém muito brilhante, que a todos deixou ótima impressão, tendo contado com a presença da Exma. Sra. Darcy Vargas, altas autoridades, ministros de estado, representantes dos diversos partidos políticos junto à Câmara dos Deputados e Senado Federal e elementos diversos da imprensa e da nossa melhor sociedade.

O auditório do Palácio do Trabalho, em dado momento, ficou repleto, porque os convidados, depois de recebidos gentilmente pelo casal Café Filho, e, após o "cock-tail", passaram a assistir a um interessante "show" oferecido por artistas patrícios, no decorrer do qual foi relembrada em episódios de fino humorismo a recente excursão do Vice-Presidente a diversos países europeus.

Nesta página, estampamos alguns flagrantes da primeira recepção que o Sr. Café Filho ofereceu à nossa sociedade como Vice-Presidente da República, no dia 24 de janeiro p. findo.









# RECEPÇÃO NO PALÁCIO DO TRABALHO



# RÁDIO EXCELSIOR DA BAHIA

A ZYD-8 — Rádio Excelsior, de Salvador, capital do Es'ado da Bahia, em brilhante solenidade vem de iniciar uma nova etapa de sua existência sempre em progresso. Estas páginas focalizam alguns aspectos da inauguração do seu transmissor de 10 kilowats, fato que motiva esta reportagem. A emissora baiana é, sem favor, uma das mais eficientes e conceituadas do país, não só em face de suas modernas instalações como sobretudo pelo valor de seus programas. E', como se costuma dizer, a "emissora da família baiana". A inauguração foi levada aefeito pelo sr. dr. Antônio Calmon de Brito, Diretor Regional dos Correios e Telégrafos na Bahia, com a presença de altas autoridades, elementos da sociedade e do povo.



A cantora internacional M... ria da Graça exibindo-se ... programa inaugural da ZYD...



O Dr. Antônio Calmon de Brito, após ter inaugurado as novas instalações, ladeado pelos diretores da Rádio Excelsior



A "Família Pacatinho", um dos grandes cartazes da Excelsior, participando do programa de inauguração da querida emissora baiana



Um aspecto da assistência que superlotava o auditório da emissora dos 10 quilowats

# A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 16 de Fevereiro de 1902

## CRÔNICA

*SOU mais feliz do que vós, gentilíssimas leitoras da RE-
VISTA. Tivestes, bem o sei, durante três dias, a ilusão de
um mundo onde dançar, bisnagar e combater em liça aberta
com serpentinas e "confetti" fôsse a exclusiva ocupação dos
trezentos e sessenta e cinco dias com que a folhinha brinda a
humanidade nos anos não bissextos. Eu não dancei, não bis-
naguei, não combati. Fui um covarde, um zé palonso, um im-
prestável. "Parece um velho!" — murmurava irônicamente
uma vizinha muito formosa que pintou o sete nesse tríduo
memorável. Li, escrevi, dormi... dormi, principalmente, en-
quanto os meus companheiros, por gôsto, como quem exerce
um sagrado dever, sacrificavam nos altares de Momo o me-
lhor dos seus talentos, energias e virtudes.*

*Pois não creiam que tivesse sido esquecido neste tohu-bohu
universal. Houve muito quem se lembrasse de mim. Sem eu
o saber, ob e subrepticiamente fui nomeado secretário de um
grupo organizado na REVISTA e que aliava ao supremo luxo
a suprema elegância. Gastaram-se para mais de cinqüenta con-
tos e o grupo, afinal, não saiu para não estragar o estandarte.
Assim procedem nos países cultos aqueles que professam
algum amor à intelectualidade pura. Um mimo, êsse retalho
de sêda Marinoni, em cujo enchimento colaboram alguns dos
mais nobres espíritos da casa. Simbólico, um pouco pre-
rafaelista, decorativo como um "panneau" de Puvis de Cha-
vannes. Em fundo branco, branco como o arminho, a lua em
uma das suas fases mais interessantes, aquela em que para os
míseros mortais reveste todo o aspecto de um ser humano.
Ligeiros toques no formoso disco reproduzindo as florestas,
os rios, os vales e montanhas da paisagem lunar. De joelhos,
junto da imensa curva argêntea, da loura Hebé, inspiradora
dos poetas e dos namorados, um homem em atitude solene e
refletida, o olhar perdido na rotunda luarada, significando o
meigo e elevado culto que nesta fôlha se professa à poesia e
ao amor. Por baixo, uma legenda inspirada em que a palavra
expólio com "x" punha uma nota finamente irônica à revisão.
Não era belo? Era. Pois até essa alta honra recusei.*

*E sabem por que recusei? E sabem por que me julgo mais
feliz do que vós, gentis leitoras da REVISTA? E' porque o so-
nho do Carnaval é belo mas o despertar é tremendo, duro e
cruel. "Duro como a verdade; cruel como a necessidade" —
como diz o conde Trast, na Honra!*

*JACQUES BONHOMME*




**Capa da edição de 16-2-1902, com a fotografia do jazigo do General Porfírio Díaz, na Cidade do México, onde estêve depositado o corpo embalsamado de José Higino, falecido naquela capital quando representava o Brasil no Congresso Pan-americano que ali se realizava**

## OS TEATROS

Repercutem ainda pelas nossas
salas de espetáculos os últimos
ecos das últimas quadrilhas car-
navalescas; pairam ainda pelos
ares os derradeiros confetes e as
mimosas serpentinas; parece se
ouvir ainda, ao longe, o murmú-
rio dos últimos máscaras e o ba-
rulho da cavalhada dos luzidos
préstitos; paira enfim, no am-
biente, ainda um quê de Carnaval,
de folia, de loucura; parece se
ouvir ainda o bimbalhar dos gui-
sos e as gargalhadas doidas de
Momo e do seu séquito: que há,
pois, para falar em teatro?

Pouco, quase nada.

Está marcada para a próxima semana a tão ansiosamente esperada **première** do **Quo Vadis** no Recreio; estão sendo dados os últimos retoques e a última demão à gigantesca peça que parece destinada ao mais ruidoso sucesso, bem ensaiada como está sendo pela companhia Dias Braga.

Continua sua marcha triunfal no Lucinda o **Quase!...**, o vaudeville que tão correta interpretação tem por parte da troupe Cinira Polônio. Também para a semana vindoura subirá ali à cena **A Mulher do Comissário**. O sucesso do **Quase!...** não tem sido sòmente no Lucinda mas também no teatro do Parque Fluminense, onde, pela mesma troupe, tem sido representado.

Para Santos partiu uma bem organizada companhia de opereta e comédia, sob a direção do ator Brandão.

A 23 do corrente realiza-se, no teatro de S. Pedro, um belo festival em benefício do Instituto de Proteção à Infância.

Entre outros trechos, serão executados por amadores o quinto ato da ópera **Fosca** e a invocação do **Guarani**, e a primeira audição do poema musical **Hino a Jesus**.

Os novos artistas ùltimamente chegados para a troupe do Cassino são excelentes atrativos para essa boa casa de espetáculos.

Nas noites cálidas que temos tido, precedidas de dias tropicais, têm servido de lenitivo as agradáveis casas de diversões aqui existentes, tais como a Guarda Velha, o High-Life e os jardins do Parque Fluminense e Passeio Público, onde, a par de uma temperatura mais agradável, apreciam-se bem bons espetáculos de variedades.

P. V.

## O ÁLCOOLISMO NA ALDEIA

O alcoolismo na aldeia:

— Então, tia Maria, o seu marido seguiu o meu conselho?... Já se não serve de cálices?

— Sim, senhor doutor, mas... agora bebe em copos grandes.


# REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 7 ★ 16-2-52

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
**Gratuliano Brito**

**PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

| | |
|---|---|
| Porte simples — Um ano ...... | Cr$ 200,00 |
| Seis meses .................... | Cr$ 100,00 |
| Registrada — Um ano ........ | Cr$ 230,00 |
| Seis meses .................... | Cr$ 120,00 |

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

| | |
|---|---|
| Registrada — Um ano ........ | Cr$ 350,00 |
| Seis meses .................... | Cr$ 180,00 |

**O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50**

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

**Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional**

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**Êste número consta de 60 páginas.**

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

**Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro**

TELEFONES:

**Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria 22-5602 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-[illegible]**

# MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por
técnicos especializados

## TAPÊTES FEITOS À MÃO
## TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores




## GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —




**65 rua da CARIOCA 67 — RIO**



é o fumante que faz o cigarro...

A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e noutros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!




cigarro Hollywood

*uma tradição de bom gosto*

UM PRODUTO SOUZA CRUZ